

# REPÚBLICA PORTUGUEZA

FOLHA SEMANAL

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE COIMBRA



ANNO DE 1873

QUINTA FEIRA 1 DE MAIO

N.º 1

## A REPÚBLICA PORTUGUEZA

As elevações do ideal, graduadas no termómetro da civilização pela mão mysteriosa de muitas gerações, que surpreenderam em sua alma o segredo de energias eternamente creadoras; o movimento ascensional da idéa que deu coragem a tantos heroes, resignação a tantos martyres, entusiasmo a tantos corações, que gerou nas mães aquella sublime dedicação por seus filhos, no barbaro o sentimento do justo, o instincto do amor, a ancia da perfeição; as afirmações successivamente mais perfectas da natureza racional e sentimental do ser social; asseguram-nos na alta creença de que o homem tem a propriedade de se transformar, de ser espirito humano, isto é, espirito progressivo.

Para ser espirito humano, para ser espirito progressivo é necessario ser espirito social e para ser espirito social é necessario ser espirito politico.

Esta entidade synthetica, universal e harmonica, chamada Humanidade, desenvolve-se na sciencia, na arte, na industria e egualmente na politica, como em outros tantos organismos em que ella realisa de um modo racional e humano os seus maravilhosos destinos, livre das concepções dogmaticas da theologia, que, theorica e dogmatica, com o seu dogma da divindade da pressão enormemente ingrata de uma potencia invisivel e sempre em colera, as mais bellas aspirações, as idéas mais generosas, os sentimentos mais puros e honestos que sentiu o coração do homem.

Esta feição real das sociedades, a politica, é, mais que tudo, dominada pelo movimento irresistivel que leva os homens e as cousas em busca de um estado melhor, porque todos sentem em si a voz solemne da natureza a repetir-lhe aquelle tremendo CAMINHA, CAMINHA, que foi formulado de um modo severo, audaz e formidavel em dias immortaes; em dias em que o espirito humano escreveu a epopeia dos seus destinos, illuminado pela faisca das revoluções, por essas auras esplendidas da historia em que foi permittido ver ao longe na densa noite do futuro os grandes castigos das presentes injustiças sociaes.

Sim, a politica, como manifestação das tendencias de um povo, como foco onde se vem encontrar os raios luminosos que partem de sua alma, como verdadeira resultante moral das variadas forças componentes, que actuam no homem debaixo dos raios de intelligencia que medita, de coração, que aspira o aroma da flor do sentimento, de consciencia que alimenta a chama do dever, de imaginação que em seus azas mysteriosas nos arrebatou para além d'este mundo fragil da materia; a politica, a verdadeira politica, o exercicio dos direitos e deveres, não podia escapar à lei da evolução progressiva que domina todas as esferas do nosso ser, como a lei do movimento rege todos os organismos. A arena das grandes luctas, das grandes commoções, dos altos interesses sociaes e dos altissimos interesses de um povo ficaria sempre a mesma! Como seria possivel esta grande condensação moral a que se chama o espirito moderno, a consciencia de nossos dias, o objectivo da actualidade, sem a progressão politica que foi

vagarosamente elaborando os materiaes para o sustento de tantas forças, maravilhas da civilização contemporanea?

O principio genesiaco, que vac permanentemente renovando a historia, faz com que o problema politico tenha de soffrer uma nova solução, uma renovação que o moderno pensamento da sciencia tem formulado segundo as eternas bases da Liberdade e da Justiça, eixos de revolução e movimento do universo moral, na concepção presente, como o privilegio e a casta o foram do universo moral, segundo a concepção dos espiritos demasiadamente empiristas do passado.

A esta nova solução chama-se politica democratica, — a affirmação integral dos direitos do homem no seio da Republica.

A idéa universal da democracia, que é a unica verdadeira, que é a unica compativel com a dignidade de um povo, appareceu apoz o grande abaixamento moral a que os systemas reaes levaram as sociedades; fortificou-a o estudo dos homens e da natureza, a lição dos grandes sabios, a experiencia do mundo, as tendencias fataes da sociedade, a contemplação de muitas miserias, o espectáculo de muitas revoluções, que hão agitado profundamente a historia, e, acima de tudo, este alto sentimento de egualdade, que, confusamente entrevisto, em longos delirios de ignorancia, começa hoje a elevar-se sobre o horizonte das aspirações humanas como o ponto para onde ascende a marcha do ser individual e colectivo.

Como seria possivel que este paiz, que se affirmou em uma das creações mais gigantescas do genio do homem que pela sua alma aventureira trouxe novos mundos, novas civilizações á federação do genero humano, ficasse immovel diante d'este geral espirito de renovação?

A Republica Portuguesa vem ao mundo em momentos criticos. E' necessario dizer verdades amargas, derrotar muitas illusões, acommetter muitos prejuizos, descobrir muitas chagas, e, sobre tudo, derramar muita instrucção, inundar de muita luz a alma do povo, já que a decrepita monarchia não nos vai preparando outro legado que a ignorancia, a qual, durante tantos seculos serviu de capa aos seus desvarios. Para fazer isto, que é muito, só tem os homens d'esta folha, um apoio, uma força, que ninguem conseguirá arrebatar-lhe, e que se chama convicção.

Seremos justos, teremos a inflexibilidade do dever.

Nesta hora em que a imprensa se prostitue pelos lupanares da polemica soez, abandonando a missão civilisadora que lhe está destinada; quando as grandes coisas, as bellas idéas, as altas aspirações da consciencia social são sacrificadas ás ninharias de uns tantos homens, que pretendem eleva-las á cathedra de sérias; quando todos conhecem a necessidade de inocular novos sentimentos na alma humana, não seria para admirar o silencio da mocidade, mãe fecunda d'onde vão sahindo todos os progressos que se cumprem á face da terra, e depositaria permanente do grande patrimonio moral da Humanidade, chamado a honra?

Pois bem; a Republica Portuguesa parte da mocidade e dirige-se á mocidade, por-

que é nella que está o fermento da grande obra do futuro. Arvora a bandeira da dignidade humana, que é a bandeira da democracia.

## POLITICA NOVA

As nações de outr'ora alargaram a terra e os seus dominios pela descoberta de novos mundos; descarregaram a consciencia do homem, porque tiraram de cima de seus hombros o peso insupportavel das religiões; dilataram o espaço pela criação de novos instrumentos, para o conhecer, o telescópio, a luneta de Galileu, a bussola; a intelligencia pela formação de novas sciencias, a chimica, a geologia, a sciencia historica, a economia politica. Respeitaram a dignidade humana pelo reconhecimento do direito, pela egualdade perante a lei para todos, pelo alluimento da escravatura e das castas antigas, pela equação do imposto e sua extensão a todos, pela morte emfim de tantas outras monstruosidades que hoje pertencem só á historia.

O seculo actual aproximou as distancias, pôz a Europa a alguns dias de jornada de America; fez a palavra tão leve e tão rápida, como o próprio pensamento por meio do telegrapho; transporta diariamente os productos de uma nação para as outras por meio do gigante da actualidade — a locomotiva; e todavia no meio d'este trabalho immenso do martellar de todas as officinas, no meio de tantas coisas novas e tantas maravilhas, a alma continúa a suspirar, agitando-se num turbilhão de pensamentos, incoherentes e contradictorios sem paz, nem descanço.

E' que para tudo isto se não descobriu uma lei de harmonia e equilibrio que repartisse justamente a vida por todos os membros das nações; é que não se inaugurou ainda até hoje uma politica positiva, dependente das relações naturaes dos povos, os quaes, sujeitos a leis superiores vivem como os mundos supralunares, sujeitos ás leis de atração e repulsão das nacionalidades mais activas, mais fortes, ou mais proximas; a unica capaz de trazer ao mundo o socego e o repouso, porque tanto aneiam os homens.

Surgiu a industria a vapor, a alta, a grande industria; despregou azas de abutre e cobriu com ellas o espaço; e o trabalho das machinas não tem servido até hoje, senão para tornar mais poderoso o rico, fazer mais pobre o proletario, inutilizando a machina os seus braços.

Estabeleceram-se as communicações com a America, com a Asia, Africa, Oceania, Polynesia, com todos os pontos do globo; e o commercio, e as relações de nação para nação não tem servido até hoje senão para enriquecer algumas d'estas á custa das outras; e nós estamos ainda no tempo de Voltaire e Rousseau, em que se dizia: *Para que um ganhe é necessario que outro perca. Não ha nenhum possuidor de navios que não goste de ver os do seu concorrente submersos no fundo do mar.*

Exploração de individuo para individuo, exploração de povo para povo desde a base

até á cupula do edificio social, eis o que tem sido a sociedade.

Emquanto aos inventos modernos, os caminhos de ferro, os telegraphos, as machinas a vapor, enquanto mesmo ao estudo das sciencias, quem não vê que só goza tudo isto quem possui dinheiro, ou quem sabe ler? Deitaeis fogo á bibliotheca, barbaros? escrevia ha pouco no *Annee terrible*, a aguia de Guernesey: *Eu não sei ler, responde o comunista e incendiario.*

E ainda nos queixamos de que os povos ignorantes sejam destruidores; e desejem aniquilar a sociedade. Hão de sel-o sempre em quanto lhes apresentarmos d'estes espectaculos.

Quereis tornal-os socegados e pacificos? Destruí a causa do mal.

Não digaes que todos somos eguaes perante o nascimento e que só deve exercer os empregos publicos quem for capaz; e contra esta theoria apresentaes logo na cupula do vosso systema o rei hereditario sem responsabilidade, com plenos poderes para assassinar, corromper e desgraçar uma nação sem que haja um tribunal que o julgue.

Não digaes que os homens são livres perante a sua consciencia, visto que podem ter a religião que lhes aprouver, e depois, no exercicio d'este direito, logo coarctaes-lhe todas as garantias porque não lhes deixaes erguer um templo, nem os deixaes contrair o matrimonio livre de formula alguma religiosa, e nem os consideraes aptos, se não forem catholicos, para exercer qualquer emprego.

Prégaes a liberdade de industria, acabastes com as profissões, e hoje, ó industrias, quando algum operario vos vai pedir trabalho, vos respondeis-lhe: trabalha por tanto ou morre parte ahí de fome!

E assim; a vossa liberdade de industria tornou-se a liberdade da miseria; a vossa liberdade religiosa — hypocrisia, ou o odio terrivel dos fanaticos contra os que pensam livremente. A vossa egualdade uma palavra fermentada, o vosso commercio uma industria de chetins; e toda a politica emfim uma politica de phariseus.

Mas não penseis que sophismando todos os principios de ordem social matareis com a pratica os mesmos principios. Não! o povo desde que lhe ensinou um credo, uma coisa nova, nunca mais a esquece; e os poderes constituídos, embora retrogradados, vêem-se obrigados a transigir e a aceitar o que já estava feito. Foi assim que Luiz XVIII restaurou a Carta, e as camaras; e em 1870 a monarchia de Hespanha se viu obrigada a deixar de pé o suffragio universal, obra da revolução; coisa identica que já se tinha feito pela occasião do golpe de estado de Luiz Napoleão em 1852.

O povo nestes momentos sabe o que faz; destroe os poderes e restabelece a lei na sua pureza.

A sciencia positiva, de que este jornal é orgão, vem pôr um cobro a todas estas anomalias, e abrir caminho expansivo e largo no campo das reformas sociaes a todos os principios de ordem, moralidade e justiça, sepultados até hoje nas ruinas das velhas sociedades.

Vimos regular o governo da sociedade pela sciencia superior da philosophia natural, de que a philosophia politica não é se-

não um pequeno modo de ser, assim como o mundo animal e ainda todo o globo, não é senão um pequeno átomo, comparado com a grandeza infinita dos mundos.

Fortalecidos com as lições dos sábios mestres da politica desde o tempo de Voltaire, Montesquieu até Comte, Proudhon, P. Lerieux, Vacherot S. Mill, vimos inaugurar na nação dos descobrimentos heróicos, a época que funda a sciencia da governação, sobre a acção combinada do ceu sobre a terra, segundo o clima, variedades e accidentes do solo, d'onde provem a *raça*, a *nacionalidade*; convencidos de que os povos são o que o *meio* os faz ser, e não o que quer a vontade de um homem.

Vimos aconselhar ás almas d'este canto do occidente o equilibrio e ponderação dos poderes como unica forma racional de exercer a liberdade sem atrofiarmos á custa umas das outras as faculdades do espirito; e pedir para as nações o que aconselhava Sully e Richelieu em França a Henrique IV e Luiz XIII, politica de bom senso, que era a harmonia entre todos os governos sem nenhum d'elles abusar pelas armas ou pela intriga, calunnia, ou conspiração das camarilhas; a politica da influencia justa que resulta da posição topographica das nações, da grandeza phisica, do seu caracter, ou força atavica, combinadas com a lei da sociabilidade, a qual provem da sympathia pela especie, cuja força é tão intensa que levou o Christo a dizer:—a desigualdade é a lei dos animaes, e a egualdade a do homem.

D'esta maneira entram os individuos para a sociedade não com forças automaticas, como se tem querido fazer acreditar, mas sim como pessoas completas.

A associação torna-se equitativa para cada um de seus membros. A influencia torna-se reciproca de associação para associação, e todos os actos da vida social se resolvem num completo federalismo. As nações poderosas nunca impõem o sistema ás mais pequenas, mas estas vão lá buscar o seu apoio e seguem-as como ideal.

Eis ahí a politica que arvoramos como norma de governo e que desinvolveremos seguidamente durante a vida d'este jornal.

A historia, a *grande mestra da vida*, senão a philosophia natural, como já vimos, estão-nos encaminhando para este fim como o unico aceitavel e que tem mostrado, posto que contrariado, que as épocas, em que se adoptou, foram aquellas em que a liberdade mais floresceu e os povos gozaram de mais garantias.

Sem querer fallar das épocas em que Athenas e Sparta tinham á sua frente sábios legisladores, que tentavam harmonisar os interesses das duas raças, *jonica* e *dorica*, de que as duas republicas eram as representantes por excellencia, d'onde vieram essas immensas colonias, desde Marselha e Sagunto até á extrema Asia, as quaes os dois povos iam espalhando pelo mundo a mãos largas, como as flores em dias de triumpho caem sobre as cabeças dos heroes; sem dizer que tudo isto acabou desde que o sentimento do predomínio começa a irritar o orgulho de cada uma, de modo que tudo veio a ser esmagado debaixo da fera manopla dos romanos; sem querer fallar d'estes mesmos romanos, que foram felizes, em quanto tentaram unicamente influir pela sua politica mais ou menos medianeira sobre os destinos das nações limitrophes, mas que se perderam absolutamente desde que quizeram impôr a sua força ás raças germanicas e orientaes, inteiramente distinctas; bastanos para o nosso intuito passar em revista a politica europeia nas suas fases geraes para provar que a *raça neo-latina* teve sempre, como ponto de apoio nas épocas de mais progresso, a nação franceza, que pela sua antiguidade e pela sua posição no centro d'esta familia de nações, foi sempre um foco de luz e de grande influencia phisica e moral em todos os sentidos em

todas as manifestações do genio e da arte, na sciencia, na administração publica e na litteratura.

O futuro politico da Hespanha andou sempre ligado ás vistas geraes da politica franceza, assim como Portugal seguiu sempre mais ou menos de perto a Hespanha. Os borbons vêm de França. Carlos Quinto, esse grande ambicioso, que na ancía de possuir toda a terra, apeteceu também a França, dizia para o seu rival Francisco I que lhe enumerava todos os seus reinos.

*Sim, mas vós possuís França.*

Nesta phrase do orgulhoso monarcha que se jactava de não ver pôr o sol nos seus estados reconhece-se a lei da politica natural. A Hespanha foi na via de progresso e das descobertas em quanto seguiu a politica franceza até ao seculo XVI; mas desde que quiz inaugurar um governo novo, o reinado do catholicismo sombrio, do queimadeiro e da força, com Phillippe II, foi de queda em queda até a capitulação de *Fontaine Francaise*, d'onde proveu a paz de Vervins a 5 de maio de 1593. A destruição da sua esquadra *invencivel* sobre as costas de Inglaterra, a perda dos paizes baixos, da Italia, e a independencia da maior parte das suas colonias, foi o castigo que os povos impozeram a quem assim os opprimia. Em seguida a Hespanha desapareceu durante dois seculos, para todo e qualquer movimento, para toda e qualquer iniciação no progresso, na industria ou na sciencia, sufocada pela mordida do catholicismo e da inquisição, não deixando apoz de si mais que as cinzas, as ossadas, o luto e o pranto, e a dôr dos martyres da liberdade.

Quando a sciencia de Voltaire, e Rousseau se fez homem, e a revolução veio acordar os povos da Europa, acorrentados ao duplo potro do despotismo monarchico e papal, quebraram-se as gargalheiras antigas; e a Hespanha resuscitou, acompanhando de novo o movimento da politica franceza pela revolução de Cadiz em 1812, pela revolução de 1834, 1848 e pela proclamação da republica actual.

Accusa-se esta grande nação por causa das suas continuas revoluções; aponta-se á Europa como um paiz ingovernavel: mas esquece-se quem assim a calunnia que este magnanimo povo, em todas as revoluções, que tem feito, ha sido sempre guiado pela liberdade e progresso, como acabamos de ver, e pela conquista da democracia republicana.

E o que é hoje a Hespanha se não uma republica, que realisa todas as aspirações dos movimentos revolucionarios anteriores?

Para o corollario ser mais logico e natural, nem ao menos veio como uma revolução.

Foi um facto positivo e em tudo identico á proclamação da republica em França em 1870. Coincendencia notavel! Hoje as republicas estabelecem-se sem derramar uma gota de sangue. Isto inaugura no mundo uma politica nova: a politica da paz.

Agora reaccionarios e conservadores de todas as cambiantes e matizes dizei-nos que os republicanos são perturbadores e desordeiros, que nós vos mandaremos olhar para os montanhosos campos da Catalunha; e vereis quem é que incendeia e tala os casaes, assassina os inermes e indefesos, rasgando os uberrimos seios da patria com a guerra civil.

E Portugal? o que é Portugal perante o movimento da Europa? Qual será a sua linha de conducta perante a joven republica?

Segundo nós, Portugal não é senão uma pequena face da Hespanha, cuja politica seguiu sempre desde que se desmembrou do tronco neasturiano como mostraremos bem breve, e hoje a unica politica, que lhe pode convir, é a *politica republicana*.

Publicou-se o 4.º numero da interessante revista mensal—*O Espectro de Juvenal*. São seus redactores o nosso illustrado

correspondente da capital e o nosso collega de redacção, Magalhães Lima. A fama que tem adquirido esta publicação dispensa-nos de todos os encomios.

E' mais uma machina infernal, semelhante ao ariete dos romanos, contra a velha sociedade.

Para os nossos leitores verem qual o pulso dos escriptores que alli trabalham, transcrevemos, com a devida venia, o soneto anonymo, que é uma obra perfeita.

## ELLE

Lui toujours! Lui partout!  
V. Hugo.

Se faltasse o marquez d'Avila um dia  
Lá ia o pobre Portugal a fundo  
Nesse mar bravo da demagogia,  
Porque o nobre marquez não tem segundo.

Elle preside a tudo neste mundo,  
Elle ampara a pé firme a monarchia,  
Elle no proprio *cache-nez* immundo  
Mostra o muito que sabe economia;

E dá mesmo uma prova d'inteiressa,  
Da limpeza de mãos de que tem fama  
Em toda a *parvalheira* portugueza.

Se a Republica um dia se proclama,  
Quem será presidente?— Com certeza  
Que o nobre marquez d'Avila e Bolama.

*Carta de Victor Hugo em resposta ao convite feito pelos centros, parisiense e republicano, para assistir ao jantar particular, offerecido por aquellas associações, em commemoração do dia 21 de setembro, anniversario da abolição da realza em França, em 1792.*

Meus caros concidadãos:

Desejaes a minha presença no vosso banquete. A minha presença é o meu pensamento. Concedei-me por um pouco a palavra no vosso seio.

Amigos, tenhamos confiança. Não fomos tão vencidos, como se supõe.

A tres imperadores oppoñamos tres datas: 14 de julho, 10 de agosto e 21 de setembro; 14 de julho demoliu a Bastilha e significa—Liberdade; 10 de agosto arrancou a corôa ás Tulherias, e significa—Egualdade; 21 de setembro proclamou a republica e significa—Fraternidade.

Estas tres idéas podem triumphar de tres exercitos. São de estatura a suffocar todos os monstros; resumem-se numa só palavra: a Revolução.

A Revolução é o grande conquistador; e, se a monarchia tem leões e tigres, nós temos domadores.

Visto estar-se em tempo de fazer enumerações, façamos também a nossa. Ha de um lado tres homens, e do outro todos os povos.

Estes tres homens são, é verdade, tres omnipotentes. Têm tudo o que constitue e caracteriza o direito divino: têm a espada, o sceptro, a lei escripta; cada um o seu deus e seus padres; têm juizes, carascos, supplicios e a arte de fundar a escravatura sobre a força dos proprios escravos. Já lêstes o execrando código militar prussiano?

Por tanto, estes tres omnipotentes são os deuses; e por nós só milita a qualidade de homens. A' antiga monarchia, que é o passado vivendo a vida terivel dos mortos; aos reis espectros, ao velho despotismo, que pode com um gesto fazer desembainhar quatro milhões de sabres, que declara a força superior ao direito, que restaura o antigo crime, chamado conquista, que degolla, dilacera, saqueia, extermina, que conduz ao matadouro massas sem conto, que não se poupa a infamias, que rouba uma provincia á patria e um relógio á casa; a esta formidavel colligação das trevas, a este poder compacto, nocturno, enorme, que podemos nós oppôr? Um raio de aurora. E quem vencerá?

A luz.

Amigos, não o duvideis, a França ha de vencer. Uma trindade de imperadores pode ser uma trindade como qualquer outra; mas o que nunca será é a unidade; e tudo, o que não é um, divide-se. Ha uma primeira probabilidade, e é, que elles se devorarão entre si; e depois ainda uma outra, e é, que a terra ha de tremer, e, para fazer tremer a terra debaixo dos reis, bastam certas vozes trovejantes. Estas temol-as nós; e chamam-se Voltaire, Rousseau e Mirabeau. Não, o grande continente, successivamente illuminado pela Grecia, pela Italia e pela França, não pode recair na noite; não, um ataque inoffensivo dos vandalas contra a civilização não é possível; para defender o mundo basta uma cidade, e essa temol-a nós.

Os carneiros, pastores de povos, tendo por meios a barbaria e por fim o selvagismo, os flagellos do destino, os conductores cegos das multidões surdas, as irrupções, as invasões, os diluvios de exercitos submergindo nações; tudo isto é o passado, mas não o futuro; refazer Cambises e Nemrod é o absurdo; resuscitar os phantasmas, impossivel; repôr o universo debaixo da espada do tyranno, uma tentativa insensata: somos o seculo dezanove, filho do seculo dezoito e, quer pela idéa, quer pela espada, a Paris de Danton triumphará da Europa de Atila.

Afirmo-o, e certamente não o duvideis.

Agora, proponho um brinde:—Não se esqueçam nossos governantes momentaneos de que a prova das monarchias se faz pela Siberia, Spielberg, Spandau, Lambessa e Cayenna, e a da republica pela amnistia.

Levanto um brinde á amnistia, que fará irmãos todos os francezes, e outro á republica, que fará irmãos todos os povos.

VICTOR HUGO.

## AFFIRMAÇÃO POLITICA

Revolve-se em convulsiva agitacão, na crise dolorosa que atravessa a sociedade moderna, a consciencia individual, reclamando o direito que os seculos passados lhe tem negado. Obrigada fatalmente pela lei de sua natureza á vida social, reclama o *poder*; e está a sua primeira afirmação, de que todas as outras são uma evolução na vida pratica da humanidade.

Com effeito, como pôde ser estabelecida a egualdade quando o *poder* está nas mãos do privilegio? como acabar com a exploração do homem, se o *poder* pertence aos exploradores? como elevar-se do lixo em que se arrasta a classe miseravel do operariado, quando o *poder* está nas mãos de seus patrões? Como assentar sobre a liberdade de consciencia a liberdade de cultos se o *poder* está nas mãos de uma Igreja? Impossivel. Em quanto o privilegio politico não acabar, todas as egualdades e liberdades serão irrisorias; e a sociedade, á imitação da Roma que tudo concedia aos plebeus, com tanto que no patriado se conservasse o segredo do *augurio* e da *justiça*, conservará em seu seio as desigualdades sociaes, pois que só pela morte d'esse privilegio pôde ter um fim o *sacrificio* do bem social a um interesse privado.

A afirmação politica pois, e a sua realisacão é o primeiro passo a dar na marcha progressiva do desinvolvimento harmonico de todas as camadas sociaes. Consultemos pois as fórmulas, e vejamos qual d'ellas pôde reproduzir melhor os principios do direito, e garantir ao individuo o seu exercicio.

Pondo de parte toda a forma aristocratica de governo, porque a egualdade já vai impulsada aos corações de todos pela dignidade que parece esquecida das gerações passadas, poríamos de parte também a realza; mas o numero de seus sectarios obriga-nos a tomal-a em consideração.

A fórmula de governo não exprime mais do que o meio de tornar effectivos os principios da justiça, e por consequência aquella que melhor os traduzir, é a unica que devemos acceptar.

Tres diversos meios se nos apresentam

—o absolutismo, o constitucionalismo, a republica democratica—e todos se têm combatido na arena da philosophia, e os ultimos debatem-se hoje nos campos sangrentos da guerra civil. Qual d'elles accitaremos?

A realza pura morreu com os inspirados. Depois que Deus se negou a fazer milagres influido na cabeça de um rei, não pôde d'este depender a fortuna, a vida e a honra dos cidadãos. Por melhor que seja um monarcha, quando um seu capricho pôde abysmar na pobreza, na morte ou na infamia uma familia, o cidadão não tem garantias de seus direitos, o que equivale a não possuil-os.

A realza constitucional, se não deixa variar as leis ao arbitrio de um rei, consente que elle lance á consciencia de um povo o estigma de corrupção negando-lhe a justiça, e permite que esta seja suffocada a seu capricho. E não podendo deixar de conceder-lhe a irresponsabilidade sem lhe negar o caracter de rei, não dá toda a segurança ao exercicio dos direitos individuais.

A democracia, fazendo vigorar o direito existente na consciencia de todos, traduzindo em leis a sua incarnação natural, é a unica forma de governo propria da dignidade dos cidadãos. E, não admittindo em seu seio privilegio algum, não podendo mesmo admittil-o, é a unica capaz de garantir em todas as suas manifestações e em toda a amplitude a liberdade individual.

A escolha pois para todo aquelle, que não esteja avassallado pelo prejuizo, não pôde ser nem difficil nem duvidosa; quem prese os seus direitos e a sua dignidade não pôde deixar de optar pela democracia.

Hoje a realza pura tem desaparecido, e só pôde ser desejada por visionarios chilianistas, que pensam num *Christo-Rei*, ou num *Rei-Christo*. O legitimismo hoje

não traduz questão de forma, é apenas disputa pessoal.

Ficam pois sustentando a luta o constitucionalismo e a republica; e qual das duas formas ha de vencer? Digam-no os fundadores dos governos constitucionaes, digam-no os seus defensores. É um governo de transição, dizem aquelles, destinado apenas a preparar o povo á democracia: os homens da republica, confirmam estes, são os homens do futuro.

São pois os proprios partidarios do constitucionalismo que affirmam a verdade na forma de governo republicana democratica.

Mas nós não queremos a realzação d'esta sómente no futuro, affirmamol-a desde já, por que a constitucionalidade é impossivel. Querendo conformar o passado e o futuro na harmonia de um governo, esta forma não é mais do que uma constante negação social. O futuro indica-nos a soberania do direito, incarnada em todas as consciencias; o passado attesta-nos a soberania de Deus, na mente d'um monarcha; e estas soberanias contradizem-se. A soberania de Deus é o milagre; a do direito é a lei natural; e todas as leis naturaes são contrariadas pelo milagre.

Os governos constitucionaes pois affirmam-as ambas, ambas aniquilam; e são a negação da soberania social: não traduzem um principio mas sim a sua morte. Por isso são uma transacção; e a transacção é a corrupção da consciencia, obrigando-a á indiferença na affirmação do principio. E assim os povos que se lhe submettem ou por vontade ou por força, são dentro em breve socialmente corrompidos. Não quero fallar em Portugal; mas sirvam d'exemplo esses 18 annos do segundo imperio, que levaram a França á beira do abysmo.

Os governos constitucionaes são os proprios a condemnarem-se, dizendo-se transição para educar o povo; pois, sendo mo-

ralmente impossivel que um povo se eduque theoreticamente, affirmam a interenidade indefinida do erro; e o povo jazerá indeterminalmente na modorra do indifferentismo governamental.

Por isso, os direitos politicos hoje só são entre nós considerados como encargos, e tem-se por muito feliz aquelle que por uma condemnação foi privado do seu exercicio. A idéa politico-social desapareceu da consciencia do povo, e resta apenas a cada um a individualidade, ou melhor o egoismo.

E a burguezia, prototypo d'esse individualismo, avassalando com o capital, eleva-se em uma classe *dourada*, e amesquinha em um *soudrismo* perpetuo os que vivem em um trabalho continuado.

A nobreza hereditaria baqueia por uma fatalidade natural; mas como os governos, fundados no erro e na indiferença, só podem sustentar-se com a pompa e com o esplendor, elevou-se a nobreza do ouro com o constitucionalismo; e, assoberbada em seus marmoreos palacios, desdenha o povo, donde sahiu, para lhe recusar de balde a paternidade.

E não é só a corrupção consequencia dos principios affirmados pelos governos de transição, é effeito necessario do luxo que lhe serve para os sustentar. Desde que um rei não se pôde tornar respeitavel pelo seu poder, e menos ainda pela sua sciencia, é necessario que se torne admiravel pelo brilho que o rodea, é necessario que uma aureola de ouro cerque sua pessoa para se equilibrar na altura do seu posto.

D'aqui o desperdicio dos dinheiros publicos, o fausto deslumbrante da corte, e da moderna nobreza porque elle a sustenta, e a imitação em todo o povo. E se os moralistas em suas theorias affirmam que a consequencia do luxo é a desmoralisação, confirma-o praticamente a burguezia nos dois ultimos seculos.

O auctor pergunta aos leitores d'onde vem ella e quem é.

E para logo responde; e ha:

«Eu vejo-a vir no longo peregrinado,  
«Como d'um vento livido varrida,  
«Cheia de febre, rota... muito alem...  
«—Pelos caminhos asperos da Historia—  
«Em quanto os reis e os douses na gloria  
«Não ouvem a ninguém»

«Ella vem triste, só, silenciosa,  
«Tinta de sangue... pallida, orgulhosa,  
«Em farrapos, na fria escuridão...  
«Buscando o grande dia da batalha,  
«—E' ella! E' ella! A livida Canalha  
«Cain é vosso irmão!»

A parte as imperfeições de forma, soube o sr. Gomes Leal tocar os corações fortes na eterna causa da justiça. E com talento o fez, diga-se a verdade. Sobrou-lhe a consciencia neste empenho sagrado. Encerrou-se mais uma vez a sua provada originalidade poetica numa especie de realismo fecundo e cheio de amor e esperança.

«Não raioi inda o dia da justiça,  
«Mas, breve, talvez se oiça a nova missa,  
«E dispersem-se tetricos caudillos...  
«Vão, talvez, vir os tempos desejados!  
«—E, então, por vossa vez, ó reis sagrados!  
«—Saude aos maltrapilhos!»

A canalha, humilhada, vencida e suppliciada, pede justiça, em nome da liberdade.—Ao combate—dirá ella—ao combate... E foi este echo sublime que inspirou a poesia do sr. Bettencourt Rodrigues, cuja modestia e intelligencia em extremo nos maravilham.

Esta poesia é um complemento da *Canalha* de Gomes Leal; uma completa a outra; ha muito que a democracia anda a pedir justiça e o poeta faz-lhe soar a sua hora.

«E eil-a que assoma, no horizonte escuro,  
«Essa phalange heroica do futuro,  
«Como as vagas do mar phosphorescente;  
«Vem perseguir as sanguinosas feras,  
«Os monarchas e as lubricas pantheras,  
«A prostituta gente.»

Finalmente, nascidos para serem a transacção, suffocando os clamores da intelligencia, o querendo accordar a verdade e o erro, os governos constitucionaes só tem como consequencia a morte moral do povo.

Assassinam-lhe a intelligencia, ensinando-lhe a elevar seus vãos na area do passado, e quebrando suas aspirações nas rochas do presente.

Assassinam-lhe a liberdade, tornando-o anthomato indolente e sem crença pelo indifferentismo que traduzem.

Matam no peito o amor da patria por que traduzem o individualismo.

São a origem da corrupção por que desconhecem a moralidade, consequencia da solidariedade social.

Povo! oh! povo! em quanto um brado de indignação escapando-se de teus labios te não fizer arrastar ao sepulcro esses governos, tu sarás escravo.

Escravo na intelligencia, amarrado, não pela força, ao menos pelo exemplo ao circulo ferreo dentro do qual gravita teu governo.

Escravo na vontade, que nunca será intelligente, porque a indiferença é a pedra angular do edificio constitucional!

Escravo até no sentimento, porque saberás sómente ser egoista, porque o sentimento provém da idéa, e a idéa está morta.

Mas é este sentimento unico que te deixam, que ha de fazer baquer o altar em que se collocam.

Abatida tua dignidade, submettidas todas as faculdades de teu espirito, deixar-te ainda, porque o não podem matar, este estimulo do progresso, que ha de ser a morte d'elles.

Transigir entre o passado e o futuro é paralyzar, e a paralyzia é egual á morte; e o povo, que consente governar-se por paralyticos, é porque é paralytico tambem; mas a força do interesse ha de pôr em movimento esses membros mortos.

Amor com amor se paga; e se vós monarchistas, defensores do throno e do altar, achais fortes e indecentes aquellas palavras para os vossos ouvidos castos, lembrai-vos que tendes de ser justos porque na historia fosteis vós que os baptisastes com o nome ignominioso de canalha, e elles hoje os farrapilhos.

«Vem terminar a noite dos horrores,  
«E não de sair altivos, vencedores,  
«Da luta contra a velha realza;  
«Ha de trilh-os o braço da Eguidade,  
«E inundal-os a luz da liberdade,  
«Ao som da *Marselheze*»

E diga-se agora de passagem, que a democracia não avança em Portugal! Elle manifesta-se na arte, na litteratura ligeira, na imprensa periodica, de que este jornal é já o 3.º orgão; e sobre tudo na poesia social moderna iniciada por essa grande alma que, das alturas de uma ilha predilecta, assiste ao caminhar das gerações que se saudam e que as tem feito mais que ninguém attingir o fim da jornada.

A poesia social e a poesia historica, aliadas e irmãs, ambas filhas d'este seculo são os unicos objectos que podem fazer desferir as lyras aos modernos trovadores.

Quem canta hoje as *Dulcineas* e as *Margaridas* a par da liberdade, do direito ou da justiça? A poesia individual, e sentimentalista, morreu entre nós com as *Noites do Castello* e com os *Ciumes do Bardo*.

Anteriormente Theophilo Braga e Anthero do Quental, hoje Guerra Junqueiro, Gomes Leal e Bettencourt Rodrigues são a prova mais incontestavel da nossa asserção. Todos estes moços cantaram ou cantam sem procurar a lição e conselho de mestres, que ainda agora dormitam á sombra de antigas *Olaías*. Quem tem Byron, Victor Hugo, A. Poetefi passa bem sem Castilho.

Agora, amigos, o caminho está aberto; é cantar e não esmorecer.

A republica precisa de Chéniers, não para os guilhotinar, mas para lhes erguer o pedestal da gloria.

MAGALHÃES LIMA.

## FOLHETIM

### BIBLIOGRAPHIA

A Hespanha livre, por Guerra Junqueiro.—A Canalha, por Gomes Leal.—Ao Combate! por A. Bettencourt Rodrigues.

Temos deante de nós, sobre a mesa de trabalho, as producções poeticas d'estes trez mancebos, grandes cantores da liberdade.

Isto sim, isto é bom e salutar. Respira-se sob este ceu. Aqui ha vida, ha alma, ha enthusiasmo.

Foi-se o despotismo e com elle o velho classicismo, pesado e severo, que tudo absorvia e tudo dominava. Outra epocha, outro meio. E a litteratura, que é como o progresso, uma evolução, não podia deixar de se resentir d'este novo estado de cousas. Variavel, como o ideal, e relativa como a civilisação, ostenta-se hoje a poesia, filha dilecta da sociedade, isto é, da revolução e da democracia. Por isso tambem dizemos que o seculo é eminentemente revolucionario e innovador.

Guerra Junqueiro canta a Hespanha. O brado que era espontaneo e filho da occasião e das circumstaacias, não podia deixar de ser sublime e grande, como a idéa que o inspirou.

E foi-o deveras.

Ao sr. Guerra Junqueiro devemos um momento de suprema alegria. Se é certo que a mocidade só pela mocidade deve ser estudada e comprehendida, tambem não é menos certo que o enthusiasmo só por ella deve ser abraçada e compartilhado: a cada um o que lhe pertence. Nós que possuimos bons e generosos corações; nós que jámais nos deveremos envergonhar de proclamar bem alto e por toda a parte que a idéa que nos serve na alma e o pensamento que nos eleva o espirito, é a causa do nosso enthusiasmo, abraçamos profundamente estas estrophes tão cheias de verdadeira inspiração, tão elevadas no conceito e na forma.

A Hespanha, escrava, rompeu, num mi-

nuto de sublime heroicidade, os grilhões, que, durante seculos, lhe roxearam os pulsos. Demasiado grande fôra este facto para que assim não podesse occultar-se, não passando desapercibido na nossa terra.

Assim comprehendemos a arte; só uma inspiração ella deve ter—a liberdade; e um só objecto—o amor da humanidade. E agora leve-o decerto.

A imaginação voou docemente a mais puras regiões; e de lá soltou-se o grito que, por grande e magnifico, chegou até nós. Bem haja o talento que o gerou e o espirito que o concebeu!

E agora:

«Desgraçados de vós! a mocidade  
«Já não quer aprender a liberdade  
«Pelas gothicas letras dos missaes;  
«Quebraram-se as algemas... Democratas,  
«Poisae o pé sobre as cabeças chatas  
«Das viboras reaes!»

«Oh despotas sagrados,  
«Vós sois os espantalhos collocados,  
«Nos felizes vergeis da humanidade,  
«Para que os nossos labios reseguidos  
«Não vão comer os fructos prohibidos,  
«Os fructos da justiça e da verdade.»

Ahi fica a maldição á tyrannia e á realza. Em duas estrophes reune-se tudo. Nem mais nem melhor é possivel dizer-se. O bello colorido que nellas se destaca e o arrojio da imagem que sempre as enfeita é titulo sufficiente a uma victoria immorredoura e a um completo triumpho.

E' justo que a revolução social acompanhe a revolução politica. Nem por outro modo se poderá conceber rigorosamente a verdadeira formula philosophica.

Quando se despedaça uma monarchia, folga a sociedade. O pão que era amargo a muitos, durante um dado governo, pode ser-lhe leve e suave, pela nova transformação politica. E assim uma violação politica traz sempre consigo uma violação economica.

Nestas poucas palavras está a justificação da poesia de Gomes Leal—*a Canalha*.

Influe nas leis o juizo de Deus pelo punho de um monarcha; para que pois os teus representantes, ó povo?

Pois se Deus infunde a sciencia no teu rei para negar a sancção á lei que tu fizeste, não lh'a influirá tambem para fazer uma nova lei? ou Deus traduzirá só por meio d'elle a negação do progresso, do movimento, da evolução?

No primeiro caso submete-te ao despotismo bruto da realza, porque a lei de Deus é boa; no segundo affasta quem te impede a marcha no caminho do teu fim.

Ou o absolutismo despotico, ou a republica democratica: escolhe.

O governo constitucional é a negação de ambos, querendo-os harmonisar: nega a inspiração pelo direito, nega o direito pela inspiração; é a aniquilação social. E por isso nós, como o absolutismo é um cadaver hirtto, gelado, d'aquelles de que o Christo diz: *quis vadit non redit*, affirmamos com segurança e convicção a democracia republicana.

LISBOA, 29 DE ABRIL DE 1873

(Do nosso correspondente)

Tornava-se por ventura urgente um *caraco* preambular á serie de correspondencias que hoje enceto para esta folha. A epoca é de profissões de fé, mas o publico, já costumado a contar por ellas as apostasias, tem direito a duvidar da sinceridade dos crentes. Nas massas existe em larga escala o espirito synthetico, arriegado pelos desenganos d'um modo profundo. Vai, porém, elle em onda impetuosa e desordenada e confunde por vezes na sua condemnação as boas e leaes vontades e as leaes e justas aspirações.

E' por tudo isto que se torna mister o trabalho austero sem a mira na opinião. Os fructos d'esse trabalho lento e vigoroso não de surgir irresistivelmente por mais que as coleras se agitem e por maior que seja a obstinação dos nescios, mais para temer que a resistencia dos tartuffos.

Tracta-se, porém, de uma correspondencia lisboense. O encargo é leve, diga-se para evitar gratidão. Ardua seria a tarefa de acompanhar o movimento incolor da leal cidade, registrado por qualquer folha innocente. Esse movimento seguimos com a vista, em quanto não vier a hora do tedio, sem embargo de haver, nesse mesmo movimento geral, uns parentheses para toda a seriedade. Indical-os-hemos.

O assumpto mais importante d'estes ultimos dias foi—a noite de 19 do corrente na Federação Academica: noite de commoções e esplendida noite aquella! Valhamnos estes oasis no deserto do Absurdo e nos vastos dominios da deusa Estupidez!

Fallou o antigo batalhador da antiga *Revolução de Setembro*, Luciano Cordeiro. A sua conferencia foi um modelo de nobre colera e de generosa audacia, firmada na solida base d'um estudo consciencioso. Tractou da *sciencia na Revolução*. Por aquella explicou esta. Por aquella explicou tambem o grande facto logico e fatal da communa de Paris, sobre o qual têm tripudeado, desde muito, os mercenarios do jornalismo nas azas d'uma estúpida burguezia. Foi calorosamente applaudido.

Recitou em seguida versos, formosos versos, inspirados, vehementes, admiraveis versos, aquelle esplendida Guerra Junqueiro, que hoje conhecemos todos e todos admiramos. Suspirou, cantou, bramou, trovejou; empunhou o latego terrivel das grandes coleras e sobre as faces dos infames choveram despidosamente as vergastadas, impellidas pela mão terrivel do moço poeta e do notavel pensador.

Guerra Junqueiro acordou no auditorio, na maioria, composto de homens de hoje, e por ventura de obreiros de amanhã, a cons-

ciencia indignada dos vinte annos puros. A cada estrophe respondia um bravo; no fim attingiu-se o delirio. Foi uma impoente ovação...

Gomes Leal e Guilherme de Azevedo, que se achavam no auditorio, acceederam aos rogos de varios amigos e admiradores seus, e abrilhantaram a festa esplendida, recitando algumas das suas mais bellas composições.

Foi uma noute para os moços, para os que creem e esperam e luctam e vão sofrendo.

—A imprensa politica occupa-se nos costumados misteres: as folhas regeneradoras alcunham de ineptos e corruptos os partidos, reformista e historico. Cada um dos orgãos d'estes partidos retribue cortezmente as amaveis expressões. Os habitantes de Lisboa são assaltados pelos ladrões quasi todas as noutes; a policia acompanha, nos seus passeios e digressões, Fontes—o immortal.

—O *Dizrio Illustrado* continua a exercer a industria das charadas, accumulando a de insultador official dos homens publicos de Hespanha. Paga-se-lhe para isso e no fim de tudo, segue uma vocação...

—Sahi o primeiro numero de um jornal intitulado *A Monarchia*. Apresenta-se como fustigador da corrupção politica, etc. E' anonyma a redacção. Mais um...

—Projecta-se formar uma empresa editora de obras democraticas, traduzidas e postas ao alcance do povo. O pensamento é louvavel e sel-o-hia mais ainda se o povo aprendesse a ler...

Será razoavel idéa a do jornal noticioso que no alto da sua primeira columna inserisse diariamente em grossos caracteres o seguinte memorial:—O POVO PEDE ENSINO. OS PROFESSORES PRIMARIOS PEDEM PÃO.

Em logar d'isto vemos a imbecilidade em duas linhas sobre o estado de saude da real familia.

E' tudo notavel.

—Corre, com visos de verdade, que as famosas cartas do *Centro misto republicano hispano-portuguez* foram elaboradas por ordem do governo, o qual sustenta d'este modo o estado de inquietação da burguezia credula.

E' enganoso.

—Com os boatos da saida proxima do actual ministro do reino—A. R. Sampaio—do poder, coincide o de immediatas violencias, exercidas pelos seus collegas de hoje sobre os homens que em Lisboa mais se têm distinguido pela sua rebellião aos decretos do Estabelecido.

Ha todas as razões para suppor que só a presença de Rodrigues Sampaio tem impedido o cair da mascara regeneradora e monarchica. Caia de uma vez!

—Um jornal ridiculo que se publica em Lisboa sob o titulo de *Crença Liberal*, redigido por um homem que é na rua o alvo dos apupos do rapazio e que serve de intermediario em negocios amorosos(1); esse papel em que collaboram mais um irmão do citado redactor e alguns sujeitos desconhecidos, apresentou ha dias um projecto razoavel, que é a meu ver uma larga synthese de projectos occultos e tenebrosos: *frigor os republicanos*.

Ha de ir longe este homem; tem os requisitos necessarios para a vida publica num paiz como este:—é mau e tolo e, sobre tudo, *accumula*...

Nada mais por hoje.

S. P.

O auctor do opusculo — *O escolho da Republica*, envia-nos a seguinte carta:

Cidadãos redactores.

O *Tribuno Popular* d'esta cidade, sentindo-se ferido, muito e muito, nas suas susceptibilidades *theologicas*, pelo opus-

(1) Pedro d'Alcantara.

culo — *O Escolho da Republica*, lembrou-se de, com toda a força da sua raiva, tocar a rebate contra o dicto opusculo e contra mim. Não lhe era só bastante pôr-se á frente das beatas e santarões para, em côro, entoar a ladainha anathematismica (elle bem sabia que eu me ria d'isto); e então para produzir maior effeito, não só adultera umas cousas e confunde outras, como bem lhe convem, mas recorre ao seu espirito inventivo, em que parece ser riquissimo, e assaca-me algumas *pias* calumnias.

Sei d'isto, e mando na sexta feira ultima um communicado á redacção d'aquelle periodico para restabelecer a verdade, esmagar o calumniador e pôr bem patente a *má fé* de que estava envenenada a local, em que se tocava a rebate.

O procedimento do *Tribuno Popular*, em relação á satisfação que devia á verdade, corresponde perfeitamente á provocação que fez. Diz elle, pois, no seu numero de sabbado ultimo:

«Recebemos uma longa correspondencia, assignada por Silvano Marcão, que não podemos publicar, entre outros motivos, por não satisfazer ás exigencias da lei.»

Provavelmente esses outros motivos são algumas *beatificas* hypocrisias, não?

Em quanto ao motivo com que elle quer cortar a questão em relação á não publicidade do communicado, parece-me ter mais de subtil e sophistico, que de verdadeiro. A grande lei, neste caso, era a do brio, da honra e boa fé—o cavalheirismo, e então pergunto se esta lei não existe para s. s.?

O publico desapaixonado que veja, pois, a *boa fé* do *Tribuno Popular* a este respeito.

Pela publicação d'estas linhas ficarvos-ha muito grato,  
28 | 4 | 73.

O vosso correligionario  
Silvano Marcão

## NOTICIARIO

A imprensa de ambos os paizes tem-se occupado de um certo club republicano iberico e tem feito grande bulha com este pretendido club, que de um momento para o outro poria em risco a independencia portugueza, no dizer d'esses homens. Os indignos instrumentos de que um certo numero de folhas periodicas do paiz têm lançado mão para desaoreditar a vizinha republica levam-nos a crer que o tal club é uma d'essas sublimes invenções com que os habeis manejaes da calumnia e da *má fé*, pretendem indispor a opinião do nosso paiz contra os homens que se acham á frente dos negocios publicos na Hespanha; homens que a uma elevada intelligencia unem um nobre caracter, um espirito de dignidade superior ás mesquinhas concepções dos nossos politicos tacanhos. Como estamos na brecha, iremos observando a marcha d'este negocio, e depois pediremos contas severas aos indignos factores de taes boatos. A republica está muito acima d'essas pequenas cousas. Talvez o tenebroso espirito das nossas chancellarias por aqui ande. Estamos para ver mais essa indignidade, que talvez lhes custe cara.

A republica em Hespanha avança e conquista cada dia novas adhesões da parte da opinião; o carlismo diminue cada vez mais. Os seus *condottieri* são derrotados por toda a parte. Gaballs, o laureado pela prodiga mão do tyrano, com o titulo de conde de Berga, já se não sabe aonde pára. D. Af-

fonso fugiu para a França com todo o seu estado maior.

Que resta ao pretendente? Ir lavar as mãos com agua beuta e commungar em nome do altissimo e descançar até que um anjo lhe venha annunciar a hora de ver da novo a Hespanha em chammas.

Cousas da religião!... cousas da monarchia!...

Muitos jornaes francezes publicam a seguinte declaração, que é importantissima:

«Em presença das adhesões publicas que da parte de alguns membros do conselho municipal de Paris, tem encontrado a candidatura official, julgamos do nosso dever fazer conhecer tambem a nossa opinião. Não votaremos no sr. de Rémusat. Convençidos de que a politica de equívoco, inquietando o paiz, é o verdadeiro obstaculo ao desenvolvimento do trabalho, dos negocios e da prosperidade publica, não podemos votar no membro de um gabinete, cujos actos tem sido inspirados por essa politica, e cujos projectos constituintes ameaçam, mesmo neste momento, a integridade absoluta do suffragio universal e a liberdade da futura Assembléa. Queremos dar força ao governo, mas uma força que elle possa empregar no serviço da republica, e não contra os interesses democraticos. Votaremos no antigo *mairé* de Lyon, Barodet, cuja candidatura significa: *Respeito das franquias municipaes; dissolução da Assembléa; integridade do suffragio universal; convocação de uma Assembléa unica, só a qual poderá, pela amnistia e levantando o estado de sitio, apagar os vestigios das nossas discordias publicas.* (Seguem as assignaturas): Allain-Targé, conselheiro municipal; Arraut, Cadet, Cantagrel, E. Chevalier, Clémenceau, Cérat, Denizot, Dumas, Dupuy, Floquet, Frébault, de Hérédia, Jacques, Jobbé-Duval, Leneveu, Lackroy, Loiseau-Pinsin, Nadaud, Perrinelle, Banc, Thulic, Vauthier.

A isto só resta acrescentar que o grande republicano venceu a eleição por 180 mil votos.

Alegre-se a democracia por obter mais este triumpho.

Acha-se entre nós o actor Cesar de Lacerda e sua esposa. Vão dar algumas veztas no theatro Academico.

## EXPEDIENTE

**Por motivos especiaes não pôde este jornal ter uma publicação bisemanal. Os srs. que assignaram por um trimestre ficam em consequencia d'isto considerados como assignantes por um semestre.**

Pedimos aos cavalheiros a quem enviamos o jornal, o favor de nos remetterem o 1.º numero, no caso de não quererem ser nossos assignantes.

A's illustres redacções dos varios jornaes a quem enviamos o nosso pedimos a troca.

**No deposito de Sabão, situado na rua da Sophia n.º 59 e 61 vende-se avulso este jornal e ahi se recebem assignaturas.**

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra—Trimestre. . . 300 reis, semestre de 30 numeros. . . 600 reis.—Para ás Provincias—Trimestre. . . 360 reis, semestre. . . 720 reis.—Avulso no proprio dia 30 reis.—Anuncios 30 reis cada linha.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção da *Republica Portuguesa*, Coimbra—Couroça de Lisboa, 87.

# REPUBLICA PORTUGUEZA

FOLHA SEMANAL

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE COIMBRA



ANNO DE 1873

QUINTA FEIRA 8 DE MAIO

N.º 2

## POLITICA PORTUGUEZA

Estamos em momentos decisivos, em momentos em que a sciencia politica tem altos deveres a cumprir, extremas infelicidades a evitar.

Pois que a fecunda experiencia da historia nos veio mostrando que os povos, em todas as suas evoluções, hão sellado as grandes obras de regeneração com grandes dôres, com grandissimas afflicções, como se um Ahriman impetuoso, um espirito terrivelmente sinistro pairasse incessantemente sobre as lutas psychologicas da alma, acompanhando-a em suas creações; hoje, que grandes acontecimentos se preparam, que um novo dia geniastico annuncia uma nova luz á consciencia do genero humano, não será bom, e, sobre tudo, não será justo que a sciencia vá desbravando o terreno, abrindo a estrada, por onde em breve teremos de caminhar?

Sim; ao espectáculo do desmoronamento de uma civilização, que foi grande, que fez as delicias de nossos paes, que nos embalou no berço juntamente com a voz suavissima de nossas mães, mas que agora temos de combater, porque já não possui energia e fecundidade, sufficientes para encher nossos corações, alargados pelo calor intellectual que dilata successivamente as espheras do espirito humano; em face da dissolução politica e economica que ameaça as bases organicas, os modos de ser da sociedade em que vivemos, é necessario que os pensadores desinvolvam natural e regularmente os germens do mundo que ha de vir, mais bello e esplendido, porque será mais livre, mais justo, porque terá uma consciencia mais pura, uma idéa mais elevada da dignidade do homem.

Alguns, ignorando as leis da natureza e da sociedade, desconhecendo o movimento que precipita as coisas com velocidade superior ás nossas previsões, allumiados por uma luz que os inibe de ver bem ao longe, e ás vezes seduzidos, dominados mesmo pelo interesse; procuram

transformar as phases transitorias da marcha da Humanidade em phases permanentes, fazendo do *statu quo* um estado perfeito, um viver edenico.

São estes os que trazem as grandes afflicções aos povos; os que, em vez de lhes prégar as realidades, embora asperas, mas salutaes, preferem erguer um coro suavissimo de melodias, que os adormecem temporariamente para acordarem em seguida mais terríveis, inflamados pela colera que se gera em um coração illudido, colera que, transportada á vida pratica, produz as grandes tempestades sociaes, as revoluções, os julgamentos severos e audazes dos crimes de uma epoca inteira.

A qualidade de homens republicanos impõe-nos o dever de ser mais francos, de trazer ao mundo aquella grande virtude de esclarecer nossos irmãos; virtude que os systemas monarchicos nunca comprehendieram, contrariamente ao systema democratico que a insere entre as suas idéas fundamentaes.

A sociedade portugueza está enferma, está minada por grandes vicios, agitada por encontradas paixões, ansiosa de melhor estado, ancia mal definida, mas real, filha de necessidades também reaes, que affectam as suas condições de vida, os seus modos de ser. Quem alliviará de tão grande responsabilidade a politica miseravel d'este paiz? Quem ousará erguer a voz em pró dos nossos homens publicos depois do espectáculo vergonhoso de quarenta annos de lutas inglorias?

Os povos vivem de paz, de fraternidade, de harmonia; sustentam-se pelo amor; florescem e desinvolvem-se pelo equilibrio dos interesses individuaes e collectivos; moralisam-se pela educação; educam-se pela liberdade.

E como seria possivel tudo isto, que é bom, que é justo, quando o ideal dos nossos partidos politicos foi o odio, a vingança, a guerra systematica aos homens, o desprezo pelas idéas novas, a reacção contra o futuro, o que lhe acarretou grandes

desgostos, privando-os de força moral, de confiança na opinião publica, juiz inflexivel a cujas decisões não é possivel escapar?

O que resta das ruidosas orações com que enchestes nossos parlamentos? Que principios de vida inoculastes na alma d'este paiz, que silenciosamente tem esperado pelas vossas reformas? Como respondestes á geral anciedade de bem estar moral e material, que o povo portuguez ganhou, depois de emancipado da tutela escandalosa do absolutismo, depois de purificado da immunda lepra do jesuitismo e monarchismo tradicional?

Não temos resentimentos pessoaes, não vimos animados de indignação; obedecemos á consciencia, que nos impõe a obrigação de dizer a verdade, de apresentar com toda a independencia o que foi, o que é, o que pode ser a politica portugueza, inspirada pela realza, e o que deve ser, inspirada pelos principios da democracia.

Vamos pôr as mãos sobre as chagas de uma sociedade. Não importa. O cauterio é impossivel sem conhecer a origem do mal. E os males sociaes são aquelles que têm uma cura mais difficil. Devéras custa dizê-lo; mas diante das pretensões de uns tacanhos publicistas, que no estado de cousas, como traduzindo fielmente as aspirações da actualidade, não é possivel ficar calados.

A. V.

## POLITICA INTERNACIONAL

Consolida-se a republica em Hespanha. Expurgando-se dos antigos elementos monarchico-radicaes que a maculavam, derrotando por toda a parte o carlismo barbaço e carniceiro, começa o periodo organico que a ha de constituir definitivamente. Presente-se desde já o ardor das gran-

des lutas, o entusiasmo e a fé viva da constituinte, que ha de sem duvida abrir uma epocha nova nos annos da Peninsula hispanica. D'ella ha de brotar a luz, a sciencia e a instrucção que nos deve regenerar, e pôr á frente das nações do continente.

D'ella ha de partir o brado que tem de lançar por terra esta velha e decrepita monarchia, que tantas desgraças trouxe a este pequeno paiz, chamado Portugal.

Renovar-se-hão os periodos passados da nossa gloria maritima e commercial.

E' fatal esta evolução das pequenas nações, as quaes, quando se guiarão unicamente pelo bom senso e pela politica natural, seguirão sempre as grandes em todas as manifestações do espirito e da actividade humana. Portugal effectuará a forma politica da Hespanha; será a federação republicana do occidente da Iberia, porque para a Hespanha já não resta duvida que será a republica federal a sua forma politica definitiva. Esta idéa está no animo de todos e até já os partidos moderados não sentindo appoio algum na opinião publica se abstem de ir á urna, se é certo o que referem as folhas de todos os partidos. O que denota tudo isto? E' que a republica unitaria e centralisadora, a monarchia com Carlos VII. com Montpensier, com o principe Affonso, com uma restauração Isabelina e Saboyana, a monarchia com qualquer familia, desapareceu completamente em Hespanha.

Debalde os defensores do throno e do altar se esforçam por demonstrar que esta abstenção da urna nestes momentos tão criticos em que se trata de refundir uma sociedade pelos fundamentos, não é um signal de fraqueza ou covardia, mas sim um passo de bom senso, uma especie de medida preventiva para não causar revoltas e commoções violentas.

Causa riso vel-os discorrer assim. Elles que não tem vivido até hoje senão da insidia, de traição e de revoltas; elles, que

## FOLHETIM

### NOITE NAPOLITANA

É meia noite: a abobada estrellada  
No mar unido espelha os diamantes;  
Nápoles dorme triste e sosegada  
Ao som das frescas aguas murmurantes.

Os guinchos d'um engenho estrepitantes  
Vibrando vão a brisa perfumada;  
Não gemem as guitarras soluçantes  
As canções d'amorosa serenada.

As Julietas, tremulas de pejo,  
Deram a face ao aprazado beijo,  
E as janellas fecharam-se aos amores.

A praia é solitaria: na bahia,  
A lua, reflectindo-se, alumia  
Uma lancha de tristes pescadores.

## GUERRA!...

(ESPRONCEDA)

Ouvis? é o canhão. Meu peito, ardendo,  
O cantico de guerra elevará,  
E ao echo rouco do canhão, vencendo,  
A lyra do poeta vibrará.

Contemplo o povo, que a orgulhosa frente  
Levanta já do pó em que jazia,  
Altivo em seu valor, omnipotente,  
O terror da insolente tyrannia.

Rumor de vozes sinto;  
Vejo no ar o flammejar d'espadas  
E desfaldar bandeiras;  
E repetem o som as escarpadas  
Rochas dos Pyreneos;

A Cadiz estremêce o fundamento;  
Scintilla em seu aspecto

O fogo marcial, que lambe o peito,  
E em generoso acento

A PATRIA E A LIBERDADE erguem aos ceus,

Oh! ao grito da patria,  
Companheiros, vôemos,

Estas armas vibremos,  
Que intrepida nos dá.  
Depois, em nossos braços,  
Ufanos a enlacemos  
E ao mundo proclamemos:  
«A Hespanha é livre já.»

Vede-os, vede-os, em sangue,  
E em lagrimas banhados,  
Rirem dos desgraçados,  
Gozar em nossa dôr!  
Oh! fim sómente ponha  
Sua morte á contenda,  
E cada golpe accenda  
Em nós maior rancor.

Oh! sempre, doce patria,  
Pura alma generosa!  
Liberdade! pod'rosa  
Magia tu nos dás!  
Teus inclitos pendões,  
Que tu, Hespanha, agitas,  
São as rubras fitas—  
—Raios do iris da paz—

Em meio d'esse estrondo  
Do bronze pavoroso,

Teu grito prodigioso  
Se sente resoar;  
Esse grito a que as almas  
Stremecem de alegria,  
O nome que essa impia  
Cateria ha de matar.

Quem ha, oh! companheiros!  
Que ao bélico redobre  
Não sinta o peito nobre  
Com jubilo pulsar?!  
Oh vede, scintillantes,  
Como nuncios de gloria,  
Reflexos de victoria,  
Nas armas rebrilhar.

As armas! cidadãos! morte aos carlistas!  
Do sangue infiel, oh! com bramido horrendo  
Profundos rios vão ao mar correndo,  
E todo o Oceano, atônito, contemple  
Suas margens pelejadas  
Desse sangue traidor purpleadas.

Ruja o canhão; o cantico de guerra,  
Povos livres, fazei já retumbar!  
Vêde! descendo á opprimida terra,  
A liberdade os ferros vem quebrar!  
C. DE C.

não têm vivido até hoje senão a conspirar pela liberdade contra a monarchia, e pela monarchia contra a liberdade; elles, que têm accendido infinitas vezes a guerra civil no seio da patria, abstem-se de entrar na luta, porque não desejam originar perturbações! que logica e sobre tudo que consciencial!

O que é essa nova constituinte, dizem elles, senão um composto de delegados dos clubs federaes?

Que auctoridade pode ella ter perante todo o paiz?

Este systema é commodo para argumentar: tem só um defeito; pecca pela base: é falso.

A columna foi sempre a arma predilecta dos partidos conservadores.

Vinde cá, reaccionarios e monarchistas: pois se vós sois a maioria; pois se vós é que sois a representação nacional, porque não ides á urna onde tendes a certeza de vencer?

Não está toda a Hespanha em paz pela parte dos republicanos? Quem vos intimidada? Vamos, vamos, á urna, á urna!

E' tempo de acabarmos com estes subterfugios; sede francos: dizei que o systema monarchico morreu para sempre em Hespanha a 11 de fevereiro de 1873, e que hoje a vossa voz se perde no deserto sem deparar um peito sobre que echôe.

Dizei, pelo contrario, que sois despresados por todos, dizei que já ninguém vos attende nem ouve as vossas supplicas e imprecções contra a nova forma de governo; reconhecei que a Hespanha não podia viver n'aquella continua mutação de homens politicos, passando diariamente da liberdade ao despotismo militar, d'este ao fanatismo religioso e inquisitorial; assim degradada aos olhos da Europa durante 40 annos de governo constitucional, assim impobrecida e tornada uma das mais miseraveis nações da raça latina.

Por isso virá a constituinte. Ouviremos de novo a voz dos Padilhas e de João Bravo.

O palacio das camaras será a imagem do que foram as antigas cõrtes de Castella e Aragão; e o que outr'ora não poderam fazer estas, pugnando por seus fóros e privilegios, conseguil-o-ha hoje aquelle. A justiça na historia gasta séculos para realisar-se, mas a final soa para ella a sua hora.

De Hespanha passemos a França.

Ahi triumphou nas ultimas eleições supplementares o partido avançado da republica.

Em Pariz venceu Barodet por uma grande maioria. Esta eleição exprime a necessidade de mais clareza e decisão no governo da republica franceza. E' uma resistencia ao governo transitorio do mr. Thiers; e denota bem que se entra no periodo definitivo da republica. A França deixará de apresentar então esse espectáculo vergonhoso e iniquo dos fusilamentos, que ha 3 annos estamos presenciando com uma barbaria e insensatez, propria de quem só não possui entranhas.

No departamento das Bocas do Rhodano venceu também o candidato republicano, Lackroy, contra Federico Passy, conservador. A mesma coisa succedeu em Bordeaux, no Marne e em todos os mais departamentos onde houve eleições supplementares, excepto num, o Morbihan, onde o candidato legitimista obteve uma pequena maioria.

Em Inglaterra desinvolve-se desmedidamente o partido republicano e falla-se numa manifestação á favor da republica hespanhola.

As nações do norte e oriente da Europa occupam-se actualmente com a exposição de Vienna d'Austria que se abriu ha pouco. Sómente ainda algumas nações se acham representadas e entre essas conta-se a nossa.

E' impossivel que sendo o sr. Fontes ministro e presidente de ministros não tomasse uma parte activa neste objecto que se accomoda tão bem com o seu paladar de festas, espectaculos e cavalhadas.

*Carta de Luiz Blanc em resposta ao convite feito pelos centros, parisiense e republicano, para assistir ao jantar particular, offerecido por aquellas associações, em commemoração do dia 21 de setembro anniversario da abolição da realza em França em 1792.*

Senhores e caros compatriotas— Retirado da França só hoje recebi o vosso convite fraternal. Não poderei achar-me em Paris no dia 21 em que deve ter logar o banquete para o qual vós me convidades.

Será preciso que vos exponha o pesar que eu sinto?

Tive sempre como muito util a celebração pacifica dos anniversarios que relembram um triumpho do direito. Essas festas da intelligencia manifestam o valor tradicional dos principios que pretendem glorificar. Perpetuam a memoria d'aquelles que foram os seus soldados, os seus apóstolos, ou os seus martyres. Servem para medir sobre a estrada das idéas o caminho percorrido e a distancia que falta a percorrer. São, como que, uma resurreição do passado a bem do presente e em attenção pelo futuro.

Terriveis têm sido, desde 21 de setembro de 1792 as provações por que tem passado a idéa republicana: mas essas provações attestam que ella tem força e vitalidade.

Associada durante a revolução franceza a todos os esforços da luta a mais gigante que tem assumbrado a humanidade e abalado o mundo—perseguida violentamente durante o primeiro imperio—banida pela restauração—combatida tenazmente por Luiz Filippé—meio afogada no sangue de junho em 1848—reduzida pelo segundo Bonaparte a aguardar em silencio a sua hora, a idéa republicana, vencida algumas vezes, calumniada sempre, provou exuberantemente que ella é indomavel. Mas o que ella também provou, é que no dia das supremas angustias o seu poder era o unico para o qual a nação inteira naturalmente appellava. Qual foi em 1792, perante a Europa colligada contra nós, e em 1870 depois do desastre de Sédan o grande brado levantado pela França? A patria está em perigo: Viva a Republica!

Tanto é verdade que a Republica, o regenerador por excellencia em tempos normaes, é em tempo de crise o unico governo salvador! Há pois tanta ingratidão em maldizel-a, como loucura em atacal-a.

Eu disse loucura em atacal-a, porque se alguma conclusão se pode tirar da historia moderna da França, é que o primeiro imperio, a restauração, o governo de julho, o segundo imperio não foram no drama da conquista da liberdade senão entre-actos; pois que o movimento dos espiritos se desenvolveu durante esses tempos por modo continuo e rapido embora ás occultas, e se a França pareceu querer adormecer monarchica, foi para despertar mais republicana.

Seibam-no pois os realistas: a republica, cujo nascimento os nossos annunciavam em 1792 aos povos do velho mundo, nasceu immortal.

Se mais uma vez conseguissem retirar-a da scena (o que será impossivel) uma revolução em breve a reconduziria inevitavelmente. Isto comprehende-o hoje todo aquelle que não está obcecado pela paixão de lançar-se impensadamente ao meio de novas agitações; é isto ainda que explica a irresistivel diffusão do sentimento republicano no nosso paiz.

Cada dia se torna mais clara a causa da ordem, bem como a da liberdade.

Gloria aos bravos que a 21 de setembro de 1792 nos legaram esta dupla victoria para a continuarmos e completar! No proximo 21 estarei pelo coração e pelo pensamento convosco e com todos aquelles que nesse dia beberem como vós, á memoria dos fundadores da republica e ao

estabelecimento definitivo do regimen republicano.

Saude e fraternidade, 16 de setembro de 1872

Luiz Blanc

## ADHESÃO POLITICA

(Aos redactores da REPUBLICA PORTUGUEZA)

Filho da geração actual, com as crenças e o entusiasmo da mocidade, que é sempre a primeira a acompanhar as evoluções progressivas do espirito humano, considero dever impreterivel saudar, intima e fervorosamente, o apparecimento do jornal do partido republicano, em Coimbra; facto jubiloso para os que professam do coração as idéas avançadas da democracia, e em cujos peitos se multiplicam as mais nobres aspirações pela causa do bem, do justo e da moral.

Estou do vosso lado, corajosos lidadores da idéa nova, e ufano-me de alistar-me nas vossas fileiras sem que alguém possa, com verdade, increpar-me de ser hoje, em politica, o que não fui hontem. Tenho vivido fora do contacto dos partidos, que ahi se degladiam systematica e vergonhosamente. Appellidam-se monarchicos, e, consoante com o credo symbolico da realza, tenho visto que se occupam mais com o engrandecimento pessoal e da conquista do poder, embora á custa de muita intriga e muita baixeza, do que do bem estar da sua patria, da felicidade dos seus concidadãos, da propagação dos principios de equidade, justiça, moralidade e reformas uteis. Esses partidos, ou, antes, essas facções que ahi se hostilizam, não pelo triumpho de uma idéa santa, noble e digna, não pelo amor á causa do progresso da humanidade, expressado em tantas concepções brilhantes, mas sequiosos pelo ouro pel do mando, pela cubiza do prestigio auctoritario; essas facções—convencam-se os incredulos—ainda que o espirito moderno dos povos não se insurreccionasse já contra as instituições monarchicas, concorreriam bem depressa, pela sua falta de fé politica, pelos desregramentos e planos artificiosos das suas administrações, tão infelizmente conhecidas, para a queda da monarchia, ao abrigo da qual se encheram de honras e proventos para mais cedo a comprometterem.

E agora, que começam talvez a ter remorsos da esterilidade das suas lutas; que vêem em caminho de organização o partido republicano em Portugal, que presenciaram o resultado significativo das eleições supplementares em França, e que estão em vespuras de assistir ás eleições da Hespanha livre, é natural que, para entibiar os nossos esforços, ou menoscarbar as nossas intenções, tenham a pretensão de se inculcarem á altura das necessidades da epoca, compenetrados apparentemente dos desejos de procederem ás reformas sociaes, que descuraram, para terem tempo de tratar de si, dos seus compadres e dos seus amigos!

E' tarde, porém! Os partidos monarchicos vão perdendo a força, porque vivem desconceituados e estão gastos.

São conhecidas as suas tendencias, completamente oppostas ás idéas do tempo de hoje, que não transige com a tradição e menos com velharias absurdas, mas que segue a onda revolucionaria do progresso, trabalhando para que se approxime a hora de uma completa regeneração social. Para que ella se dê, é necessario que a democracia erga aqui desafogadamente a sua bandeira, leve bem longe a sua propagação, faça visiveis as suas idéas e os seus trabalhos. Democracia e monarchia, são, quanto a mim incompativeis. Onde houver realza, não pode deixar de haver servilismo. E a democracia apostolisa a egualdade perante a lei, não admittit aulicos perante o poder. Ha finalmente um abysmo

entre a caducidade das monarchias e a effervescencia da democracia.

A' republica está por tanto reservada uma missão de todo o ponto seria e grave: dirigir o movimento revolucionario da idéa nova, educar o povo para o tornar conscio dos seus deveres e direitos, para o fortalecer nas suas aspirações de liberdade, para o encaminhar em todos os committimentos que tenham por fim o bem-estar social, de que anda tão afastado.

E' tempo de tirar ao povo as algemas da ignorancia; é tempo de o ver investido da soberania em que lhe fallam os partidos monarchicos para o explorarem, não para o protegerem! São como os padres, que, dizendo sempre que o seu reino é lá em cima, aproveitam habilmente a realidade cá em baixo!

O partido republicano, em Portugal, tem muito que trabalhar para levar a cabo a sua obra. Não ha de, porém, sossobrar porque, quando no seu começo não tenha a força, tem a vida, tem a mocidade com todo o ardor das suas idéas livres e todo o entusiasmo das suas convicções e aspirações generosas. Faça elle bem patente o seu programma, no qual sejam principios fundamentaes: o desenvolvimento da instrucção popular, a ampliação de todos os direitos individuaes; a garantia e a liberdade de associação; proclame a liberdade de consciencia, e ponha em acção outras necessidades inherentes ao organismo sadio de uma republica com ordem; e verá que não lhe faltam adeptos, nem deixará de acompanhar menos dignamente a Europa pensadora no empenho constante em que labora de transformar as sociedades, escravas de hontem e opprimidas de hoje, em povos livres de amanhã.

A Republica Portuguesa iniciou e desenvolverá, pelo decurso do tempo, o programma do partido, de que é orgão na imprensa.

Completamente identificado com a indole d'este jornal, até onde cheguem os humildes recursos da minha intelligencia, esporearei, com a lealdade e o desassombro dos vinte annos, a causa que elle advoga.

Lisboa.

ALBANO COUTINHO JUNIOR.

O QUARTEL DE CAVALLARIA EM BRAGANÇA

Dizia o *Diario Popular* de sexta feira 2 de março, referindo-se á proxima sahida do regimento de cavallaria sete, de Santarem para Bragança, que o quartel d'esta cidade era um casarão velho completamente em ruinas e donde se tirou ha tempo um corpo de cavallaria porque o edificio ameaçava dar com os habitantes em vasa-barris.

A redacção d'esta folha que é na maioria composta de mancebos d'aquella provincia, tem a declarar ao illustre collega salvo o respeito que lhe deve a sua opinião, uma das mais independentes do nosso paiz, que não foi bem informado das condições de solidez e salubridade em que se acha aquelle aquartelamento. Não é palheiro nem velha ruina, nem o sitio, sobre que está assente, é local de imundices.

Eleva-se sobre uma collina sobranceira á cidade, é arijado, ventanoso até. As construções são novas geralmente, e o unico defeito no nosso intender, que possui, é ser talvez apoucado para ahi poder estacionar um corpo completo; mas para isto ha remedio: augmenta-se ou tem-se sempre esquadroes destacados, como se faz com muitos outros.

O collega talvez fizesse estas observações, porque talvez ainda se lembrasse da grande mortandade dos cavallos, quando o regimento esteve alli pela primeira vez; mas isto teve outras causas, as quaes são hoje do dominio do publico brigantino.

Os cavallos não morriam por falta de condições higienicas ou climatericas; o caso é mais singular, morriam á fome.

Em quanto ao que o collega diz com respeito aos incommodos da viagem e ao peso com que sobarregam os povos com

os aboletamentos, estamos de accordo, que é um grande mal; mas nada prova que este regimento ou outro, não deva estacionar em Bragança; em primeiro lugar, porque as rações de pão e mais comestíveis para os cavallos são mais baratos do que em qualquer outra parte; em segundo, ainda porque o próprio local do quartel se presta a manobras militares, pela sua posição que domina a cidade e a defende, por um lado, de todo e qualquer ataque exterior.

Agora só mais duas palavras.

Não nos admira que o collega não tenha sido bem informado a este respeito, pois que, quem falla d'esta provincia entre nós, é como se fallasse da Lapónia ou da Conchinchina. Nenhuma ha que tenha sido tão despresada.

O governo constitucional que é o reinado do ouro dos grandes capitalistas das cidades, mancomunados com o lixo e mercantilismo das intelligencias, tem produzido em todos, todos os mesmos resultados. Embellezam-se as grandes cidades á custa das provincias e das pobres aldeas para que suas srs. mamons do dinheiro, para que suas excellencias os srs. nababos passeiem commodamente nas suas velozes e vistosas carroagens.

Theatros, ruas de asphalto, magnificos palacios, festas publicas de regosijo nacional, corações, dinheiro para viajar sua magestade e os seus filhós e seus netos, os bisnetos e as suas tias e os seus tios e o seu bisavô, toda a parentella real, emfim desde D. Affonso Henriques, desde talvez o rei David, tudo paga a pobre provincia, tudo paga e nada d'isto possue. Para não a descontentar de todo vae-se visitar um dia por desfastio.

Em recompensa de tanta dedicacão, a capital ou as capitais começam por ignorar o que se passa na provincia. A provincia é para a capital uma terra de exploracão, uma coisa de conquista; tira-se-lhe o mais que se póde. A provincia é bagueado que, quanto mais se exprime, mais como rende. Quem mais dá?

E apparecem logo os Torquemadas politicos, os Campilhos e mais, que lá põem a pobre provincia, cada qual por sua parte, em hasta publica.

A provincia de Traz dos Montes parece que foi talhada de molde para ser o retrato odioso do perverso effeito da accão deletéria da monarchia. A monarchia tem-na deixado absolutamente esquecida. Nem estradas, nem caminhos de ferro, nem instrucção, nem estabelecimentos de credito publico, nem escolas de instrucção, nada absolutamente nada: eis o que a monarchia tem dado á provincia de Traz os Montes. Eu não me admiro que toda a mocidade academica coimbricense e do Porto e de Lisboa, d'aquella provincia seja republicana, o que me espanta, o que me custa acreditar, é que ainda haja lá um monarchista.

Uma reles estrada de Villa Real até Bragança, levou mais de vinte annos a construir-se. O caminho de ferro chegará lá no dia do juizo final se a monarchia continuar a existir. O lyceu de Bragança está reduzido a 2 professores que não sabem nem podem saber, porque não tem habilitações para ensinar tudo, embora as tivessem, vedava-lh'o o tempo. Uma provincia populosa e extensa como é, todavia não possue um unico jornal.

Alli passa tudo desapercobido; só os factos immensamente escandalosos chegam a ser do dominio do publico. A maior parte das pessoas não sabem ler. O clero participa d'esta anestesia commun.

E não se diga que o terreno é maninho, ou pouco productivo, que os seus habitantes são de trato rude e de faculdades pouco intellectuaes, nada d'isso. A causa é outra. É a ignorancia, e só a ignorancia que a monarchia faz em roda de si, porque lhe convem, que é a causa de tudo isto.

Esta provincia é rica, abundante em cereaes, vinho, azeite, castanhas, fructas e legumes; podia exportar uma grande quantidade de todos estes objectos, mas a monarchia não lhe faz estradas; e os seus productos não vão abastecer os mercados publicos. A terra não póde produzir tanto, como devia, porque o cultivador não sabe e a monarchia não o ensina a cultivar.

Os filhós d'esta provincia podiam ser felizes, accumulando algumas economias

para a velhice, mas o que o bom regimen ponpou, livrou das despezas, lá o leva a monarchia para sustentar o seu fausto; a capital para embellezar os seus theatros, as suas ruas publicas, os seus palacetes onde hão de viver os monarchas, ou seus ministros; lá se gasta em espionagem e corpos de policia, lá é dado debaixo do nome de lista civil para o rei ir viajar ou sua tia, ou seu tio, ou seu pae, sua avó, visavó, teteravó e toda a linha em fim de sangue real. A. M.

## BIBLIOGRAPHIA

Compendio de Poetica e Estylo

por

J. SIMÕES DIAS

De passagem vamos hoje fallar num livro, em que já de ha muito deveramos ter tocado. Releve-se-nos, á conta de boa vontade, o involuntario espaço que mediou entre a recepção da obra e a sua modesta apresentação.

É um trabalho de escola, vá-se já dizendo. Escripito para os lyceus, principalmente, não pode, como compendio que é, tornar-se superior em linguagem e em idéa, á intelligencia, ainda pouco desinvolvida, dos alumnos que frequentam as aulas secundarias. E isto mesmo comprehendeu, decerto, o sr. Simões Dias, procurando ser claro, e agradável, sobretudo.

O compendio de Poetica e Estylo é, pois, um trabalho novo — se assim nos podemos exprimir. Aos preceitos aristotelicos, antepõe elle, e com razão, a doutrina de João Paulo, de Schiller, de Leibniz, de Herder, de Hegel, etc. Facilmente notará isto quem quizer attender á bem elaborada classificacão das suas composições poeticas.

Não obsta, porém, este juizo a que nós lhe notemos defeitos, e defeitos gravissimos, talvez. Causa muito para espantar se nos afigura ter o seu auctor encetado este trabalho pela analyse da faculdade do bello, concluindo-o depois pela critica da poesia, em geral. Pois o bello não será, por ventura, uma derivacão da arte? Então como quer o sr. Simões Dias definir o bello, ignorando completamente o ramo de conhecimentos a que elle deve pertencer? E demais a mais, nestes estudos, onde o methodo e a systematisacão, tudo valem e tudo podem, como poderemos nós deixar de ter uma noção de esthetica, afim de mais logicamente atingirmos o nosso fim? Queremos crer que o sr. Simões Dias abstrahisse de uma deducção, rigorosamente metaphysica, mas não poderemos jámais acreditar que o seu espirito em demasia illustrado e claro, muito de proposito se furtasse a estas exigencias de uma boa critica, sã e racional.

E que ninguém veja nestas linhas uma censura, ou por ventura uma malquerença para com o trabalho do auctor. Longe de nós semelhante proposito. O livro é bom, claro e util. Satisfaz rigorosamente ás condições de um compendio, e tanto lhe basta, creio eu.

Entre nós é tanto mais digno de elogio um livro d'esta ordem, quanto é certo que são rarissimos aquelles que abundam nas exigencias do programma official, e saciam a vontade do povo que deseja ser instruido e que tem direito a sel-o. Mais um motivo, sem duvida, para nos congratularmos sinceramente com o auctor d'este trabalho. E aceite o sr. Simões Dias o nosso parabem, que é leal e verdadeiro, como o sentimento que o inspirou.

MAGALHÃES LIMA.

LISBOA, 5 DE MAIO DE 1873

(Do nosso correspondente)

Escassez absoluta de novidades. O periodo da minha primeira correspondencia

que diz respeito ao *Diario Illustrado* produziu uma questão pessoal. Tomo do periodo em questão a absoluta responsabilidade e nesta data escrevo ao director do *Diario Illustrado* neste sentido. Do resultado darei conta opportunamente.

—Os jornaes *reaccionarios-liberaes* proseguem na sua *propaganda* contra a revolução de Hespanha. Não escasseiam os insultos e os vituperios: é uma nova feição da critica da historia.

No fim de tudo a terra governada pelo chicote do sr. barão de Zezere devia ser mais attenciosa para com a patria de Castellar e Figueras.

—Não produziu o desejado escandalo o livro do sr. José Gomes Monteiro sobre *Os criticos de Fausto do sr. Castilho*; obteve porém, um triumpho singular com a apreciação *erudita* da sr.<sup>a</sup> Guiomar Torresão... Sempre o lado comico!

—Sobre o mesmo livro espera-se em breves dias um trabalho notavel do sr. Graça Barreto e refutações dos srs. Adolpho Coelho e Joaquim de Vasconcellos.

—A *Fraternidade Operaria* tracta da reforma dos seus estatutos em sentido descentralizador.

—O *Diario Popular* colloca o *Diario Illustrado* na galeria em que figuram a *Nação*, a *Patria* e o *Direito* e dá-lhe ao mesmo tempo umas lições de historia moderna. É tempo perdido.

—A bemaventurada *Nação* recebeu com a impassibilidade de velha beata-ex-devassa o desmentido vigoroso do nosso collega e amigo Magalhães Lima sobre as calumnias por ella arremçadas ao illustre redactor da *Correspondencia de Coimbra* o sr. dr. M. E. Garcia. A palavra é alli de pouco peso.

—Está em Lisboa o dr. Pessanha Povoia um dos mais illustres caudilhos da idéa democratica no Brazil e homem de vasta illustração. Vem a Portugal, tratar de assumptos relativos á exposicão portugueza no Rio de Janeiro.

—A *Bibliographia Critica do Porto* insere no n.º 7 um artigo vigoroso do sr. dr. Theophilo Braga sobre os *Opusculos* do sr. A. Herclano.

—Projecta-se a fundação d'um jornal socialista. Deve sair em breves dias. É redigido por pennas vantajosamente conhecidas nas pugnas da *idéa nova*.

Nada mais por hoje.

S. P.

A academia de Coimbra veste hoje de lucto. A uma fatalidade inconcebivel succedeu a mais desastrada de todas as calamidades. E que o tumulo acaba de occultar para sempre um cadaver, e um cadaver querido de todos os corações generosos e de todas as almas bemfazejas. Para nós eclipsou-se o sorriso de um irmão e deixou de escutar-se a voz de um amigo sincero. Pobres paes que o choram, e infelizes irmãos, que, neste momento solemne, lhe enviam uma derradeira e sentida saudade!

Falleceu na segunda feira, pouco depois das 8 horas da noite, o estudante do 2.º anno juridico Antonio de Barros Coelho e Campos. Filho do sr. Francisco de Barros Coelho e Campos, de Vizeu, e sobrinho do sr. Luiz de Campos, deputado, — possuia o fallecido moço todos os predicados que distinguem todo o homem de bem. Ainda joven contava elle apenas 19 annos incompletos.

É profunda a dôr para que assim possa exprimir-se. Aos seus honrados paes e a todos os seus amigos nos associamos do intimo d'alma, enviando-lhes estas poucas palavras de consolacão, cuja unica valia é, sem duvida, a lealdade que as dicta. E acceitem-n'as todos que é real a nossa mágoa!

## NOTICIARIO

Dizem-nos que virá brevemente a esta cidade o talentoso escriptor Luciano Cordeiro.

Amo certa mulher que não avisto Senão de longe em longe na janella, Sendo minha tenção casar com ella, Tenção que fiz e de que não desisto.

É a melhor mulher que tenho visto. Alta, morena, grandes olhos... bella! Mas, com medo dos homens que se pella, —Cartas, mais cartas, e não passa d'isto.

A principio gastei bem bom dinheiro Com o gallego nesta contradança, Mas depois variei de portador.

Devo ao Thomaz Antunes a mudanca, Que me arranjou um bom alcoviteiro No jornal que o tornou commendador. (Do *Espectro de Juvenal*.)

Consta-nos que o sr. Carneiro, estudante do 5.º anno de direito, fará brevemente uma conferencia numa das salas do Instituto de Coimbra. Versará especialmente sobre a refutacão do systema philosophico de Augusto Comte.

Esperamos pela conferencia para julgar

Foi solemne na terça feira, o enterro do infeliz Coelho e Campos. Além do acompanhamento de quasi toda a academia, recebeu o cadaver a despedida de dois condiscipulos e amigos; fallou o sr. Antonio Candido Ribeiro da Costa e recitou o sr. Antonio de Macedo.

Uma cousa sómente nos contristou: foi não ver alli os lentes do segundo anno!

O caixão conduzido pelos estudantes do segundo anno, era acompanhado pelos srs. Antonio Jardim, Mendonça Cortez, Luiz Jardim e Julio de Vilhena.

Honra a estes a quem a academia se confessará eternamente reconhecida e grata.

No curso do 3.º anno juridico devem começar na proxima segunda feira, as discussões relativas aos diferentes pareceres dados, para exercicio academico, pelo sr. dr. Garcia. Está na mesa o 1.º que diz respeito ao *territorio e população nas suas relações com a organisação administrativa*, de que é relator o sr. Magalhães Lima.

Foram prohibidos pela congregação do Index os seguintes livros: — *Biblia desvelada. O dia seguinte ao da morte, ou a vida futura segundo a sciencia. Os direitos civis e a liberdade religiosa dos catholicos. O homem e o animal.*

E ainda querem que os tomem a serio. Santa gente...

Recebemos, e egualmente agradecemos, o folheto *Cervantes e Portugal*, escripto pelo sr. Carlos Barroso. Chama-lhe este cavalleiro curiosidade litteraria, e é dedicado ao respeitavel dr. E. W. Thebussem, barão de Thirmenth.

Vamos tambem ler.

Consta-nos que o sr. Silvano Marcão, auctor do folheto — *O escolho da republica*, vai brevemente publicar um livro — *Nobreza e clero*, onde dará maior desinvolvimento ás doutrinas por elle apresentadas no sobredito opusculo.

Tem progredido bastante a *escola de tiro*, fundada ultimamente nesta cidade, por iniciativa do sr. dr. Mendonça Cortez. Além de uma utilidade manifesta, recommenda-se esta empresa pelo grande desinvolvimento hygienico que d'ahi poderá provir aos seus frequentadores.

Verificou-se no sabbado a recita annua de cada no theatro Academico: — *O chaile de Cachemira, As pragas do Coronel e as Commoções*. Tanto o sr. Cesar de Lacerda como a sr.<sup>a</sup> Carolina Falco mostraram mais uma vez o distincto logar que occupam na scenica portugueza.

Morreu em Versailles a esposa do grande revolucionario e pamphletista Henrique Rochefort.

Depois de escripto o artigo *Affirmação Política* no numero antecedente d'este jornal, tivemos occasião de examinar um excerpto das *Farpas*, em que se seguia uma doutrina opposta.

Não podemos ficar silenciosos ante a indiferença politica affirmada pela redacção d'aquelle folheto; e perguntamos-lhe se ella ou alguém pode comprehender que se realice algum principio, que se traduza praticamente alguma idéa, sem que haja um meio adequado em que possa desenvolver-se?

A redacção das *Farpas* quer a resolução do problema economico, quer que se preocupem os animos com a questão social; mas sempre queriamos saber como isso se podia realizar, quando a formula politica é insufficiente para garantir o direito.

O problema para o maior amplitude é a realisação pratica da justiça, e sendo a forma de governo o meio adequado á sua realisação em uma dada epocha, como poderá haver quem imagine a resolução dos principios da justiça actual em uma forma de governo de ha dois seculos?

As *Farpas* poderão comprehendel-o; mas nós aconselhamos-lhe que, para não serem *farpeadas*, *farpeem* apenas; e que nos auxiliem mostrando-nos a queda da sociedade actual pela desmoralisação que nella lavra, e que não se lembrem d'affirmações.

De uma *preciosidade litteraria* de Lisboa, que por ali corre para vergonha do senso commum e das letras patrias transcrevemos o seguinte:

«No artigo de fundo do novo jornal a *Republica Portuguesa* encontramos o seguinte periodo que não deixa de ser curioso.

«Para ser espirito humano, para ser espirito progressivo é necessario ser espirito social e para ser espirito social é necessario ser espirito politico.»

Por este caminhar em *espirito*, onde iria parar o collega senão põe ponto final ao periodo?

Mais abaixo lê-se:

«...descarregaram a consciencia do homem, porque tiraram de cima de seus hombros o peso insupportavel das religiões».

Até aqui só se tirava de cima dos hombros o fato, ou indo mais longe, algum frete. Agora são as religiões que saem de cima dos hombros. Isto naturalmente é figurado, e quer representar a Biblia e o Alcorão, que são dois livros pezados.

O que não comprehendemos, é como aliviando as costas se alivia a consciencia. Aceitando a inversa, isto é, que carregando as costas se carrega a consciencia, começamos a ter o maior dó dos pobres gallegos, que todos os dias ali vemos ajoitados por essas ruas.

Pobres consciencias compostellanas como ellas não irão?»

Os redactorsinhos, dignos de figurar nos quadros liluputianos do immortal Swift, não comprehendem isto. Basta...

São d'este quilate as graças e as prodigalidades, com que a *santa* monarchia ainda hoje beneficia o povo:

«Generoso governo! Apertado pelo desgosto dos contribuintes e pelas reclamações dos jornaes, resolveu dividir a cobrança da contribuição industrial em duas prestações. Querem saber como? A primeira prestação pode ser paga desde 25 de abril até 25 de maio, a segunda desde 25 de maio até 25 de junho!

Isto é na verdade zombar com os contribuintes. Sendo o pagamento em duas prestações, devia ser de seis mezes o intervalo entre estas; o governo concede um mez.

«E este mesmo governo tem auctorisação para dividir o pagamento das contri-

buições industrial e pessoal em quatro ou mais prestações com grandes intervallos. Não usa d'essa auctorisação favoravel aos interesses do fisco e commoda para os contribuintes! Concede-nos em troca um mez de prazo!

«Grande generosidade, para não dizer grande zombaria!

«Mas se o governo alardeia que tem trez mil contos em cofre, porque dá tão pequeno prazo sem vantagem d'elle nem dos contribuintes?»

O sr. Bulhão Pato prepara um novo livro que deve sahir proximamente. Já ha muito havia elle sido annunciado e denomina-se *Satyras e Cantos*.

Queremos crer que o auctor da *Paqueta*, aprezentando-se novamente em scena, nos dará um trabalho digno, e não uns vestigios d'esse lyrismo inepto, que por ali anda ainda invocado por uns certos sujeitos cabeçudos e sem vocação pronunciada.

Do *Diario Popular* transcrevemos o seguinte:

«Calcula-se em 12 milhões de dollars o valor das propriedades destruidas pelo terramoto que reduziu a ruinas a cidade Nueva San Salvador.

Como o nome indica, era uma cidade nova. A capital primitiva fôra fundada por Alvorado, um dos officiaes de Cortez, em 1528. A 16 de abril de 1854 foi inteiramente arruinada, e os seus habitantes resolveram edificar uma cidade nova n'outro local. A Nueva San Salvador tornou-se uma cidade de 16:000 habitantes, em posição florecente, a distancia de 15 milhas do porto da Libertad.

Todo o territorio do districto em que assenta aquella infeliz cidade é um solo vulcanico perigosissimo, apesar da formosura da natureza e da sua prodigiosa fecundade. O seu nome originario significa «Terra dos ricos.» A população d'aquella republicasinha é quatro vezes mais numerosa que a dos outros estados da America central.

A joven capital supportou, num espaço de vinte annos, uma revolução politica e um assedio. Uma das coisas mais extraordinarias na historia d'aquellas regiões equatorias é a rapidez com a qual o povo repara os seus desastres. Já as auctoridades resolveram reedificar a cidade, mas não parece que escolhessem outro sitio mais seguro e menos perigoso.»

Tem sido apreciada, com maximo interesse e curiosidade, a questão levantada entre o sr. dr. Garcia e dr. Motta Veiga, relativamente ás diferentes escolas philosophicas, que hoje se degladiam nos domínios da sciencia. Versa a questão principal ácerca do *positivismo contemporaneo*.

Espera-se nesta cidade o distincto poeta Luiz de Campos, que ha pouco sahiu do hospital da Estrella, em Lisboa, onde se havia recolhido, afim de tratar-se de uma grave enfermidade.

Seja bemvindo o illustre hospede e amigo.

Do *Diario Popular* transcrevemos o seguinte:

«Para se fazer idéa da actividade desenvolvida em Paris pelos amigos e partidarios da candidatura Rémusat, bastará dizer que encheram as esquinas da grande capital com 865:000 cartazes aproximadamente, profissões de fé, adhesões, tiras com o nome do candidato, etc.

Os partidarios de M. Stoffel affixaram 100:000 profissões de fé e 300:000 tiras com o nome do candidato bonaparto-legitimista. Da profissão de fé de M. Barodet foram tirados 150:000 exemplares, e o

nome d'este candidato foi impresso, sem mais adjectivo em 300:000 tiras. Se todas aquellas folhas de papel, em numero de *dois milhões e quatrocentas mil*, fossem coladas em seguida umas das outras, ficaria uma tira de 800 kilometros de extensão, isto é a distancia entre Paris, Lisboa, Alexandria, (Italia) e Hanover. Collocadas umas em cima das outras, formariam uma pilha de papel de trinta metros de alto.

Pode ainda fazer-se outro calculo que realmente um bom collador de cartazes afixa 36 por hora; se tivesse que afixar sosinho aquelles 2.400:000 folhas de papel, gastaria n'esse trabalho 71:428 horas, ou 2:974 dias, ou oito annos, trabalhando de dia e de noite, bem entendido.

O papel gasto em cartazes com as taes candidaturas parisienses pesava ao todo 240:000 kilogrammas. Em Paris chegou a faltar colla para tanto cartaz. Só um deposito vendeu 20:000 kilogrammas. Pôde chamar-se a isto o pequeno lado das grandes coisas humanas».

Lê-se no *Jornal do Commercio*:

«Diz-se que se fundou em Lisboa uma associação, que tem por titulo—União republicana de Portugal.

Parece que entre os artigos principaes da sua constituição ha as seguintes disposições:

Ocultar o conhecimento dos membros principaes á associação em geral, que obedecerá aos dictames de certos delegados; e promover o cumprimento exacto das ordens do conselho geral, que juntas directoras farão observar nas secções em que a associação será dividida.

As pessoas que fazem propaganda para essa associação, dizem que ella tem por fim preparar o espirito publico para a transformação politica que os acontecimentos da Europa possam por ventura operar no paiz; e firmar uma politica eminentemente liberal, mas essencialmente conciliadora, não só para merecer a confiança dos partidarios da idéa que a associação defende, mas para captar o respeito dos proprios adversarios.

Por todos os caminhos se vae a Roma, mas com juizo e prudencia, isto dizemos, a serem certos os boatos de que damos conta.»

O *Diario Illustrado*, narrando ultimamente um assassinato, praticado por um republicano, concluiu ser essa, em geral, a pratica da democracia.

Lamentamos profundamente que a par de similhante ignorancia, seja tamanha a má fé.

De toda a parte nos chegam adhesões á idéa nova que apostolamos na imprensa. E' prova evidente que ella está já no animo de todos. Nós não somos senão um dos seus mais humildes defensores.

Recebemos e agradecemos o livro *Cinco Dias em Madrid* do nosso correligionario politico o sr. Albano Coutinho Junior. Vamos ler e fallaremos depois.

### Despachos telegraphicos

A *Gaceta* publica a ordem do dia do general Nouvilas. Diz que a republica não decidirá nunca da sorte do exercito por surpresa; o ministerio submeterá á constituinte as grandes reformas que projecta; a nação proclamou a republica e a constituinte a organizará; os soldados devem seguir os chefes com subordinação e zelo, terminar a guerra civil e affiançar a ordem.

A *Gaceta* publica uma mensagem das corporações das Canarias, expressando a sua fidelidade á Hespanha, e negando a existencia de partido separatista naquellas ilhas.

Foi posto de parte o projecto do general Nouvilas, de tornar para o norte, em vista do decrescimento da insurreição.

Hontem houve demonstração das sociedades democraticas de Londres protestando contra a attitude do governo a respeito de Hespanha, e pedindo o reconhecimento da republica e a suppressão da junta carlista.

## EXPEDIENTE

O primeiro numero da nossa folha acha-se esgotado.

Pedimos aos cavalheiros a quem enviamos o jornal, o favor de nos remetterem o 1.º numero, no caso de não quererem ser nossos assignantes.

A's illustres redacções dos varios jornaes a quem enviamos o nosso pedimos a troca.

No deposito de Sabão, situado na rua da Sophia n.ºs 59 e 61 vende-se avulso este jornal e ahi se recebem assignaturas.

## ANNUNCIOS

### DOS BANCOS PORTUGUEZES

POR

Luciano Cordeto

EDITORES, Pacheco e Carmo, LISBOA

500 reis

SILVA PINTO

### HORAS DE FEBRE

A' venda nas principaes livrarias — 300 reis.

MAGALHÃES LIMA E SILVA PINTO

### O ESPECTRO DE JUVENAL

Saiu o n.º 4

A' venda na livraria Academica, Calçada.

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra—Trimestre . . . 300 reis, semestre de 30 numeros. . . 600 reis.—Para ás Provincias—Trimestre . . . 360 reis, semestre. . . 720 reis.—Avulso no proprio dia 20 reis.—Annuncios 30 reis cada linha.—ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção da *Republica Portuguesa*, Coimbra—Couraça de Lisboa, 87.



# REPÚBLICA PORTUGUEZA

FOLHA SEMANAL

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE COIMBRA



ANNO DE 1873

QUINTA FEIRA 15 DE MAIO

N.º 3

## POLITICA PORTUGUEZA

A noite é magestosa, mas existe uma potencia mais brilhante. Esta potencia é a aurora.

A Democracia é a grande aurora, que desponta sobre o horisonte social apoz a longa noite das tristezas monarchicas. Muitos fecham os olhos a esta luz esplendida; subtraem a alma a esta redempção.

Nós somos moços. Sentimo-nos animados pelo calor do espirito moderno. Respeitamos a auctoridade de nossos adversarios. Ha, todavia, uma auctoridade mais elevada—a auctoridade dos principios. Diante d'ella não se póde recuar, porque, cedo ou tarde, não o duvideis, necessariamente se ha de impôr.

Dirigimo-nos á politica portugueza, aos partidos monarchicos, que, em uma demanda de quarenta annos, tem esfarrapado ingratamente a toga d'este paiz, que nos ficou ensanguentada pelas atrocidades infames d'aquella aguiá altiva, d'aquelle sombrio poder, chamado absolutismo, que, durante tantos seculos, para vergonha nossa, teve a direcção da historia.

E dirigimo-nos a elles, porque são elles os que, nestes graves momentos que vamos atravessando, nestas horas de seriedade e critica, procuram reter a marcha das novas idéas, aniquilar os productos da nova civilisação,—illudindo o espirito do povo com suas reformas, com seus tacaños sophismas;—estragando-lhe o coração pelo odio ao que é justo, ao que é bom;—reduzindo-lhe a vontade a uma machina destinada a receber passivamente a influencia de forças estranhas.

Pois que! Não nos dizem todos os dias nos seus jornaes, não o affirmam cathoricamente nos seus discursos, não o es-

palha uma opinião publica artificial e miseravelmente organizada pelos seus esbirros, que tudo o que somos, tudo o que valemos é filho de sua energia e fecundidade? E a nova geração que lida e trabalha, que procura fontes mais puras para saciar a sede de justiça, horisontes mais esplendidos para sentir o influxo de uma nova luz? Essa é votada, como aquelles grandes criminosos da antiguidade, á vingança das furias infernaes; é anathematizada em nome da ordem e bem estar, como se a ordem e o bem estar fossem as mesquinhas concepções dos nossos homens publicos, as desigualdades politicas da actualidade, as perturbações economicas, as mystificações religiosas, os sophismas desordenados de uma certa philosophia que se apresenta com pretensões a regular theoreticamente os destinos dos paizes!

Nós, dizeis, pertendemos lançar a sociedade no abysmo; vós, sois os que, com mão carinhosa e espirito compassivo a ides amparando contra ataques tão injustos!

Nós, somos os espiritos sinistros que andamos accumulando sobre a atmosphera moral da Humanidade as pardacentas nuvens, precursoras da grande tempestade; vós, as almas beneficicas que incessantemente a purificaeis para evitar a descarga!

Nós, somos utopistas aventureiros, que vagueamos pelas regiões elevadas dos principios, em que se gastaram aquellas nullidades, chamadas Boudha, Socrates, Christo, Descartes, Galileu, Washington e todos os reformadores do mundo; vós, sois os venerandos paes do desinvolvimento juridico, moral, politico e economico da sociedade moderna!

E no fim de tudo essa sociedade por vós regulada apparece-nos como um

organismo sem vida, sem bellas aspirações, sem um elevado sentimento...! Apparece-nos morta. Morta sim, porque o vosso desinvolvimento juridico, moral, politico e industrial foi uma mentira, e ainda é um escaqueo com que atiraes ás faces d'este desgraçado, d'este pequeno, d'este eterno martyr da historia—o povo.

Juridicamente que desinvolvimento operastes? Que fizestes da nossa sociedade? Uma sociedade licenciosa, uma sociedade incapaz de realizar as grandes leis da sua natureza, que constituem a dignidade do homem.

A licença não é a Liberdade e ainda menos a Justiça. Onde estas começam, acaba aquella. A Liberdade e a Justiça, idéas purissimas que formam a alma do direito, e que em futuro proximo farão a alliança de todos os povos, estão acima d'aquelle sentimento baixo, que só accommette sociedades acostumadas a presenciar espectaculos de decadencia, de abusos e violação.

Não desinvolvestes o sentimento da Liberdade e da Justiça, mas em compensação codificastes os maiores absurdos, as maiores arbitrariedades, os maiores erros que a vossa pequena concepção vos suggeriu.

Formastes um codigo organico, que, segundo a vossa propria confissão, era apenas um meio transitorio de satisfazer duas tendencias inconciliaveis—o passado e o futuro. Por isso, esse codigo, essa carta, essa alforria do escravo está moralmente condemnado, e praticamente desprezado.

A vossa administração não foi um systema regular, ordenado e inspirado nos principios superiores que devem ditar ao homem a escolha da sua constituição social. Não foi o palladium da individualidade juridica da communa; mas sim uma

criação artificial, irregular, barbara, análoga quasi áquella administração romana que fazia das suas provincias vastos campos de exploração, abertos á avidez de seus proconsules ou pretores.

Esta falta de precisão e Justiça trouxe-nos essa legislação administrativa, babel immensa de leis, portarias, decretos, regulamentos, officios, provisões, que demonstram bem a capacidade legislativa dos nossos partidos monarchicos.

As grandes questões de philosophia do processo, a organização judicial, baseada sobre a gratuidade da justiça, a collectividade dos tribunales, a universalidade do jury, a independencia absoluta dos magistrados, a sua effectiva responsabilidade, a simplificação das formalidades, tudo isto que é importante, que é necessario, ficou supplantado debaixo da carregação immensa de leis, que fizeram do processo uma chicana miseravel, um *pandemonium* de contradicções.

A legislação civil,—viciada pela influencia ecclesiastica; a criminal,—pelas tradições penaes, que nos legaram systemas injustos; a commercial,—pelos prejuizos economico-politicos, que ainda separam as nações; formam um todo sem harmonia, sem regularidade, e, sobretudo, sem aquelle espirito de Justiça e Liberdade, que é privilegio do systema democratico.

Agora pergunto-vos:  
Que fizestes para o desinvolvimento juridico da sociedade portugueza?

A. V.

## POLITICA INTERNACIONAL

Os jornaes da capital inserem todos um telegramma d'onde se vê que é favoravel aos republicanos federaes de Hespanha o

## FOLHETIM

É uma poesia de occasião esta que vai lêr-se. Filha do momento, não podia ella, de certo, inspirar-se em moldes rigorosamente classicos e obrigatorios. Nasceu, como nasce o canto do rouxinol ao resurgir da aurora. Espontanea e eloquente, como tudo o que dá o coração e o enthusiasmo revolucionario, resente-se ella, naturalmente, da brevidade da concepção e do rápido triumpho de uma nova causa, hoje aclamada e vencedora. E é esse tambem o seu maior elogio.

Por muito tempo deixou o sr. Manoel d'Arriaga de acceder ao nosso pedido, não consentindo na sua publicidade, sem grande repugnancia. Devemos-lhe, comtudo, esta fineza que tomaremos sempre á conta de uma amizade desinteressada e leal. E a gratidão é agora tanto mais justa, quanto maior foi o esforço e o sacrificio.

MAGALHÃES LIMA.

## A PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA EM HESPANHA

Como o indio que o sol saúdava outr'ora,  
Hoje a minha alma alegre e enthusiasmada  
Pela patria do Cid,  
Saúda o facho da esplendente aurora,  
Que illumina na villa coronada  
As torres de Madrid!

Das sombras da cadúca monarchia  
Surge, por fim, que esplendido contraste!  
O astro inspirador  
Das republicas d'hoje; e que harmonia!

Nasce espontaneo e bello como da haste  
As pétalas da flôr!

C'os direitos da nova sociedade  
Um rei, vendo a corôa incompativel,  
A põe nas mãos do povo;  
E o povo heroico, á voz da liberdade,  
Converte-lhe esse objecto despresivel  
No sol d'um dia novo!

Oh! povo heroico e nobre! é devéras  
Bem grato para mim vos tributar  
Esta homenagem publica;  
Que é grande o povo, quando tem Figueras,  
Salmeron, Pi y Margall e Castelar  
Por chefes da republica.

Hoje não ha nem grandes, nem pequenos,  
Não ha reis, nem conquistas, não ha escravos.  
Como outr'ora os christãos,  
Hoje os povos, pacificos, serenos,  
Perdoando entre si milhões d'aggravos,  
Se abraçam como irmãos.

Oh meus sonhos esplendidos, ha pouco  
Tidos no mundo, como vãs chimeras  
E vãs ingenuidades...  
Convertendo em vidente o pobre louco,  
Começa a florir nas primaveras  
De esplendidas verdades!

Fevereiro, 14 de 73.

MANOEL D'ARRIAGA.

resultado de todas as eleições do districto de Madrid. Diz-se que o resultado de todas as candidaturas será de 350 federaes, 40 da opposição de todos os partidos. Nós já o previamos anteriormente.

Os jornaes hespanhoes vem prenches de manifestações dos candidatos federaes.

Todos elles tratam de definir a republica federal. Num d'esses documentos diz o sr. Joaquim Martins de Olias, eleito pelo districto del Palacio.

«Hei sido, sou e serei sempre democrata, porque reconheço os direitos naturaes da personalidade humana, inviolaveis para todos os poderes publicos e extensivos a todas as aggregações do organismo social. Hei sido e sou republicano, porque intendo que o governo deve ser do povo, pelo povo e para o povo. Hei sido e serei sempre federal, por que creio que a nação hespanhola deve constituir-se em harmonia com os principios geraes do direito e não segundo systemas arbitrarios e absurdos.

Segundo o meu modo de ver a republica federal é uma forma de governo imposta pela natureza á nossa peninsula. Ella consagra a liberdade para cada individuo; e nas relações de uns para com os outros, assenta sobre solidas bases a soberania do individuo, da familia, do municipio, do cantão e do estado; determina as proprias e variadas funcções d'estes organismos livres e autonomos, bem coordenados entre si, como se fossem estados de direito, creados por contracto.

Importa fazer uma declaração patriótica e solemne.

A republica federal mantem e afirma a unidade nacional e a integridade de territorio.

Não consente essa unidade monstruosa e ficticia da monarchia, nem a tyrannia absurda da republica centralisadora, porém, deve proclamar sempre a unidade que se alcança, mediante eguaes principios fundamentais, por instituições politicas, formadas sobre bases permanentes de caracter, usos e idioma, e por leis que asseguram os direitos de todos e regulam as relações interiores pelos principios imutaveis da ordem social.

Que dirão a isto os monarchistas, e todos os reaccionarios, e os republicanos unitarios que proclamam *urbi et orbi* que a republica federal é a anarchia, a dissolução da patria e não sei quantas outras cousas tetricas!

Que responderá, sobre tudo, a isto o sr. Teixeira de Vasconcellos que ainda ha pouco dizia no seu jornal que a proclamação da republica federal seria a morte da nação hespanhola, começada a fazer-se e unificar-se no tempo de Fernando e Isabel e seguindo no mesmo caminho até nossos dias? Não sabemos se este escriptor dizia isto a serio, ou se era para contentar os seus leitores monarchicos. A nós quer-nos parecer que o redactor do *Jornal da Noite* fazia espirito, ou então era ignorancia: escolha.

Nem podia ser d'outra maneira, porque rectidão, justiça, desinteresse e sentimentos liberaes ninguem lhe nega a s. ex.ª

O decano dos republicanos de Hespanha D. Orense, diz num manifesto inserido no *Justiciero* que opta pela candidatura que lhe offerece a villa de Palencia.

Occupa a imprensa franceza o conteudo de duas cartas politicas, uma de Emilio Girardin, publicada na *Presse*, outra de Casimiro Perier, onde se declara que a republica que pode convir á França é a republica radical e dos homens da esquerda.

Tanto Perier como Girardin são publicistas eminentes e as suas opiniões tem feito grande impressão na opinião publica.

Os periodicos do vizinho reino apontam

mais uma victoria ganha contra os carlistas pelo general Velarde. O general apanhou-os no bosque de Pabilla e em duas horas de fogo fez-lhes 65 mortos, 18 prisioneiros e tomou-lhes armas e munições.

No dizer da *Egualdade* os jornaes zorrillistas fazem grande alarme com a victoria ganha pelos carlistas na acção de Eraul. Assim lhes faz conta atterrar os animos para vêr se empolgam de novo o poder, unico fim a que miram.

A perda de 40 homens, 40 filhos da republica, é um facto que a todos os republicanos deve pungir profundamente, mas não é desastre irreparavel. Como esta tem ganho os republicanos muitas victorias sobre os carlistas. O que ha a censurar neste facto é a falta de previsão do general Navarro. E' necessario que a republica nomeie generaes conspicuos que mandem diante de si bastantes batedores e reconheçam o terreno para não serem surpreendidos de noite, como aconteceu nesta occasião.

De um velho liberal, conhecido de nós todos, mas que por modestia occulta o nome, recebemos as seguintes:

### CARTAS POLITICAS

Amigos redactores.—No primeiro de maio do anno da graça de 1873 foi inaugurada por vós uma nova e memoranda epocha politica!

Bem vindos sejaes!

E' a sentinella perdida da avançada liberal que vos saúda!

Retrocedamos um pouco: um retrospecto politico tem seu lugar, para fixar as idéas e para ligarmos com o passado o presente, que prepara o futuro...

Num penhasco isolado no meio do Oceano Atlantico, na Ilha Terceira, baluarte immortale da Liberdade Lusa, as reliquias do partido liberal tinham ganho a celebre batalha de 11 de agosto de 1829, ficando completamente derrotadas as phalanges do usurpador D. Miguel, no seu desesperado esforço...

«Um por um caem na contenda ingloria.

«Deshonrados cadaveres,

«Tropheu ignobil, que desdenha a gloria,

«Que á corda do patíbulo

«Roubou com pejo a espada da victoria!»

Garrett.

O general Marinho, director do carbonarismo portuguez, discutindo com seus amigos (*bons cousins*) os diversos alvites para a redempção liberal da mãe patria, propoz que se recobrassem os differentes territorios ultramarinos, que na Europa, Africa, Asia e Oceania ainda attestavam o grão poder do antigo Portugal, constituindo com elle—a *Republica dos Estados Unidos Portuguezes Ultramarinos*, começando pelo *Archipelago Açoriano*...

Constituamo-nos, dizia elle, em nação, maritima, que já fomos, e Portugal (o continente) quando muito bem quizer descartar-se do seu tyranno... que se descarte, mas se preferir viver sob o azorrague e cacete, que viva... e deixemol-o á sua vontade...

Não foi seguido este alvite, excepto na iniciação da redempção liberal, em todo o archipelago açoriano, onde se organisou a expedição dos 7500 bravos, que desembarcaram nas praias do Mindello, sob o commando do celebre D. Pedro IV, duque de Bragança.

Não se seguiu o alvite do eminente homem politico, mas o principio ficou em pé, como pensamento elevado, digno do Portugal dos seus tempos heroicos, em que os portuguezes:

«Por mares nunca d'antes navegados,  
«Passaram ainda além da Taprobana.»

Este pensamento, parece-nos, deve ser o thema obrigado do novo jornal a *Republica Portuguesa*.

A nação portugueza, ainda hoje, é uma nação de primeira ordem nas suas provincias ultramarinas, especialmente em Africa.

A extensa linha da costa do continente de Portugal e, sobre tudo, o magestoso porto de Lisboa, completam a prova, de que Portugal deve ser, primeiro que tudo, uma nação maritima e commercial. Porque não o ha de ser? Ha de sê-lo, se o quizer; mas ha de sê-lo pela resolução firme, inabalavel, e vontade heroica de um povo, que na sua onda progressiva já se avantajou a todos os povos civilizados.

Em que estado se achavam então os povos do norte, que hoje se ufanam de formar a vanguarda da civilização? no estado de semi-barbaria...

A rica e fluente lingua Portugueza era fallada desde a capital da sua gente, a formosissima Lisboa, até ás ilhas do immenso archipelago do Oceano Pacifico. Nenhuma das linguas gutturaes ousava competir com o harmonico idioma de Camões.

Correram os tempos... a onda retrograda, especialmente produzida pelo obscurantismo religioso e politico, quasi que nos levou á beira do abysmo, em que esteve a ponto de sumir-se a nossa autonomia de nação!

Raiou o dia 24 de agosto de 1820, e o povo portuguez acordando do profundo lethargo em que jazera por alguns seculos, sacudiu o jugo da escravidão, a que o haviam reduzido o estúpido absolutismo dos seus governantes, o predomínio do clero fanatico, e o protectorado interesseiro dos alliados...

Mas o grito heroico, depois de muitos esforços dos portuguezes liberaes, foi a final soffrido pelo clero immoral e pela aristocracia occa; os sentimentos patrioticos da parte mais illustrada da nação foram escarnecidos pela estulticia do povo rude, infrene, servil e fanatico, que, miseravel instrumento de seus senhores, acclamava frenetico os *direitos inaufereis* do monarcha absoluto!!!

A briosa e heroica mocidade academica da universidade de Coimbra, lavrou então o mais estrondoso protesto, que ia custando a vida a muitos dos seus mais benemeritos que puderam salvar-se com a solução diplomatica da Abrilada, em que D. Miguel se ensaiara para tyransar a sua patria.

A narração dos sublimes esforços, que desde então tem sido praticados pelo povo portuguez seria demasiado longa.

Basta dizer, que o sangue de milhares de martyres tem regado a arvore da liberdade... No assedio memoravel da invieta cidade do Porto o partido liberal provou pelas mais assombrosas gentilezas de valor, que Portugal, a patria de tantos heroes, era digna da redempção liberal, que lhe recusara tenazmente o partido retrogrado, immundo e torpe!

Disputava-se em 1824, se Portugal estava ou não preparado para o regimen liberal! Os absolutistas ferrenhos sustentavam que Portugal não estava educado para as reformas liberaes, as quaes requerem educação propria e especial!

Este sophisma miseravel, que os monarchistas de hoje repetem, com uma compunção que faz dó para nos convencer, de que o povo portuguez não está educado, não está disposto ou preparado para o regimen republicano... tem sido discutido até á saciedade, sendo pulverizado até não deixar subterfugio ou replica.

Sophistas politicos, egoistas encartados, corruptos, que haveis vivido e viveis á custa d'este bom povo portuguez, sabeis quem foi que nos educou para o regimen liberal? Foi D. Miguel, o tyranno sanguinario, com os seus caceteiros, com os seus algózes, com os seus sicarios do mais hediondo obscurantismo!

Pois bem... quem ha de agora educar-nos para o regimen liberal por excellencia—para o regimen republicano?

Garrett, o principe dos poetas da epocha liberal, responde por nós na sua obra—*Portugal na balança da Europa*, parodiando o pensamento do primeiro orador da Grecia culta, do grande Demosthenes: «Cedo vos fareis vós mesmos outro *Filippe*, se, como até aqui haveis feito, continuardes a cuidar assim das vossas cousas.» Em vez de outro *Filippe*... substitui outro *Miguel* e o pensamento de Garrett e o nosso ficará completo.

Quem ha de ser o nosso educador para o regimen republicano? quem ha de ser o predestinado para vir agora representar o papel de *Filippe*... ou de *Miguel*?

Responda por nós um dos actuaes ministros, que foi vogal do directorio carbonario, quando se reorganizou este rito reduzindo os trez graus a um só, e creando phalanges de muitos milhares de homens, armados e municados, promptos para expulsar do poder á primeira voz do commando, o conde de Thomar.

Até outra vez.

*A sentinella da liberdade no paiz dos Hottentotes.*

### ANOMALIAS POLITICAS E SOCIAES

Nestes tempos de terrivel anciedade, nesta hora solemne em que nos horizontes sociaes se agglomeram sombrias nuvens, presagiadoras de desencadeadas mas tambem de brilhantes auroras para os dias de amanhã, era necessario pensar em erigir o pára-raios das coleras do povo para que a purificação da athmosphera moral da sociedade se realisasse sem a fulminação dos corruptos, sem o derramamento de sangue, sem o lucto das familias.

Era necessario instruir o povo, educal-o, formar-lhe o sentimento e a intelligencia, para que a humanidade não córe pelo sangue inutilmente derramado.

Era preciso illucidar-lhe o intendmento para que na hora tremenda das supremas angustias o povo, o unico soberano, praticasse a justiça e não a vingança.

A tarefa é ardua, por isso ella incumbe aos poderes sociaes.

Tem-se dito que em Portugal os homens do poder nada tem feito. Nós não faremos o mesmo; seremos justos, embora pareçamos severos. Têm feito alguma cousa: conseios de todos os processos infames para aviltar o povo, os homens da monarchia tem ensaiado um systema de eleição servil, viciada na espontaneidade dos homens sensiticos.

Esperavam que o sentimento da liberdade, profundamente radicado no coração do nobre como do plebeu, do senhor como do servo, do burguez como do proletario, se deluiria no aviltamento da dignidade do povo: enganaram-se; o sentimento da liberdade é como o diamante, que, embora, caído no lodaçal não é, por isso, menos precioso, as qualidades que fazem d'elle um objecto estimavel, não soffrem ao contacto do lixo; o sentimento da liberdade é assim: debalde ensaiarão todos os meios dissolventes. A liberdade não periga. O sentimento da dignidade propria que elles têm pretendido aniquilar no povo, podem conseguir amortecer-o por algum tempo, mas quando o povo nos comprehender, a nós, que lhe fallamos em liberdade, a luz se fará no seu espirito, para conquistar-a; ha de tornar-se digno d'ella, ha de amar a liberdade. Nesse dia, que não vem longe, o triumpho será certo, e vós, homens do Homem-Rei, que quizestes nublar a consciencia do povo, roubando-lhe a instrução que lhe devieis, desmoralizando-o com o vosso falso systema de eleição, caireis sob a execração geral.

A accusação de assassinos da liberdade que nós aqui formulamos contra os homens do poder, vê-se, nem é futil, nem infundada; mas o systema eleitoral não é o unico elemento corrosivo que elles têm empregado. Ha mais.

Elles não ministram san instrucção ao povo, mas espargem por essas terras de Portugal jesuitas-missionarios a mãos cheias; não consentem que o verbo eloquente dos democratas-socialistas troveje no Casino para que o povo, ouvindo-o, não sacuda o torpôr que lhe paralysa os movimentos, mas condescendem em que essa cohorte de vampiros, esses jesuitas negros executores de pretensões infernaes contra a liberdade, aggravam ao povo o peso das velhas cadêas do fanatismo e superstição religiosa. E o que fazem esses homens, esses missionarios aqui onde o christianismo tem por crentes todos os portuguezes, por apóstolos uma gerarchia organisada desde o cura d'alma até ao patriarcha? O que fazem em Portugal esses jesuitas expulsos pela realza do seculo passado, cuja lei de expulsão não foi revogada? O que fazem esses homens dos quaes só a presença é um attentado contra as leis da nação, e, por tanto, contra a segurança publica? Conspiram, todos o sabem, todos o dizem; só os homens do poder de hontem e de hoje fingem ignorar-o.

E' que no dia das transacções seriam capazes de fazer bom mercado das suas convicções constitucionaes, atraçoando este aventureiro de raça pelo aventureiro da conspiração.

Se lhes não cabe a accusação de pouco politicos, cabe-lhes a de immoraes. Com esta politica indecisa possuem o rei, que fazem mover a seu prazer com temor de perder a corda pelos manejos da reacção ultramontana-miguelista, que elles não reprimem, embora tenham nas suas mãos o poder da lei que deve punir os crimes de lesa-nação, como os de lesa-inviolabilidade.

Do rei exigem a referendação de todas as tropelias commettidas e por commetter; aos reaccionarios pede-se-lhes o assassinato moral das massas, o obscurantismo das intelligencias, a resignação toda do proletariado e o voto para o deputado d'elles.

Estão quites. Ora este systema de dissolução moral empregado pelos homens do poder para nos lançar na degradação do baixo imperio, miseravel e torpe pelos meios que elles empregam, ha de ser impotente.

Hoje a humanidade vive dos principios politicos-sociaes, que inspiraram as brilhantes revoluções da França em 1789 e 1848; hoje é impossivel retrahir a sociedade aos tempos da censura, da inquisição, do assassinato em nome de Deus, do roubo, do incendio, do crime, por todas as formas do possivel, pois que a lei fatal da historia dirige os acontecimentos moraes sempre no sentido de maior progresso.

Se esses homens, que se dizem propugnadores da ordem, querem impedir os dias dolorosos e violentos das revoluções, entrem afoitos no caminho da moralidade, regeitem essa politica imprudente por sua intransigencia degradante, pelos meios infieis de que se servem.

A ordem social não é a uniformidade das manifestações sociaes, não se traduz pela imposição das leis restrictivas da liberdade individual e collectiva; a ordem assim produziria a egualdade pela escravidão de todos perante o governo, faria das nações vastos campos de vanidade em que os cidadãos se moveriam á vontade do poder; a espontaneidade desapareceria das manifestações do genio; mas esta concepção da ordem é falsa.

A ordem deve co-existir com o progresso com a harmonia dos interesses, mas sem o sacrificio d'uns aos outros; a ordem suppõe a diversidade, a distincção dos elementos ordenados, mas tambem a justiça nas relações d'esses elementos entre si.

A actual organização social é uma flagrante contradicção da ordem e da harmonia. Politica, economia, justiça, administração, tudo, tudo está profundamente viciado e carece de reformas radicaes, as unicas salutaes e efficazes, quando, como agora, o mal vai fundo.

Aonde está a justiça na organica social? Politicamente temos na Carta Constitucional uma lei organica attentatoria da liberdade de consciencia; temos a representação nacional viciada pela existencia da camara alta, que nada significa, ou melhor, que significa um estorvo ás pretensões do povo e uma illegitimidade pelo modo da sua formação; temos um rei, que, como objecto de luxo, é uma superfluidade financeira, como um poder social é a contradicção da independencia dos poderes sociaes.

O rei pelo exercicio do veto contradiz a independencia do poder legislativo; pelo exercicio do direito de perdoar que a Carta lhe concede, contradiz a independencia do poder judiciario; nomeando e demittindo o poder executivo a seu prazer, contradiz a independencia do poder executivo. Isto quer dizer, o rei tem por norma o arbitrio da sua vontade, a moderna representação constitucional não vale mais que os Estados Geraes em França antes de 89 ou as côrtes portuguezas no antigo regim; hoje como d'antes o rei pode fazer o que bem quizer, sem por isso se poder dizer que sae fóra da lei fundamental.

Na organização economica, tão pouco se encontra a justiça na distribuição, a harmonia na produção.

A produção bem como a apregoada concorrência economica é cega e anarchica; a distribuição é a retribuição quasi exclusiva do capital, o trabalho tem apenas o sufficiente para a reparação da machina—homem.

Isto é a verdade, mas isto é horrivel; por isso este systema social que não traduz o principio da justiça em nenhuma das suas diversas faces d'organização, torna-se hoje impossivel, ha de cair; trabalhamos por derrocal-o.

A. R.

Do nosso illustrado amigo Candido de Figueiredo, recebemos o seguinte communicado. Agradecemos os esclarecimentos que o auctor se dignou fazer-nos, tomamos a dizer-lhe, que em nada julgamos dever alterar a noticia dada no nosso ultimo n.º acerca dos lentes do 2.º anno juridico. Houve consciencia no que se escreveu e isso nos basta.

Meus prezados amigos e illustres contemporaneos.—Vi a commemoração funebre que, no vosso jornal, fizestes do fallecimento do meu chorado amigo o academico Antonio de Barros Coelho de Campos. Agradeço-vol-a, por mim, e por aquelles a quem mais feriu a inesperada perda do desventurado moço.

As vossas palavras denunciaram-me, ainda uma vez corações generosos que tomam como suas as dôres alheias, mas o vosso noticiario obriga-me a uma rectificação.

Dizeis que vos contristou não ver no sahimento os lentes do segundo anno. Ainda que a não comparencia dos illustres professores desse motivo a reparos justificaveis, antolha-se-me que a responsabilidade do facto seria mais minha do que d'elles.

Foram feitos por mim os convites para o prestito; mas esses convites limitaram-se apenas aos alumnos dos differentes cursos universitarios, porque a tanto me auctorisava a minha confraternidade academica; e não dirigi convite a membro algum do corpo cathedratico, por que não taxassem de ousadia o meu procedimento, e porque na historia da vida academica, não vi costumes que abonassem tal ousadia.

Aqui tendes os factos. Não convidei os lentes, nem d'isso me arrependi por ora. Se apesar de tudo, insistis no reparo, d'ahi lavo as minhas mãos, e vá a responsabilidade a quem toca.

Aperta-vos cordealmente a mão o vosso apreciador e amigo  
S. C. 10 de maio de 1873.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

## BIBLIOGRAPHIA

### DOS BANCOS PORTUGUEZES

POR

LUCIANO CORDEIRO

Como todos os trabalhos de Luciano Cordeiro, é este tambem um trabalho consciencioso e digno. Filiado na escola liberal não sacrifica o auctor a sua consciencia «no altar das conveniencias.» E assim nos apparece elle mais uma vez «estando onde sempre esteve, onde sempre quiz estar e onde está ainda, perfeitamente satisfeito consigo mesmo.

Trata-se da questão do privilegio do banco de Portugal. Discute-se o projecto ou «Bases para o accordo entre o governo e o banco de Portugal» que a portaria de 30 de novembro e a assembléa geral dos accionistas em sessão de 16 de dezembro ultimo approvaram.

Na redacção e no pensamento d'este projecto ha dois factos a considerar por sua natureza e consequencia diversos, mas infelizmente reunidos e confundidos.

Estes dois factos são:

1.º A prorogação por vinte e quatro annos do privilegio e monopolio do banco de Portugal, concedido pelo governo: de emitir no districto de Lisboa, isentas de sello, notas pagaveis á vista do portador, em moeda metallica corrente no paiz, e d'outros. (Bases 1.ª, 2.ª, 6.ª, etc.)

2.º Um contracto oneroso pelo qual o banco de Portugal empresta ao governo 1000 contos em suprimentos de 150 contos, com hypotheca de titulos de divida fundada de valor calculado sempre 5 p. c. abaixo do que tiverem no mercado os titulos d'aquella natureza, e juro de 6 p. c. sujeito á elevação da taxa que o banco, de 1 de janeiro de 1877 em diante poderá determinar como lhe aprouver, para o que desde então fica completamente livre. (Base 5.ª)

Estas distincções, que só de per si valem bem uma synthese, não resistem á critica mais ligeira e imparcial.

É sobretudo uma offensa á liberdade de industria que nós temos a discutir. A existencia de um privilegio absurdo e repugnante accusa sufficientemente um vicio governamental. Era mister destruil-o; e para isso se levantou, cheia de coragem e abnegação, a voz austera de Luciano Cordeiro.

«Os bancos—dizia ha pouco um mui illustrado publicista—são os logares de perdição em que os paizes pobres e ambiciosos se arruinam, trocando a sua pequena riqueza real por uma riqueza contingente e ficticia, abdicando o trabalho e criando o jogo, dando dinheiro e recebendo papeis.»

É assim é realmente. Nada prova tanto—e com tamanhas desvantagens sociaes, infelizmente,—o predominio burguez sobre o elemento industrial e agricola, como são os bancos na actualidade. Por elles se desinvolve a usura em larga escala; e a usura está sendo inquestionavelmente, uma das maiores perdições entre os povos latinos, e, quiza, entre todas as nações civilizadas.

Mas a nossa questão é o privilegio do Banco de Portugal. Restringiu-se portanto, a sua area. Nessa restricção, porém, não podia, por modo algum, desprezar-se o confronto com algumas das demais nações europeias. E fez-se não só historica, senão tambem estatisticamente. Reconheceu-se quanto nos era dâmnoso semelhante projecto, e condemnou-se em nome da consciencia e da liberdade. Isto basta, cremos nós, para darmos um resumo do livro e mais que tudo uma prova da sua util leitura.

Ao sr. Luciano Cordeiro ficou-lhe o desafogo de uma boa acção praticada, e a nós a consciencia da justiça defendida.

Nem mais nem menos é preciso, para

se conquistar um merecido logar, entre os que trabalham de boa fé, e animados dos verdadeiros sentimentos de igualdade.

*Trez Mundos* é o titulo de um formoso trabalho, devido á penna elegante do sr. D. Antonio da Costa. Proximamente diremos em folhetim o que se nos afigura, acerca do merito da obra, limitando-nos por agora a agradecer ao seu auctor a sua obsequiosa offerta.

O sr. dr. Julio de Vilhena, bem conhecido entre nós, pela sua elevada intelligencia e pelo seu entranhado amor ao estudo, acaba de publicar um bello trabalho sobre as *Raças historicas da peninsula iberica e a sua influencia no direito portuguez*. O curto espaço que mediou entre a recepção do livro e o agradecimento, que hoje fazemos, não nos permite ainda uma mais larga noticia, acerca do seu incontestavel merito. Reservaremos para mais tarde o seu estudo e a sua critica.

O sr. Cesar de Sá fez o favor de nos enviar um trabalho dramatico, original seu. É uma comedia—drama, em cinco actos, representada, com applauso, no theatro de D. Luiz de Coimbra, e intitulada-se—*Amores Malditos*.

Agradecemos.

MAGALHÃES LIMA.

### AOS LEITORES DO DIARIO ILLUSTRADO E DA REPUBLICA PORTUGUEZA

A inserção, na correspondencia lisboense da REPUBLICA PORTUGUEZA, d'um periodo allusivo ao DIARIO ILLUSTRADO, provocou da parte d'esta folha reclamações violentas e um emprazamento á redacção da REPUBLICA acerca da responsabilidade da mesma correspondencia. A esse emprazamento julguei dever responder assumindo a responsabilidade do facto, em carta especial e exclusiva ao proprietario do DIARIO ILLUSTRADO, o sr. Pedro Correia.

Desde este momento assumiu a questão um caracter puramente pessoal. Evolveu-se nas linhas da correspondencia o nome isolado e a personalidade d'aquelle cavalleiro, contra o qual não me anima algum sentimento—e a collectividade redacção e o espirito de redacção eclipsaram-se de todo.—Eu nada tinha nem sabia contra elle.

A questão pessoal, pois, terminou em explicações cortezes e numa carta por mim dirigida unica e exclusivamente ao proprietario do DIARIO ILLUSTRADO, seguida de explicações d'aquelle senhor.

Parecia que devia terminar aqui a pendencia. Terminou. Succede, porém, que, d'esta serie de factos, parece ter surgido uma serie de interpretações pouco verdadeiras e, diga-se mais, pouco lisongeiras para quem em todos os momentos da sua vida tem luctado em combate desigual, mas animado de boa fé, e cheio de coragem e de abnegação, em favor do que a sua consciencia lhe indicou com o ideal absoluto do Justo e da Verdade.

Estas interpretações, que se traduzem na suspeita de falta de firmeza, ou ainda na tibieza, que é de muitos, em sustentar em todos os terrenos as opiniões firme e conscientemente expendidas na arena da imprensa jornalistica, não foram concebidas pelos que supportam com amizade a rudeza de caracter do homem que firma estas linhas, em attenção á austeridade da sua crença; formuladas ante estes homens, só arrancariam um sorriso de compaixão pelo accusador; formuladas perante o accusado, só produziriam um sorriso de desprezo; mas desde que os factos se tornaram do dominio do publico, arvourou-se este naturalmente em juiz, e, mau grado as aberrações da maioria, é ainda a opinião publica o unico tribunal que pela logica inexoravel do instincto pôde merecer do homem de principios uma leal e serena explicação.

É uma explicação que venho dar.

(Continúa.)

(Do nosso correspondente)

Organisou-se, finalmente, em Lisboa na passada semana um centro republicano federal. É composto de homens novos, impollutos e cheios de vontade. Vae-se publicar o programma em breves dias.

Como se vê, esta dynamização de Babilonia começa a dar signaes de vida no caminho da regeneração. Já era tempo.

Vá-se dizendo já que não têm faltado ao novo centro os apodos dos moços de esperanças. Tão novinhos e já.....

—O *Jornal da Noite*, noticiando o livro do sr. José Gomes Monteiro—*Os Criticos do Fausto do sr. Castilho*,—faz votos pela vinda da refutação. Vae ser satisfeito em breves dias. Exulte o seu amor proberbial pela justiça e pela verdade.

Ha na local do *Jornal da Noite* um periodo que julgo util transcrever. É o seguinte:

«Para fallar de qualquer obra é necessario pelo menos lê-la. Entendel-a tambem não é máo, embora se tenha visto algumas vezes que nem a todos parece absolutamente indispensavel.»

Tem razão. A's vezes dá-se o caso até com simples romances. Ha tempos um jornalista *distincto*, fallando de um livro qualquer de Charles de Bernard, chamava a este escriptor um *segundo Balzac*. Se não estivesse adiantado em annos o citado jornalista era caso para se lhe chamar—moço de esperanças.

E, a proposito, me ocorre dizer, depois de lêr a opinião do *Jornal da Noite* sobre o respeito que se deve aos velhos, que ha uma velhice mais digna de irrizão que de respeito; velhice hypocrita e mentirosa: hedionda velhice!

—Segundo a opinião singular de uma dama que por vezes se dedica ás letras, «a actividade humana desinvolve-se e o progresso caminha na vanguarda da civilização.»

Isto tinha de vir, já se vê, no *Diario Illustrado*... e veio.

Sempre impagavel!

—O systema de espionagem legalisada vae creando raizes.

—Ouvimos que foi entregue no governo civil uma serie de apontamentos acerca dos frequentadores de um estabelecimento publico para onde *uma alta personagem* dardeja olhares terriveis na sua passagem magestosa.

Vá-se dizendo que os apontamentos consistem, pelos modos, em reflexões amargas sobre as «idéas subversivas» de F... e a necessidade de pôr cobro aos impetos de determinados rebeldes.

Teremos segunda «conspiração»? Contra o senso commum e a moralidade é ella permanente. Em fim, vamos lutando. Ha de vir a claridade.

—Gomes Leal, o poeta da *Canalha* e da *Tragedia do Mal* vae publicar um poemeto intitulado *A Missa Negra*. Tive enesejo de ouvir-lhe algumas estrophes admiraveis. Não quero tirar aos futuros leitores da *Missa Negra* o prazer d'uma surpresa; por isso me abstenho de reflexões sobre a indole d'aquella notavel composição.

—O *Diario de Noticias* entrou numa phaze de bom comportamento. Supprimio o *movimento socialista* e os *liquidatarios sociaes*. Bonito menino!...

—Sairá até o dia 20 do corrente o 5.º numero do *Espectro de Juvenal*.

—O sr. Theophilo Braga concluiu o volume da *Historia Litteraria sobre a Vida de Camões*. Têm impedido a sua publicação obstaculos puramente materiaes (de typographia, etc.)

—Recommendo-lhes as correspondencias parisienses do *Commercio do Porto*, firmadas por *Benedict H. Revoil*. São ad-

miraveis de furor comico contra o partido republicano francez. E' um modelo de *atrabilis* de ordeirão; a peor de todas.

—Os nossos homens publicos passam sem novidade em sua importante saude.

—Recommendo-lhes o opusculo intitulado *Inquerito Postal*, de Antonio Macedo Mengo. Leiam aquella enumeração de desafôros e abusos de confiança e indiquem-me um meio *mais seguro* de correspondencia.

—O *Jornal do Commercio* dá noticia d'um proximo sarau do paço. Haverá espectáculo e o sr. D. Augusto desempenhará um dos papeis do actor Taborda. Para muitos é isto objecto de mofa. Creio que não deve sê-lo. E' bom que os membros das reaes familias vão aprendendo alguma profissão mais digna que a de viver á custa do alheio trabalho. Quem sabe se o sr. D. Augusto será um dia um bom comico?

—Nada mais por hoje. S. P.

Temos recebido de todos os pontos do paiz numerosas adhesões á idéa que advogamos na imprensa. Por falta de espaço não podemos publical-as, como desejavamos.

Egualmente declaramos aos cavalheiros que nos tem pedido permissão de collaborarem, que a *Republica Portuguesa*, que appareceu para dar unidade ao partido e desinvolver o seu programma, tem as suas columnas patentes a todos os apóstolos da idéa nova da democracia.

## EXPEDIENTE

**Os nossos Illustres assignantes que sahirem de Coimbra, tenham a bondade de participar á redacção o local para onde desejam que lhes seja remetida a nossa folha.**

**O importe das assignaturas das provincias deve ser remetido, em estampilhas ou vales do correio, á redacção da REPUBLICA PORTUGUEZA, — Couraça de Lisboa, 87.**

## NOTICIARIO

No sabbado, 10 do corrente, teve logar a ultima recita dada pelos srs. Cesar de Lacerda e Carolina Falco. Subiu á scena o seguinte espectáculo: *Cynismo, Scepticismo e Crença*, original do sr. Cesar de Lacerda; *Quem abrolhos semeia...* do sr. Castello Branco e *O Primo Ernesto* imitação. O espectáculo agradou e foi grande a concorrência.

O proverbio do sr. Castello Branco figurou-se-nos antes uma imitação do *Lenço Branco* do que verdadeiramente uma originalidade.

Com o titulo de *Sciencias e Artes* deve encetar-se proximo, nesta cidade, uma nova publicação *artistico litteraria* de que são redactores os srs. Magalhães Lima e A. Bettencourt Rodrigues.

Sahirá o primeiro numero por todo o mez de maio.

Fomos brindados ultimamente com 5 exemplares do *Panorama Photographico de Portugal*, correspondentes aos cinco

mezes do corrente anno, já decorridos. E' seu redactor o sr. Augusto Mendes Simões de Castro, cuja tenacidade e estudo, bastante tem concorrido para o feliz exito de tal publicação. Ao agradecimento, que é sincero, juntaremos ainda o louvor que é, sobretudo, merecido e justo.

AOS PAES DE FAMILIA.—Ha dias encontramos-nos portas a dentro do Seminario Episcopal d'esta cidade.

Sabe-se que esta casa á qualidade de estabelecimento theologico reúne a de casa de educação litteraria, mesmo para individuos que se dedicam a estudos seculares.

Não fallaremos hoje da educação phisica, litteraria e scientifica que alli se dá; da tolerancia em materias politicas que alli se pratica; vamos simplesmente delatar aos paes de familia um abuso que os reverentes administradores d'aquella casa praticam, e que o prelado consente, senão auctorisa.

No centro do refeitório existe uma mesa cujos logares só podem ser occupados pelos *fidalgos*;—ora nós perguntamos a suas reverendissimas se a divisão, que fizeram dos seus educandos, em *fidalgos e plebeus* tem o seu fundamento nas doutrinas de egualdade pregadas pelo divino Mestre;—nós quizeramos ainda saber, o que significa a magnanima sollicitude de vossas reverendissimas, que vos leva a recomendar aos servos da casa, que os alimentos mais nutritivos e melhor cosinhados sejam levados á meza dos *fidalgos*!

—Saibam-no vossas reverendissimas: a questão não é de *barriga*, a questão é d'um insulto que fazeis em vossa casa aos educandos, que não vos apresentarem cartas de nobreza ou proteções para um emprego melhor que aspiraes.

Senhores padres, esse logar de honra, essas atencões *exclusivas* para os grandes da terra não vol-as ensina o Evangelho, nem a historia das vossas comunidades da idade media, quando a corda de esparto ligava os rins dos vossos frades sem distincções de rico e pobre, e a mesma tunica amortalhava o homem fosse elle um rei.

Pois olhae: se os precedentes das vossas doutrinas não auctorizam as vossas praticas, a Revolução, o espirito do seculo não vol-as consente. Despi o servilismo que vos avilta, e sêde christãos.

Temos recebido e agradecemos a troca dos diarios federacs hespanhoes.

Egualmente agradecemos o favor dos nossos collegas contreraneos que se têm dignado trocar com a nossa folha. Entre estes contavamos o *Diario de Noticias*, desde, porém, que sahiu a lume o n.º 2.º da *Republica Portuguesa*, o collega deixou de trocar. Provavelmente fez-lhe má impressão a leitura do nosso jornal.

Sentimos...

*El Justiciero* de Madrid, publica a circular do governo aos eleitores. Por falta de espaço não podemos dar publicidade a este valioso documento, onde se vê o cunho do gigante da tribuna hespanhola.

Diz que o governo não se pode dirigir aos partidos, porque deve ser o fiel da balança entre todos elles; mas que se pode dirigir aos eleitores. Diz que é preciso purificar o regimen eleitoral deixando a todos ampla liberdade e tornando-se o governo unicamente sustentaculo da ordem. Diz que nunca as eleições foram tão livres, porque nunca até hoje deixaram de intervir as auctoridades administrativas. Diz que o faz assim, porque o governo republicano não é d'um homem ou d'uma facção, mas o governo de todos e por todos; e porque deseja que na camara existam representados todos os partidos como se encontram lá fóra.

Por fim conclue:

Se das alturas serenas, onde devem permanecer os governos, alheios por sua natureza aos digladeios dos partidos, pudesse dirigir-se a estes, o governo dirigirse-hia aos que sempre hão pugnado para sustentar a liberdade na nossa patria, e recordar-lhes-ia que a abstenção insensata só pode conduzir a conspirações reaccionarias, e estas se lograssem triumphar, o que é impossivel, só poderiam trazer a dictadura, um grande eclipse para a liberdade; ou a restauração, uma grande vergonha para a patria.

A republica está definitivamente unida á liberdade. A sua causa é a causa do progresso.

Salvando-se a republica salva-se o direito; succumbindo a republica, succumbe com ella o direito.

A republica é a unica taboa de salvamento sobre que pode assentar-se a liberdade.

Para isto reuni-vos, hespanhoes, com socego; discuti com liberdade; inteirae-vos de todos os problemas que agitam as sociedades modernas; elegei os homens que vos inspirem mais confiança pela pureza das suas intencões e pela exaltação do seu patriotismo. Arbitros soes, hespanhoes, do vosso pensamento e do vosso voto. Se, por despeito, ou por temor não o depositaes na urna, não culpeiis ninguém pelas consequencias que este suicidio moral pode trazer-vos: culpai-vos a vós mesmos. O governo confia na sensatez do povo hespanhol, confia na serenidade do seu juizo, e espera que attendendo ás inspirações do seu pensamento, á voz da sua consciencia, acertará em formular os grandes principios da civilização moderna, e com a victoria d'estes principios robustecerá o direito de todos e a grandeza da nossa amada patria.»

O *Diario Illustrado*, em descredito da gravura em Portugal, nem por isso se avantaja na redacção. Segunda feira trazia uma anecdota obscena, cuja transcripção litteral é impossivel fazer-se em jornal de provincia. A devassidão elevada ás alturas de apostolado é privilegio da capital. Onde está o rei está a côrte. A graça é que a surpresa feita a certos namorados em questão proveiu da allusão feita pelo *illustrado* jornal aos recursos que o *Diario de Noticias* offerece á reciproca tendencia dos sexos. O incolor é alli citado em gripho, como quem diz:—«Lá elle é que faz estas coisas...»

Fraternidade, amigos! Fraternalidade!... Em politica e mercancia litteraria sois dignos da monarchia e da sociedade que vos tolera... *Arcades Ambo!*

Consta-nos que brevemente serão recitadas, no theatro do Principe Real, em Lisboa, as duas poesias, ha pouco publicadas—*A Canalha*, de Gomes Leal, e *Ad Combate!*, de A. Bettencourt Rodrigues. D'aqui felicitamos os dois poetas pelo triumpho dos seus trabalhos.

Dizem-nos que o mimoso poeta das *Miniaturas*, Antonio Candido Gonçalves Crespo, vai dar-nos mais uma prova do seu talento e amor ás letras publicando um novo livro intitulado—*Quadros*.

Bem vindo seja!

Em congregação da faculdade de direito resolveu-se pôr ponto no dia 21 de corrente.

Dizem-nos que se acha em Coimbra o infante D. Augusto e seu pae.

O tempo está bom para viajar. E' necessario consumir o dinheiro que paga a nação a quem nada faz. Vamos, meus amigos, é gastar e divertir em quanto é tempo e não se esgota a paciencia publica. Abstraindo d'isto regosijamo-nos por termos suas magestades entre nós. Pois não!

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra—Trimestre. . . . . 300 reis, semestre de 30 numeros. . . . . 600 reis.—Para ás Provincias—Trimestre. . . . . 360 reis, semestre. . . . . 720 reis.—Avulso no proprio dia 20 reis.—Annuncios 30 reis cada linha.—ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA. Assigna-se:—Em Coimbra, na rua da Sophia, n.º 59 e 61.—Em Lisboa, na Livraria Internacional, rua do Arsenal

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção da *Republica Portuguesa*, Coimbra—Couraça de Lisboa, 87.

# REPÚBLICA PORTUGUEZA

FOLHA SEMANAL

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE COIMBRA



ANNO DE 1873

QUINTA FEIRA 22 DE MAIO

N.º 4

## A MONARCHIA GARANTE A LIBERDADE?

Diz-se por ahí á boca cheia, e a imprensa periodica já se tem feito órgão d'esta opinião, que a monarchia constitucional garante e concede todas as liberdades; dá amplo desenvolvimento a todos os direitos individuaes e é uma forma governativa accommodada ás exigencias e aos progressos da epocha.

Precisamos ver até que ponto é verdadeira e exacta esta opinião.

As questões, que dizem respeito á liberdade, são questões fundamentaes. Por causa da liberdade se tem operado todos os movimentos revolucionarios na historia da humanidade e até nos annos das sciencias. A reforma foi implantada na metade da Europa ao grito de viva a liberdade de consciencia. A cabeça de Carlos I em Inglaterra rolou do cadafalso ao grito de viva a liberdade politica e civil. A revolução franceza, essa ponte por onde passaram os povos do mundo antigo para as sociedades modernas, operou-se ao som estrepitoso e prolongado da proclamação de todas as liberdades, desde a que desligava o servo da terra e o constituia proprietario até a que lhe dava uma consciencia juridica e religiosa tornando o homem completo.

Os monarchistas ligam grande importancia a esta questão, porque sabem que hoje mais do que nunca precisam de liberdade os povos, os quaes tem sido martyres d'ella, combatendo a seu favor, dei-

xando os seus membros e os seus ossos apodrecidos nos campos de batalha.

Este ponto, pois, precisa ser aclarado; é necessario ver se a monarchia é a grande mãe que por todos nós reparte amor e dedicação paternal, se a todos abraça, consola e dá pão como fazem os nossos verdadeiros paes. ou se pelo contrario é a madrastra intractavel que só nos tributa despreso e odio.

Perguntamos, pois, de novo: coexistem com a monarchia a liberdade?

Todas as faculdades do homem são direitos subjectivos, porque não ha nenhuma acção que elle possa praticar moralmente que não seja um direito. Todos os direitos são poderes e não ha nenhum poder que não seja uma liberdade. Debaixo d'este ponto de vista vejamos que direitos ou que liberdades concede a monarchia.

O homem tem direito a viver. O direito á vida traz consigo o direito ao trabalho como subordinado: este traduz-se pela liberdade industrial.

Eu pergunto-vos, monarchistas, pela vossa constituição onde existe o direito ao trabalho? Eu pergunto-vos: como pode elle subsistir quando o trabalho suppõe a materia prima e os instrumentos de trabalho, e estes estão unicamente nas mãos dos capitalistas?

O homem é inviolavel na sua consciencia; é uma individualidade, subsiste por si; ninguém por tanto sem o offender, pode intrometer-se na sua esphera, a qual é traçada pela orbita das suas faculdades. Tem

direito por tanto a pensar como quizer, e ninguém o pode obrigar a adoração de qualquer ente, cuja existencia lhe repugne.

Isto chama-se liberdade de pensamento e liberdade de consciencia.

Em que artigo da nossa carta, monarchistas, subsiste a liberdade religiosa? qual a lei que garante a liberdade de pensamento? Ou se a ha, quem mandou ha pouco tempo fechar as conferencias do Casino?

O direito, á egualdade deduz-se da conformidade da natureza humana entre todos os homens, da sua finalidade e dos meios ou aptidões para a realizar. Este direito traduz-se na maxima liberdade para todos.

Pergunto-vos, monarchistas, onde existe no vosso código fundamental, a egualdade, quando elle expressamente diz que o rei é irresponsavel e superior todos os homens?

As faculdades do homem devem ser applicadas aos fins contidos no fim geral da humanidade. Estes fins consistem na realisação pratica do bem, da moralidade, da sciencia, da industria e da arte. As forças do homem individualmente considerado são fracas para tudo isto e o homem precisa do principio da associação. Formará tantas associações quantos os fins particulares que se proposer, a associação politica, scientifica, industrial e artistica.

O direito de associação, e a facultade de poder usar d'elle, é pois o maximo dos direitos, porque sem a sua existencia não se realisa nenhuma condição de vida para o

homem. E' uma necessidade tão urgente como a de comer, beber ou dormir. E' um direito individual por tanto. O homem satisfaz-o como os outros direitos individuaes sem pedir auctorisação a ninguém, assim como come ou dorme sem que o estado lhe marque as horas para exercer estas funcções.

Ora, eu pergunto aos defensores da monarchia: existe o direito da associação permanente sem a auctorisação do governo?

Uma das conquistas da moderna civilisação e da sciencia economica é a liberdade de commercio, a livre troca. E' este um principio sobre que assentam socialistas e economistas; é esta uma verdade que no campo da sciencia ninguém ousa já negar: onde se encontra pelas nossas leis a liberdade de commercio? Como ella pode subsistir com uma rede de alfandegas em toda a linha da fronteira hespanhola e sobre toda a costa do oceano? Como ella pode subsistir com uma immensa quantidade de barreiras, espalhadas por todo o nosso paiz, onde cada producto para passar d'um extremo a outro do reino paga muitas vezes mais do que é o seu valor?

Eis ahí pois a liberdade que nos dá a monarchia. Nós chamamos-lhe a negação d'este direito, veja o povo quem é que tem razão.

Se liberdade se lhe pode chamar é a liberdade do privilegio e de poucos. A liberdade do rei dominando sobre todos. A liberdade de isenção de imposto, para certa classe, para os prestameiros do es-

## FOLHETIM

### BIBLIOGRAPHIA

#### AS RAÇAS HISTÓRICAS

DA

PENINSULA IBERICA E A SUA INFLUENCIA NO DIREITO PORTUGUEZ

POR

Julio de Vilhena

É uma tentativa de philosophia da historia, e uma tentativa que vale bem por um trabalho completo. Traduziu-se rigorosamente um ideal de critica moderna. Nem mais nem menos é preciso, para accreditar um livro, que todos os direitos tem hoje á benevolencia da opinião publica, e ás aclamações dos poucos que por cá estudam com sinceridade e convicção.

Entre outras circumstancias, é a questão de raça um elemento de civilisação, como o clima e o territorio. Saber, porém, como as diversas raças se foram succedendo umas ás outras, investigar bem o predominio de qualquer d'ellas sobre uma dada nacionalidade, observar attentamente a corrente das emigrações porque foram passando e a serie de phenomenos que deram lugar,—tal é em poucas palavras, o trabalho do sr. Vilhena.

Ainda que, no estado actual da sciencia, haja uma impossibilidade mais ou menos relativa, de se determinar, com verdadeira accentuação e imparcialidade, a influencia historica das raças nas insti-

tuições sociaes da Europa,—é, comtudo, certo, que de muitas e controversas opiniões, temos todavia a considerar duas importantes migrações:—a migração aryanica e a migração semitica. Qual d'ellas concorreu mais para a civilisação europeia? quaes os seus caracteres, a sua indole e o seu grão de perfeição? em que sentido, e sob que estranhos elementos se operou a revolução d'estas duas raças? qual a sua religião, o seu direito e a sua litteratura? qual, em fim, a origem das nossas leis, do nosso progresso e da nossa sciencia?

Isto examinaremos, com rapidez, tendo sempre em vista o bem elaborado trabalho do sr. Julio de Vilhena.

É ponto averiguado, não só physiologica, senão tambem historicamente, que os sentimentos, a iniciativa, as aspirações das raças aryanas são inquestionavelmente muito superiores ás qualidades que revestem os povos de origem semitica. Assim, Renan, citado pelo sr. Vilhena, nota e com razão, que, entre os povos semiticos, o instincto religioso é superior á intelligencia politica. Comparando-os depois com os povos aryanos—diz elle ainda—que á raça semitica lhe falta a iniciativa scientifica e philosophica, sendo tambem certo que o caracter intellectual dos semitas é todo negativo, sem aptidão para as concepções geraes e abstractas, o que se manifesta exuberantemente, na sua linguaagem, na sua religião, na sua poesia, e nas suas instituições politicas. Ora, sendo isto assim, é claro que, mesmo á primeira vista, não podemos deixar de conceder uma legitima superioridade á raça aryanica.

Mas, remontando ainda á origem dos diversos elementos de civilisação, e combinando com elles o sentido em que se operou esta evolução historica—que na critica moderna tem o nome de migração indo-europeia, somos forçados a optar pela unidade de um centro de criação, o que mais confirma e corrobora, sem duvida, a exactidão do nosso juizo.

Que importa, que os povos semiticos tentassem fundir-se por mais de uma vez com os phenicios, carthaginezes e iberos, se o predominio era notavelmente reconhecido no elemento aryanico?

Provam-no as tradições historicas, litterarias, religiosas, e tudo quanto póde constituir a rigorosa expressão de uma nacionalidade.

Com estes principios bem se deixa ver que aceitamos o romanismo em toda a sua amplitude. Estamos de accordo, com o sr. Julio de Vilhena na parte em que elle discute o mosarabismo, como elemento secundario nos povos peninsulares. Nos foraes, sobretudo, é impossivel desconhecer a influencia romana nesta parte da peninsula. Tão notavel e obvia se nos figura que não escapa á mais ligeira analyse. E em nosso favor protestam agora a ethnographia e a linguistica, as quaes, como a philosophia da historia, vão passando já do estado de elaboração ao estado de realidades scientificas e juridicas.

Ao trabalho do sr. Vilhena podem muitos objectar a ausencia de um espirito vigorosamente generalizador e philosophico. Quem attentar, porém, nas 138 paginas de que se compõe o livro, facilmente reconhecerá a impossibilidade de semi-

lhante exigencia. No entretanto—diga-se já de passagem—ha paginas nesta obra onde eloquentemente se revela a benéfica luz do criticismo moderno. A nosso ver está neste caso o capitulo IV, o qual, tratando da idade-media, só de per si constitue um verdadeiro acontecimento litterario.

Dispensavam-se um grande numero de citações, é verdade, e nomeadamente as de muitos poetas latinos, cujo merito está longe de corresponder ás aspirações da nossa epocha, em tudo scientifica e historica. Mas ainda neste ponto foi o sr. Vilhena intencional e concludente. A inutilidade, ou antes a pequenez do archivo fica demasiadamente provada em face da moderna philosophia da historia. Vê-se que Tito Livio fóra outr'ora um bom narrador, que hoje não pode nem deve satisfazer. E assim com muitos outros igualmente.

É limitado o espaço e o tempo escaçca. Se, como é provavel, voltarmos novamente á liça, mais nos deteremos sobre o assumpto, que por todos os motivos se torna digno d'isso.

Antes de concluirmos, porém, bom fóra que nos applaudissemos mutuamente em face d'este famoso movimento litterario, que hoje, se vae operando nos dominios da academia coimbricense. E com orgulho o deveramos fazer.

Ao sr. Julio Vilhena deve caber uma grande parte d'este orgulho, que para elle é gloria e para nós triumpho.

Coimbra, 73.

tado, e os seus grandes rendeiros. A liberdade religiosa para os catholicos apostolicos romanos.

Para os demais homens chama-se tudo isto liberdade da miseria na industria; sufocação das aspirações do coração em materia religiosa; a morte da iniciativa individual pelas peias à livre associação em direito publico e commercial; estrangulamento do pequeno industrial e do camponez entre as garras do fisco.

Parece-nos ter d'este modo respondido ao *Jornal da Noite* a proposito da questão por elle levantada, se a monarchia garante a liberdade; e ao mesmo tempo ter-lhe retrocado as palavras que elle põe na boca do conde de Ericeira, para combater a opinião d'aquelles que já em 1640 se lembravam entre nós de proclamar a republica, mas que o não fizeram, porque os portuguezes padecem por falta de união e doe-lhes mais que a desgraça propria a fortuna alheia.

Assim, pois, servindo-nos das proprias palavras do nosso adversario teremos a republica, porque a monarchia só faz a fortuna alheia, e ao povo portuguez doe-lhe mais que a desgraça propria esta fortuna.

Mas se este argumento não é tão forte como á primeira vista parece, apresente-lhe-hemos outros no numero seguinte e ao mesmo tempo lhe havemos de demonstrar que a republica é a unica solução para Portugal.

A. M.

## POLITICA INTERNACIONAL

Foi solemne o acto eleitoral na Hespanha. A grande nação apoz os despotismos theocratico-monarchicos, apoz as injustiças que encheram de luto a sua historia, teve occasião de afirmar desassombradamente a Republica, a unica forma politica compativel com a dignidade do homem, e unica applicavel a um povo livre.

E affirmou-a. Debalde os adversarios de todas as cores e partidos, tanto nacionaes como estrangeiros, se esforçaram.

As calumnias miseraveis que uma imprensa mais miseravel ainda levantou; as mentiras forjadas pela má fé e ignorancia; os odios, as vinganças de uns tantos saltadores que pelos montes de Hespanha vão dando a viva prova do que é o absolutismo; as maquinações vergonhosas da phalange radical; as impudencias da phalange conservadora; tudo isso ficou esmagado debaixo da manifestação serena, conscienciosa e cheia de virtude, com que a Hespanha republicana repellio o anathema de ingovernavel atrahido sobre ella pela monarchia.

Hoje que resta aos partidos conservadores? Uma arma apenas, a unica que maneja bem a reacção—o sophisma.

Pelo sophisma ali está ella procurando attenuar um tão brilhante resultado politico, procurando demonstrar que as eleições estão longe de traduzir a vontade nacional. E sabeis porque? Não é por falta d'ordem e ainda menos de Liberdade. É por falta de votos! De maneira que a monarchia amadeista fundada por uma camara, que representava a vontade de 600000 cidadãos era legitima, e a Republica sancionada por 1.359.147 votos não é legitima! Sêde consequentes monarchicos, e tu, povo, não te illudas.

É escusado duvidal-o. A monarchia morreu na Hespanha. Pouco importá que a imprensa conservadora o queira occultar. Os factos da historia estão acima das nossas paixões, dos nossos interesses, das nossas miserias. São como aquelles grandes rochedos que resistem impassiveis ás grandes tempestades da natureza.

Acceitae a Republica, homens de todos os partidos, que as phrases injurias nada

conseguirão. O movimento da idéa é irresistivel.

A reacção theologico-carlista está quasi aniquilada, graças á actividade e aos talentos militares de Nouvillas. Este valente general, de consciencia limpa e vida impolluta recebeu a improba tarefa de gastar a sua pericia em perseguição de uns certos cabecilhas, chamados Fristany, Nustarat, Quizco, Lizarraga, Saballs, Sabarriegos e outros, que são dignos interpretes do credo absolutista. A dynastia amadeista não deixou na Hespanha outro legado, legado triste, legado amargo, mas salutar porque veio mostrar aos descen-tes as virtudes regeneradoras da politica republicana e a incapacidade da politica monarchica. Neste ponto Nouvillas é bem superior ao duque d'Aosta.

Acceitae a Republica, homens de todos os partidos.

Tambem a imprensa conservadora procurou amedrontar os espiritos com uma certa intervenção estrangeira na Hespanha, e especialmente da Inglaterra. A tal respeito transcrevemos da *Equaldade*:

«Dos boatos desatinados e ridiculos propalados pelos diarios conservadores é, sem duvida, mais desatinado o que se refere a intenções sinistras da Inglaterra sobre Cadiz, Ceuta e até sobre provincias inteiras do Meio Dia da Hespanha. As phrases dos mencionados diarios são uma verdadeira offensa á illustração e senso comum de seus leitores, pois, por ignorantes e estupidos que fossem, haviam de saber que a Inglaterra, ameaçada de graves perigos na Asia, proxima a perder na America o protectorado sobre o Canadá, minada já pelo elemento revolucionario e recessa do seu incremento na Irlanda, não sonharia ao menos comprometter-se em arriscadas aventuras num paiz que os inglezes, nossos companheiros na guerra da Independencia, são os primeiros a conhecer quão grande energia possui para defender seu territorio.»

Esta linguagem da *Equaldade* é a de toda a imprensa seria e conscienciosa, que faz justiça á opinião publica da Europa, não dando credito a um facto que poderia produzir uma conflagração em todo o continente. O espirito inventivo de certos jornaes, que não pensam assim, vê as cousas d'outro modo. Suppõem amedrontar os adeptos da visinha Republica. Enganam-se. Mentiras não aterram ninguém.

Na França as eleições foram decisivas. A reacção de todo o mundo ficou assombrada. Tinha razão. Os brados que partem da França costumam ser tremendos, mas salutaes. O povo francez é severo no castigo, mas tambem exemplar na corrección. E severa será de certo a futura constituinte d'aquelle grande paiz, que sustenta no occidente o espirito da Revolução, o espirito da Liberdade. Agora já não ha que duvidar da direcção que leva a corrente politica na patria de Danton. Fallou pelas grandes bocas de Paris e Lyon.

Quem tem olhos veja, e quem tem ouvidos ouça, em quanto é tempo.

A agitação religiosa é grande na Italia. Possui o Papa e Garibaldi, o catholicismo tradicional e o espirito liberal, o seculo XII e o seculo XIX, as trevas e a luz. A luta era fatal. Existe hoje mesmo no seio do parlamento, onde o projecto de lei acerca da suppressão das ordens religiosas, tem levantado grandes tempestades.

Na Inglaterra a onda democratica vae sempre crescendo. Se é o paiz dos burgoezes, é tambem o dos operarios, dos lutadores infatigaveis nos grandes dias da Revolução. A republica hespanhola acha grandes echos na patria de Shakespeare. O governo tem de ceder, e o reconhecimento official é infallivel.

A Hespanha e a França estão republicanas, a Italia e a Inglaterra caminham para lá a passos gigantes. E nós? Adoramos um homem, um rei, um systema, que não tem vida, moralidade e economia. Somos felizes como os cadaveres nos tumulos. Temos o repouso.

## LIBERDADE DE ENSINO

Vae para dois annos, que este paiz assistiu a um dos maiores escandalos praticados nestes ultimos tempos pelos governos monarchicos, sob a direcção irresponsavel do rei constitucional.

Convem não esquecer, que estava á frente do poder o sr. marquez d'Avila e Bolama, esse eterno conservador, esse benemerito da patria, no dizer dos seus afieitados, que o honram e contemplam á todos os instantes como um vulto legendario!...

O que se prescinde de historiar agora com largueza, porque vive na memoria de todos e soffreu a critica dos espiritos elevados, é o documento a que o sr. marquez ligou o nome—já nessa epoca e ainda hoje celebre pelo longo tirocinio da sua vida politica, que não produziu nunca um rasgo de fecundidade ou uma inspiração siquer de reforma util—referendando uma portaria embeccil, que mandava amordaciar a palavra a uns poucos de batalhadores ousados e talentosos que, no *Casino Lisbonense*, tentavam expôr, em conferencias democraticas, o resultado dos seus estudos nas diversas manifestações da sciencia moderna; a livre exposição das suas idéas, a verdade das suas crenças e a fé entusiastica dos seus principios progressistas!

E fecharam-se as portas do *Casino Lisbonense*, não em presença de um processo legalmente formulado, não em virtude dos prelectores desactarem os poderes constituidos, ou menosprezarem o espirito ordeirão das instituições menos livres, que nos embaraçam e entibiam, mas em nome do mais revoltante despotismo, da repressão mais violenta á liberdade do pensamento, á liberdade da palavra, á liberdade de reunião!

Que não passe desaperecebido dos seus biographos e dos seus incensadores este facto das chronicas da vida politica do sr. marquez d'Avila, para que mais tarde o povo saiba quem lhe aplanou o caminho para a conquista das liberdades individuais, que elle espera com anciedade suprema!

Nada conseguiram os protestos dos prestimosos cidadãos, que tomavam parte nas conferencias, e de outros que, pela afinidade de idéas e de pensar, se lhes associaram.

Uma fracção da imprensa, a mais livre e conscienciosa, mas que infelizmente não forma a maioria do jornalismo portuguez, stigmatizou, como entendeu, o proceder indecoroso do governo. Aos homens de aspirações grandes e generosas, aos propugnadores das idéas avançadas do seu tempo, coube, ao menos, esse oasis por entre as torturas que agitavam o seu espirito! Ficou-lhes ainda mais outro desafogo. Um protesto concentrado, mas eloquente de indignação pela tarefa d'aquelles que tiveram a ingloriosa coragem de defender no parlamento a portaria brutal, que prohibiu as conferencias democraticas, em Lisboa, no mez de junho de 1874.

Hoje, como hontem, a situação é a mesma.

Não está no poder o senhor de Bolama, mas estão dirigindo os destinos do paiz outros homens capazes das mesmas repressões, susceptiveis, no pequeno ambiente das suas idéas, das mesmas prepotencias.

Isto não são affirmações vagas. O caso tão notorio de haver-se, por ordem da auctoridade, invadido por uma simples suspeita de crime, a residencia de um homem de bem, enxovalhando-o no que elle tem

de mais precioso—a honra: as prisões arbitrarías no theatro de S. Carlos por uns espectadores patearem, no uso pleno dos seus direitos, uma dança intoleravel, e finalmente o processo da revolta, um dos documentos mais escandalosamente forjados pela situação monarchico-regeneradora; todos esses factos, não querendo apontar outros, provam o espirito de liberdade que a inspira, e o que pode esperar-se dos actos governativos de uma tal facção politica.

Outro qualquer grupo monarchico, que a substitua, em quanto existir o actual systema de um constitucionalismo caduco, não dará ao povo mais largas garantias de liberdade, nem mais benefico derramamento de luz;—não lhe ha de inocular os principios democraticos, terá receio de ver os povos instruidos, porque não lhe convem que sejam livres. A esses grupos está visto que affronta sobre modo a doutrina de J. Simon:—«Uma liberdade nunca é perigosa, e, quando parece perigosa, é que lhe falta o contrapeso d'alguém outra!»

Torna-se portanto evidente que só o partido republicano, pugnando com extremo ardor pela conquista e realisação de um certo numero de regalias e liberdades, que os partidos monarchicos engeitaram, e já agora não estão á altura de promulgar, poderá dar ao povo o que de direito lhe pertence, o que é reclamado pelas circumstancias e necessidades da epoca revolucionaria, que atravessamos.

Uma das regalias de que o povo portuguez carece urgentemente é a Liberdade de ensino. Ha de, por via d'ella, ganhar a instrucção que hoje lhe cercam os governos monarchicos, entregando-o á tutoria de uns pseudo-professores, miseravelmente pagos, e ao cuidado dos sacerdotes imbecis de uma religião official, completamente desconceituada.

E, para que não mais se dê o vergonhoso acto de ser coartada a livre acção da palavra aos amigos dedicados da democracia, é mister declarar guerra franca, mas leal, ao espirito reacçionario dos partidos monarchicos, porque, mesmo os que se apreçoam liberaes, consentem que as suas auctoridades protejam os inimigos da imprensa livre, e vão de accordo que se vede a entrada aos jornaes de politica mais avançada em um dos principaes estabelecimentos de instrucção publica do nosso paiz.

Confie o povo, pois, na idéa nova, dê-lhe força, collocando-se do lado d'aquelles que advogam a causa da liberdade e do progresso em todas as suas formas esplendidas, movidos pelo amor da convicção e pelo exemplo pertinaz dos paizes mais adiantados, e em maior grau de prosperidade. Faça isso, e conquistará pela politica democratica da Republica as liberdades que a monarchia não quer ou não pode dar-lhe.

ALBANO COUTINHO JUNIOR.

ALBANO COUTINHO JUNIOR.

AOS ELEITORES DO DIARIO ILUSTRADO E DA REPUBLICA PORTUGUEZA

(Conclusão do numero antecedente)

Do mesmo modo que uma nação deixando de contribuir, pelos seus trabalhos scientificos ou artisticos, para a civilização geral (e abstenho-me por patriotismo, de citações), perde o direito á sua independencia, e o que mais é, ao respeito dos outros povos, assim uma instituição se desautorisa no dia em que prova cabalmente a sua inutilidade no meio em que foi estabelecida. No dia, porém, em que além de inutil para o fim moral que motivou a sua criação, affirma evidente e cabalmente o prejuizo criado pela sua existencia, essa instituição exhaustora-se e os seus membros tornam-se culpados do crime de lesa-civilização, se era missão civilizadora a que primitivamente se arrogara.

A instituição a que allude é a imprensa jornalística. Uma das fracções que mais se

distinguem na senda do aniquillamento moral d'este povo é o DIARIO ILLUSTRADO.

A ignorancia assustadora e caracteristica do povo portuguez; o seu rebaixamento moral aos olhos da Europa culta; a negação absoluta pelo trabalho e pelo estudo sério; a indiferença ironica e zombeteira com que assiste diariamente ao aviltamento dos seus homens publicos e ao seu proprio aviltamento, constituem um quadro animador para quem vê no jornalismo uma industria auctorizada pelas leis do reino e pela irresponsavel lei do costume. Para os que julgam que o jornalismo é um sacerdocio, é arido o terreno, e são immensos e insuperaveis os obstaculos a vencer. É preciso uma creença arreigada e profunda na grandeza da propria missão, para não desanimar ante os apodos dos imbecis e dos que a Verdade prejudica. A estes é defezo o favor publico: são os martyres; são para a maioria uns *atrabiliarios cimentos*.

—Se hoje lavro este protesto perante bom numero dos que verão nelle allusões claras e formaes, é porque confio num lampejo do instincto publico para ouvir esse protesto.—

A missão do DIARIO ILLUSTRADO é quasi indifinivel. Não sei se deve cair sobre elle toda a condemnacão, ou se é unico responsável d'estas aberracões e publico, que as sustenta e anima. Nesta epoca de transição convulsiva e temerosa, que agita as sociedades modernas, funda-se na capital d'este paiz uma folha diaria, destinada á propagação das charadas, das gravuras ineptas e dos folhetins irrisorios, e essa folha é recebida de braços abertos como ideal do jornalismo austero, imparcial e sisudo!

Surge a revolução de Hespanha. Os homens iminentes d'aquella nação generosa luctam heroicamente, inspirados no mais santo patriotismo, por conduzir através d'escolhos sem fim a nova e agitada republica a um estado de serenidade que a todos os seus membros permita e faculte o exercicio dos seus direitos e deveres. A nossa imprensa aprecia de diversos modos o procedimento d'aquelles homens. Extremam-se os campos, e entre os campeonos da *rotina* e das *trevas* distingue-se, pelos seus insultos ao governo hespanhol, o citado DIARIO ILLUSTRADO.

Um jornal de interesses não tem opinão em assumptos d'esta ordem, nem direito a erguer a voz; mas tem ainda menos o direito de comprometter o paiz, que o sustenta, para com uma nação visinha, e o de comprometter a dignidade do povo portuguez, que o protege e *subsida*.

Insisto no *subsídio*. É o subsidio da ignorancia e da estupidez. Logico, no fim de tudo.

Não proseguirei; tratava-se apenas de formular terminantemente a minha opinão acerca do DIARIO ILLUSTRADO, despendido de contemplicões por um determinado membro d'essa redacção e explicanda formalmente o sentido, para muitos mysterioso, das minhas palavras.

Nada se diz de novo. Afirma-se, porém, em voz alta o que é preciso que se afirme.

Lisboa, 8 de maio, 1873.

SILVA PINTO.

LISBOA, 20 DE MAIO DE 1873

(Do nosso correspondente)

Realisou-se no theatro de D. Maria II a festa artistica da actriz Virginia.

A proposito d'este facto, insere o *Paiz* de 15 do corrente um folhetim, firmado pelo sr. Gervasio Lobato e sobre o qual me permittirei algumas reflexões.

O sr. Lobato, moço de esclarecida intelligencia, segundo os que o conhecem, elevou o seu papel, no folhetim alludido, á altura de *historiador do theatro portuguez*. Isto impõe obrigações. Vejamos como as desempenhou o sr. Lobato.

Elle confere á actriz Virginia o diploma de *actriz a mais completa*, etc. do nosso theatro. Não discutirei o facto. O que é certo é que o sr. Lobato, depois de chamar á actriz Emilia Adelaide—a *estrella polar do nosso palco* e á actriz Emilia das Neves—a *sublime actriz que poucas rivae*

encontrará na Europa, e a ambas—a *primeira actriz portugueza*, não pode estabelecer prioridades em absoluto a proposito de Virginia.

O sr. Lobato, a quem muito preso, não levará a mal a minha estranheza ante as suas gratuitas affirmacões. O que me parece é que a *historia do theatro portuguez* devia estar longe d'isto.

Creio que está, no fim de tudo...

Por isto, permitta-se-me que manifeste, mais uma vez, a minha opinão, singela, mas invariavel, acerca da actriz Virginia. Ella é hoje a primeira actriz do theatro de D. Maria II e,—á parte o grande vulto de Emilia das Neves,—posso, receiar que me acoimem de leviano, exprimir uma opinão, que é de muitos, chamando-lhe —a primeira actriz portugueza contemporanea.

Á critica, incluindo a que se preza de severa, nunca fez justiça ao talento admiravel da nossa illustre *ingenua*.

E' d'essa abstenção que resulta, talvez, o progresso da actriz Virginia. Possa ella proseguir no seu caminho de gloria, a coberto dos elogios banaes, mais para temer do que as censuras injustas.

—Em S. Carlos foi á scena a *Morganinha de Valfior*, em beneficio da Pasquali. Foi uma lição para o nosso publico o desempenho do principal papel. Oxalá que de futuro as nossas plateas sejam menos prodigas em applausos, afim de não se exporem a um cruel desenganho e a um arrependimento completo no momento dos confrontos.

Pasquali foi surprehendente. Além de uma estrondosa ovacão, teve a opinão *desfavoravel* do *Jornal da Noite*. Deve estar satisfeita a illustre artista.

—Publicou-se o primeiro trabalho em resposta ao livro do sr. José Gomes Monteiro *Os criticos de Fausto*; é o folheto de Graça Barreto, que na minha ultima correspondencia lhes annunciavi. Intitula-se: *Lição a um litterato*. Depois da longa serie de ineptias que temos supportado aos defensores do sr. Castilho, nesta questão, deleita-nos este trabalho de Graça Barreto. É uma lição severa e completa.

Termina do seguinte modo: «O que ninguém pode ainda contar é o tempo que sobreviverão estes homens (os da confraria official) ao seu mestre, porque o mestre d'elles morreu... Sim, elle está morto, e d'esse sepulchro em que o guardaram não resurgirá ao terceiro dia, nem ao terceiro millenio.

«Podem vestir-o de todas as armas, e qualquer dos seus discipulos, como prova de reconhecimento, ou testemunho de consciencia, pode transformar-se em Babeica; elle, porém, montado e equipado, com a sua lança na mão, não destruirá estes infieis, porque não teve vizões como o Cid, e quem não ganhou campanhas em vida, não alcançará victorias na morte.»

—O maior successo da semana foi o julgamento do processo em que era réo o sr. Alfredo Julio de Brito e auctor o sr. Marianno Ghira. O resultado é bem conhecido e bem digno de reflexão. E' sobre tudo elequente. O desmoronamento é geral. Caem de dia para dia as mascaras dos devassos; mas a orgia vai proseguindo. Quando terminará?

—A proposito, convem notar que reina o mais profundo silencio sobre o inquerito postal, em tempos annunciado. E' mister não affrouxar nas reclamações contra aquella fonte de corrupção. Já que surgiu alli um homem honrado e corajoso a protestar contra as infamias inauditas alli praticadas á sombra de uma revoltante impunidade, é preciso que a voz d'esse homem encontre ecos de sympathia entre os homens independentes e dignos.

Venha pois o inquerito! A indiferença apparente pode ser cumplicidade. No dia em que nos convenceremos da existencia real d'este facto não pouparemos os seus auctores. Se o jornalismo é, na sua maioria, o symbolo do mais completo descaramento, proteste esse publico de quem ella se diz órgão; proteste em nome dos seus interesses, da sua bolsa ameaçada e da sua dignidade calcada aos pés!

Quando a grande collectividade perdeu os restos do pudor mal vai a cada um dos seus membros, embora se abriguem á sombra d'essa collectividade. Esta indiferença, toda nacional, pode ser descrença, é certo, mas pode ser covardia.

—Espalharam-se ha dias em Lisboa uns pasquins *republicanos*. Pelo estylo e porque atravez a pelle do leão se entrevia a orelha collossal do asno, é licito crer que os pasquins em questão são da fabrica governamental. Já entraram no terreno dos miguelistas; querem agora enlamear o terreno opposto.

Estão, porém, já conhecidos.

—No theatro do Principe Real foram recitadas, no sabbado, perante um numero publico, as poesias de Gomes Leal e Bettencourt Rodrigues:—*A Canalha* e *Ao Combate!* Houve delirio. Gomes Leal teve uma ovacão e o seu collega foi chamado com enthusiasmo. Não pôde apparecer por estar ausente.

—O *Diario de Noticias* descobriu um duplo suicidio no caso de um individuo que, depois de assassinar uma mulher, se suicida!

A moral e o senso commum se não podem suicidar-se são objecto de tentativas de assassinato bem frequentes.

—O *Diario Illustrado* continúa a expôr o seu estadal de dispartes illustrados aos olhos do tolerante publico da Parvozia.

—Nada mais.

S. P.

## LIVROS ANTIGOS E MODERNOS

*Os Heroes da Arte* é um opusculo de 32 paginas, publicado em Lisboa, e devido á penna distincta do sr. Pessanha Povoá, advogado no Rio de Janeiro. Escusado se torna aqui encarecer o merito d'este trabalho, cujo fim evidente é tornar conhecida entre nós a litteratura brazileira. Ao sr. Pessanha Povoá, pois, cabe a maxima gloria nestas e outras publicacões. Brevemente o esperamos entre nós, e então lhe diremos com mais desassombro o que pensamos, acerca do assumpto.

O sr. Graça Barreto acaba de publicar um opusculo de incontestavel merecimento, cujo titulo é—*Lição a um litterato*.

Agradecendo já, e muito particularmente, a remessa do exemplar que se dignou enviar-nos, esperamos occasião mais opportuna, afim de sobre a materia expendermos a nossa humilde opinão.

MAGALHÃES LIMA.

## NOTICIARIO

Proximamente vamos entrar num assumpto que deve ser de grande interesse para as classes operarias d'esta cidade. Teremos de occupar-nos da organisação da Associação dos Artistas, e mostrar os seus defeitos e a necessidade que ha de a transformar, para bem d'esta classe numa sociedade cooperativa de trabalho, ou de consumo, tornando-a semelhante á *officina social* de Lisboa creada por iniciativa da Fraternidade Operaria.

Lá fora, em França e Inglaterra, existem muitas d'estas associações; e agora nos lembra uma enjos resultados são maravilhosos, a associação dos *justos gastadores* de Rochdale em Inglaterra. Cotria um anno de inverno rigorosissimo, o anno de 1843; escaceava o trabalho. Os justos gastadores de Rochdale, depois de lutarem muito tempo com a miseria e terem esgotado todos os recursos para augmentar os salarios; e todos tornando-se infructiferos lembraram-se de um expediente maravilhoso; não podendo augmentar a receita diminuíram a despeza. Nada era mais facil: bastava comprar por junto os alimentos indispensaveis á vida e repartil-os em seguida pelos associados pelo preço do custo. Para realizar esta tentativa decidiram que cada um entraria cada semana, pouco mais ou menos, com 40 réis. Eram vinte oito socios no fim do anno de 1844, a sociedade possuía já um fundo de 700 francos. Empregaram metade d'aquella quantia na compra de sal, farinha, assucar e manteiga. Allugaram uma loja que mais parecia uma furna do que estabelecimento. Alli, cada sabbado, á luz mortica de um can-

dieiro miseravel, cada um dos socios ia desempenhar, por sua vez, o officio de vendedor a retalho.

Foram-lhe prosperos os ventos, creceu o numero dos associados e augmentou indefinidamente a sua riqueza. Hoje conta milhares de socios e muitas officinas de produção.

Fundou escolas, possui uma rica bibliotheca e varios estabelecimentos e foi o modelo de 332 associações espalhadas por toda a Grã-Bretanha.

No anno de 1863 possuía já um capital de um milhão e setecentos mil francos. Os socios eram por esta occasião 4:000. Não será possível em Portugal propagar estes exemplos? Depende de vós, artistas.

A redacção d'este jornal agradece aos srs. padres gerentes do seminário de Coimbra as honras que lhe dispensam distinguindo-o entre todos os papéis com os seus anathemas e esconjuros.

A *Republica Portugueza* tinha apenas visto a luz da publicidade quando a censura ferozmente estúpida lhe fulminou pena de interdicção de entrada naquelle estabelecimento de instrucção (?)

Que pretexto allegais para ter condemnado no vosso *index* este jornal sem o ler? —presentistes pelo cheiro que elle verberaria o parasitismo inepto e corrupto? Não vos enganastes. Assim fica salva a vossa tolerancia, srs. padres.

## PERFIL

Tem umas formas vis, originaes, E a face gorda, sensual e medea Lembra os monstros ideacs da Edade-media Nas gotteiras das velhas cathedraes,

Elle passeia á noite, ao luar, ao fresco Sobre o asphalto das praças ruidosas, E, ao vê-lo, pasmam as multidões curiosas Ante os caprichos de um feroz grotesco...

Sua negra historia de paixões impuras E' narrada com extranhas aventuras E o prestigio das cousas dissolventes:

Perdeu-se *alli* mais um barão disforme —Por consumir todo um thesouro enorme Com uma venus dos paizes quentes:

A. B. R.

O *Diario Popular* inseria ultimamente nas suas columnas uma bibliographia critica, devida á penna do sr. Sousa Viterbo, estudante de medicina na escola de Lisboa. Fallava este sr. em *digesto e ordenacões*, como quem bebe um copo d'agua. *Discutio os opusculos juridicos* do sr. visconde de Paiva Manso, seguindo o exemplo de uma *celebre* senhora que escreve folhetins no *illustrado Diario* da capital. Por cá folheiam-se e estudam-se as ordenacões, durante cinco annos, e ainda assim difficilmente se falla nellas, e muito menos se faz uma critica a qualquer *opusculo juridico*.

Mas, perdão, esqueciamo-nos involuntariamente de que estava em scena o talento *encyclopedista* do sr. Sousa Viterbo. O seu a seu dono...

Dizem-nos de Lisboa:

Na noite de 17 do corrente mez foram recitadas por dois moços curiosos, no theatro do Principe Real, em Lisboa, as vigorosas poesias que tanto têm dado ultimamente que falar:—*A Canalha*, de Gomes Leal, e *Ao Combate!* de A. Bettencourt Rodrigues.

O publico recebeu-as debaixo do maior enthusiasmo, victoriando unanimemente a idéa democratica e revolucionaria dos dois poemetas.

A poesia de Bettencourt Rodrigues teve especialmente uma ovacão esplendida.

O povo manifestou com effervescencia os seus sentimentos republicanos, pedindo *bis* e applaudindo cheio de phrenesi as estrophes finaes:

A luta irmãos! á luta!... Democratas Poisae o pé sobre as cabeças chatas Das viboras reaes!

Ellicitamos os talentos-poetas pelos seus recentes triumphos, e regosijamo-nos porque a idéa republicana ganhe sempre, onde quer que se manifeste, a adhesão e as sympathias de todos os espiritos livres e independentes.

Os alumnos do 5.º anno de direito, prestes a abandonarem os bancos da universidade, escolheram o local da *Lapa dos Esteios* para se dar o abraço da despedida. Acaba hoje a vida de rapazes para 88 mancebos que durante cinco annos viveram na mais completa camaradagem, e muitos dos quaes não tornarão a ver-se.

Sobre os bancos da universidade se formam as convicções e se filiam os alumnos nos diferentes partidos militantes, mas isto não impede que nos reunamos, porque não é o pensamento que alli nos chama mas sim o coração. D'aqui, pois, nos congratulamos com tão feliz idéa e de modo nenhum faltaremos.

Já chegou a Coimbra o quadro photographico dos estudantes do 5.º anno juridico.

As photographias dos diferentes academicos na generalidade parecem perfeitamente exactas. Cada retrato traz em volta o nome e naturalidade.

No cimo do quadro apparecem tambem os retratos dos lentes do 5.º anno junctamente com o do decano da faculdade e o do prelado da universidade.

Recebemos uma carta do sr. Albano Coutinho, datada de Mogofores.

Por falta de espaço e por não ser nosso o protesto a que se refere o sr. Albano Coutinho, pedimos desculpa da sua não publicidade.

No entretanto acabamos neste momento de remetter o seu escripto aos verdadeiros redactores do protesto.

Tambem agradecemos profundamente as palavras lisonjeiras que em carta particular se dignou enviar-nos s. ex.ª

Os padres directores do Seminario de Coimbra tomaram a peito o bloqueio do mundo exterior para que as idéas novas não grangem adeptos nas suas casas. Para mais facil se tornar a tarefa envenenam o coração da mocidade, que dirigem, com os odios infernaes da *Nação, Bem Publico, etc.*, para com todas as instituições liberaes; ministram-lhe uma sciencia sedicã, um fanatismo estúpido, uma superstição degradante, uma intolerancia feroz.

Bem disse o nosso correspondente da capital para o ultimo numero d'esta folha, que é necessario ensinar um officio aos reis e aos filhos de reis. Os jornaes estrangeiros noticiam a morte d'um filho do ultimo imperador indigena do Mexico. Exercia em Paris ultimamente a profissão de taverneiro. Este facto deve fazer pensar na sua sorte aos que hoje mais ganham e menos fazem.

Ao menos se lhes fosse deixado, a alguns que nós conhecemos, depois de destronados, exercer este mister, ainda se dariam por muito satisfeitos.

Lê-se no *Jornal da Noite* de domingo, 18 do corrente:—*Rosas Pallidas*, por D. Guiomar Torresão, etc., etc., etc.

«O retrato, sim porque o livro da sr.ª Torresão traz o seu retrato; o retrato d'uma formosa senhora á frente d'um livro é por certo condição valiosa para quantos a conhecem e presam, e para os admiradores dos seus escriptos, que não tenham a honra de a conhecer, mas tem o inconveniente de demorar a leitura.» Sr. Teixeira de Vasconcellos, estas phrases já não ficam bem na bocca d'um velho, embora seja um velho cavalheiro (sic.)

«Tudo isto faz lembrar aquellas façanhas que era necessario praticar nos tempos da cavallaria andante para desencantar uma princeza ou conquistar um talisman, guardado por leões e elephantes e defendido por mil outros impedimentos.

«Nós já vencemos tão gratas difficuldades.»

E ainda o diz. Isto não se escreve sr. Teixeira de Vasconcellos. Faça-o mas não o diga. Pela boca perde o peixe, e depois o pudor das mais senhoras..... e o publico e a idade de v. ex.ª...

Quem está continuamente a dar conselhos aos moços não pratica d'estas acções, nem vem assoalhar-as para a praça publica. Mais moralidade sr. Teixeira de Vasconcellos. Se não foi v. ex.ª que escreveu esta local, reprehenda os seus creados.

A reacção levanta-se desenfreiada por toda a parte; o seminario d'esta cidade, a cargo d'um prelado, que gosa de creditos de liberal, parece ser um dos focos.

Nesta casa, que se diz ser de instrucção, foi expressamente vedada a entrada ao *Diario da Tarde* e á *Republica Portuguesa*. Em compensação usa-se plenamente do *Diario Illustrado*. Tem razão; a instrucção ministrada por aquelles senhores é sempre... charada.

No dia 6 do corrente houve uma audiencia celebre na comarca de Loulé. Julgavam-se varios individuos accusados por terem insultado o administrador que foi d'aquelle concelho o sr. João Maria Lopes de Macedo. Foi advogado de defesa o nosso amigo e correlligionario Marçal d'Azevedo Pacheco, talento robusto, intelligencia clara. Fez um discurso brilhante, que foi uma gloria para a democracia.

A este respeito diz o *Jornal de Lisboa* do dia 13.

«As informações que temos em relação á discussão criminal a que nos referimos são todas concordes em assegurar que o sr. Marçal Pacheco, no seu brilhante discurso, procurara expor a grande lucta que em todos os tempos se tem travado entre a liberdade individual e a auctoridade collectiva;—como a historia d'esta lucta constitua o fundo da historia politica de todos os povos;—descreveu os grandes males que resultam á sociedade d'este antagonismo e como era necessaria a auctoridade, mantenedora da ordem, e preciosa a liberdade, iniciadora do progresso; e accrescentou que a unica solução possivel para este problema social, o mais tremendo de todos elles, era o fazer-se a auctoridade respeitar não pelas baionetas, mas sim pela dignidade dos seus, moralidade e honra do seu proceder.

«A palavra fluente do sr. Marçal Pacheco, e a oração que pronunciou, notavel pela forma, e pela correcção da phrase, levaram o convencimento ao animo do jury que absolveu os reus, ficando d'esta forma registrado no tribunal da comarca de Loulé um discurso que poz bem em relevo os subidos dotes intellectuaes do defensor dos réus.

«E' largo o horizonte que se apresenta ao sr. Marçal Pacheco: e para lamentar é que tão distincto advogado não deixe a pequena villa onde se encerrou, procurando tribunaes onde o seu talento fosse mais apreciado. Se assim fôra por certo que dentro de pouco o seu nome seria inscripto nos annaes da advocacia como um dos seus mais notaveis membros.

Morreu da idade de 76 annos o grande batalhador Stuart Mill. Era um dos maiores publicistas da actualidade.

O problema das relações entre o individuo e o estado; o problema da emancipação da mulher foram principalmente os que mais attrahiram a attenção d'este pensador, cuja morte foi uma perda para a liberdade, de que era strenuo defensor.

Cumpre-nos hoje agradecer a boa recepção que o publico tem feito á nossa folha. Continuamente temos estado a augmentar o numero da tiragem.

Todos os numeros anteriores se acham esgotados. Este acolhimento não o attribuímos senão ás profundas raizes que encontra hoje entre nós a idéa democratica.

Continuamos a agradecer aos cavalheiros que nos saudam e felicitam.

O honrado pae do desventurado academico Coelho de Campos mandou distribuir o seu retrato e o do seu filho fallecido, por todos os estudantes do 2.º anno juridico.

Principiou na segunda feira a farça irrisoria e ridicula dos diferentes sujeitos, implicados na revolta.

E' mais uma preciosidade d'estes nossos governos constitucionaes.

Por falta de espaço não damos hoje publicidade á carta que nos enviou o vigilante Sentinella da liberdade no paiz dos hottentotes. Irá no proximo numero, assim como muitos outros escriptos que ficam em nosso poder.

Começou a publicar-se em Lisboa, um novo jornal satyrico, intitulado *Cabrio*. Parece imparcial, não obstante o titulo.

Agradecemos a remessa e aceitamos a troca.

Falla-se com insistencia no proximo casamento do grande tribuno Emilio Castellar, actual ministro dos estrangeiros em Hespanha.

Em Birmingham, houve ultimamente um meeting de quatro mil pessoas, afim de felicitar o governo hespanhol pela sua transformação politica. Já chegou a Madrid o republicano encarregado de entregar a felicitação, e dizem que partira para Lisboa, depois de ter conferenciado com Castellar. No seu regresso prepara-lhe o partido federal uma estrondosa ovação.

Produziram grande sensação no mundo scientifico as revelações feitas pelo sr. dr. Garcia ácerca do sr. Motta Veiga, no ultimo numero da *Correspondencia de Coimbra*. Que dirá a isto o José Maria do *Bem Publico* que tambem foi á mesma vinagreira?

As nullidades altivas têm sempre quedas desastrosas....

Os chefes carlistas prohibiram terminantemente, sob pena de morte, a circulação dos jornaes liberaes, de que em rigor se póde dizer serem donos absolutos.

E é isto o que faz o carlismo, e é isto o que quer a reacção, e é isto o que pretende a immoralidade arvorada em virtude....

Maldição! eterna maldição! sobre a cabeça dos devassos...

Ha dias que começou no 3.º anno juridico uma discussão interessante sobre o relatorio apresentado ao mesmo curso pelo nosso collega Magalhães Lima. O relatorio trata da sociologia applicada á administração publica. Acha-se escripto com vigor, e, não obstante a sua pequena extensão, occupa-se de muitas questões vitales, que a nossa epoca trata de desinvolver pelos dados da sciencia positiva da administração auxiliados pelas sciencias naturaes.

Têm fallado sobre este objecto muitos dos academicos do 3.º anno: os srs. Frederico Laranjo, Queiroga, Fernandes, Julio Pereira da Costa e Luciano Monteiro. O nosso collega Magalhães Lima respondeu no fim a todos aquelles que o combateram.

Consta-nos que o sr. Frederico Laranjo aventara alli a opinião que toda a philosophia se torna num religiosismo. Parece que este modo de ver as coisas contradiz todo o progresso da humanidade, pois a historia nos diz que todos os progressos no mundo social foram conquistados lutando contra as religiões; e foi este facto que levou Augusto Comte, e antes d'elle Vico, a dividir toda a historia em 3 perio-

dos: o periodo religioso, o metaphisico e o positivo.

Em fim pode ser que o sr. Laranjo visse as coisas a outra luz, á luz d'uma sciencia sophistica, chamada a sciencia theologica que infelizmente domina ainda muitos espiritos. A historia, porém, não se faz pela imaginação. A historia é critica.

É completamente falsa a noticia propagada por alguns jornaes da capital, ácerca da proxima continuação do jornal o *Trabalho*. Suspendeu, é verdade, por um tempo certo e determinado, mas não chegou ainda o periodo da sua resurreição.

## EXPEDIENTE

**Os nossos Illustrados assignantes que sahrem de Coimbra, tenham a bondade de participar á redacção o local para onde desejam que lhes seja remetida a nossa folha.**

**O importe das assignaturas das provincias deve ser remetido, em estampilhas ou vales do correio, á redacção da REPUBLICA PORTUGUEZA, — Couraça de Lisboa, 87.**

## ANNUNCIOS

### AS RAÇAS HISTÓRICAS

DA  
**PENINSULA IBERICA**

E A SUA

INFLUENCIA NO DIREITO PORTUGUEZ

Por

Julio de Vilhena

Á venda na livraria do sr. Cabral — Calçada — 500 reis.

### DOS BANCOS PORTUGUEZES

Por

Luciano Cordeiro

EDITORES, Pacheco e Carmo, LISBOA

500 reis

### TREZ MUNDOS

Por

D. ANTONIO DA COSTA

E' um volume de 357 paginas, nitidamente impresso.

Á venda nas lojas de livros da Imprensa da Universidade e dos srs. Melchades e Pires.

Preço..... 600 reis

MAGALHÃES LIMA E SILVA PINTO

### O ESPECTRO DE JUVENAL

Sahiu o n.º 4

Á venda na livraria Academica, Calçada.

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra — Trimestre... 300 reis, semestre de 30 numeros... 600 reis. — Para ás Provincias — Trimestre... 360 reis, semestre... 720 reis. — Aviso no proprio dia 20 reis. — Anuncios 30 reis cada linha. — ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA.

Assigna-se: — Em Coimbra, na rua da Sophia, n.º 59 e 61. — Em Lisboa, na Livraria Internacional, rua do Arsenal

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção da *Republica Portuguesa*, Coimbra—Couraça de Lisboa, 87.



# REPÚBLICA PORTUGUEZA

FOLHA SEMANAL

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE COIMBRA



ANNO DE 1873

QUINTA FEIRA 29 DE MAIO

N.º 5

## REPÚBLICA ÚNICA SOLUÇÃO PARA PORTUGAL

No artigo antecedente demonstrámos que nenhuma especie de liberdade legitima podia coexistir com a monarchia e vimos por ultimo que ella fazia sómente a fortuna alheia, isto é, a fortuna de poucos. Estes corolarios nem merecem a honra de refutação; não ha ninguem sendo perguntado que não diga que a felicidade, o bem estar e a fortuna, devem ser patrimonio de todos. Hoje vamos demonstrar que a republica é a unica solução possível para Portugal.

Ha 40 annos que se estabeleceu entre nós o regimen monarchico-constitucional.

Auxiliou-nos directamente a Inglaterra, indirectamente o governo francez de Luiz Philippe nesta empresa.

Portugal, todavia, mostrou alguma iniciativa e deu signaes de vida.

O parlamento tornou-se uma grande tribuna e por lá passaram as grandes paixões e as grandes tempestades de 89. Passos Manuel, José Estevão, Garrett e Rebello da Silva, foram os grandes tribunos e as grandes almas, que tentaram galvanisar, que galvanisaram por algum tempo este híbrido systema, que mistura indifferentemente os vicios da monarchia com as grandes virtudes e as grandes bellezas do regimen republicano.

Os eximios tribunos desceram ao sepulchro com grande lucto da nação portugueza, não tanto por causa dos imensos

serviços que prestaram á causa democratica, como pela grandeza dos seus corações. O systema para ahi se arrasta hoje, sem uma alma e um coração que lhe dê vida. O parlamento tornou-se num antro, onde só vegetam paixões ignobeis, e o systema, porque era falso, em vez de desenvolver-se e progredir, segundo as leis da vida e da natureza, tem ido decahindo e o seu estado hoje é o d'um corpo em putrefacção.

Demonstrou-se mais de uma vez em sciencia politica como se demonstra em biologia, que os monstros não vivem.

O que virá apoz este estado?

Não vacilamos na resposta. Se em 1830 Portugal, não obstante o vigor das paixões e das crenças, não obstante a fé cega nos homens politicos d'essa epocha, se não livrou da influencia estrangeira, hoje muito menos o pode fazer. Resta, pois, que será um juguete e um polichinello. Mas de quem? Será da Inglaterra e da França como succedeu em 1830? Será objecto da alchimia politica dos gabinetes da Allemanha e da Italia? Sêl-o-ha da Hespanha? Eis ahi a questão.

Da Inglaterra não é possível; ella perdeu todo o prestigio moral desde que presenciou de braços crusados a dilaceração de duas poderosas nações, ella já nem tem força para sustentar na obediencia o seu immenso e dilatado mundo de colonias: ella não pode entrar em complicações politicas, porque teme o forte rival e gran-

de inimigo d'alem do Oceano. A França, por via da sua posição no centro da raça neo-latina, não pode sair do papel de mediadora sem offender as leis da justiça. A Allemanha e a Italia estão muito desviadas e por tanto só de longe nos podem dominar. Resta por tanto a Hespanha. Temos os mesmos costumes, fallamos a mesma lingua com pequenas differenças de acentuação e terminações, e sobre tudo somos irmãos. Andamos sempre juntos na conquista da gloria d'alem mar. Aguçamos e açacalamos junctamente as nossas espadas contra os mouros; temos soffrido e experimentado as mesmas mutações politicas; crusamos centenaes de vezes as familias reinantes; os cavalleiros de Castella vinham a servir o rei em Portugal, os de cá passavam muitas vezes para Hespanha. Madrid e Lisboa formavam, para assim dizer, uma só côrte; e se algumas vezes esta paz e harmonia se quebrou foi producto da ambição d'alguns monarchas que não das affinidades sentimentaes dos dois povos. Segue-se de tudo isto que somos arrastados pela força das circunstancias extremas para a republica; e para salvarmos a dignidade e a iniciativa proprias e não se poder dizer lá fóra, que nos vieram dar a liberdade como nos lançam em rosto os inglezes, só nos resta proclamar a por mera força da nossa vontade autonoma.

Financial e administrativamente tam-

bem somos encaminhados para o porto de salvamento da republica; financialmente, porque o governo republicano é mais barato do que outro qualquer conhecido, e não coiremos no absurdo que ouvimos ao ministro da fazenda, que, embora a nossa receita não seja igual á despeza, pode todavia egualar-se todos os annos com um emprestimo do qual se paga simplesmente o juro, como se por este systema se vivesse muito feliz e nós não pagassemos já dez mil contos de juros ao credito publico; administrativamente, porque só na republica se pode dar a descentralização e é principio assente nesta materia que a maior parte dos empregos sejam gratuitos como succede hoje com os juizes eleitos, regedores e camaras municipaes; e por tanto, acaba essa rede immensa de empregados diffundidos por todo o paiz, verdadeira praga de gafanhotos, que levou um escriptor francez a crear para elles um nome chinez, o *mandarinato*.

Agora pode o *Jornal de Noite* insinuar á vontade, com a boa fé que todos lhe reconhecemos, que a republica é a desordem, que não dá mais liberdade nem garante melhor o trabalho do que a monarchia, nem merece a pena, pelo simples facto de as republicas serem da moda, correr os riscos e accidentes d'uma mudança; pode dizer uma e mil vezes que quem está bem deixa-se estar, que jámais responderemos a quem não encara nenhuma questão de

## FOLHETIM

### BIBLIOGRAPHIA

#### TRES MUNDOS (1)

POR

D. Antonio da Costa

I

Feição propria e independente tem a historia moderna.

Os factos isolados, que na antiguidade, constituíam narrações eloquentes, foram substituidos no mundo actual pelas verdadeiras causas do progresso. Out'ora narrava-se, hoje investiga-se. O que hontem era um symbolo é agora uma idéa. O *alpha* e o *omega* dos metaphysicos, todo individualista, theorico e abstrato, vai cedendo o campo ás realidades positivas, organicas e experimentaes, que, presentemente, encaminham as sociedades modernas a um novo ideal, mais pratico e legitimo.

Assim, pois, a historia é uma evolução. Uma evolução que tem a sua forma objectiva por meio da revolução, assim como

(1) Por não concordarmos em muitos pontos com o formoso trabalho do sr. D. Antonio da Costa, somos forçados a extrair de um livro nosso inédito—*A Revolução e o Futuro*—uma larga introdução, que ao mesmo tempo constitue uma pagina de philosophia da historia. Figurou-se-nos que assim melhor ficariam justificadas as considerações posteriores. Sirva-nos, pois, de desculpa a boa intenção com que obramos.

a politica a teve por meio da administração. E como evolução é a historia subjectiva, ideal, synthetica.

Determinar, porém, com verdadeira imparcialidade, o modo porque cada civilização concorreu para a civilização geral; induzir de factos particulares o facto constante e permanente; generalisar a toda a humanidade o que é privativo do individuo, da familia, da corporação, da communa, etc.:—tal é e tal deve ser presentemente a verdadeira missão da philosophia da historia.

Retrocedamos um pouco.

#### II

Depois de atravessado alternativamente o periodo naturalista—de que Hobbes e Malthus são verdadeiros interpretes, na ordem das idéas—chegou o homem ao conhecimento racional da sua existencia.

Conscio de si e dos elementos que o rodeavam procurou elle emancipar-se do presente pela contemplação do passado e pelo anseio do futuro.

A' similhança do prurido, que, de longe se manifestara no primeiro ser creado, de profundar a materia, que tão directamente lhe impressionava os sentidos, nasceu tambem neste o desejo da investigação e a necessidade de por si só, remontar a um certo numero de principios, cuja solução lhe satisfizesse, senão immediata, pelo menos mediatamente, a curiosidade que devorava.

Notam-se aqui já duas epochas: uma instinctiva e animal; outra consciente e subjectiva.—E' a espontaneidade cedendo o logar á reflexão.

Incapaz de longas abstracções, o ho-

mem mergulha primeiro no seio immenso da criação com a qual se identifica plenamente. E' desconhecido o eu. O pantheismo, absorvendo todos os seres animados, dentro de um circulo mais ou menos acanhado de variadas sensações, cria o polytheismo, o fetichismo, a polygamia, e todos aquelles elementos complexos da philosophia oriental, cuja variedade seria longo enumerar.

E' este o periodo *theologico* ou ficticio de que nos falla Aug. Comte, ou ainda o *divino* de Vico. Em religião a forma vale tudo. Inda, Vichnou e Siva formam a trilogia indiana, cuja essencia é *Indra*, a suprema irradiação, a luz suprema, lambendo com seus raios purpurinos as comas das montanhas, por onde o alegre pastor quotidianamente conduz o rebanho amigo.

Na arte predomina a *plasticidade*. A caravana, percorrendo os areas sombrios da Asia Menor, symbolisa o commercio. No Egypto, a pyramide, primitiva expressão da propriedade rural, acariciada pelas aguas do Nilo, forma um soberbo contraste entre a tyrannia dos pharaós e a humildade de seus vassallos.

Vem a Grecia. E' uma synthese o seu trabalho; um equilibrio entre a forma e a idéa. Concentrado em si, o homem, quasi esquece o elemento externo que lhe dera o ser. Ao passo que as cosmogonias do oriente se nos revelavam num certo mysticismo unitario e especulativo, a Grecia declara-se abertamente pelo antropomorphismo, ao qual posteriormente succede a philosophia estoica.

Tudo isto e ainda a resurreição do direito de cidade—se direito se lhe podia chamar—tornaram esta civilização digna de um estudo sério e aturado. E tanto

que Roma mais tarde só veio completar, ou, melhor, continuar esta famosa *Odysseia*, cujo principio pertenceu a Homero e cujo termo ficará eternamente ignorado.

O individuo, porém, acanhado nos limites da familia e da cidade, aspirava a um centro mais vasto, onde melhor e mais livremente podesse exercer a acção das suas faculdades e a tendencia das suas aptidões. Pela unidade que Roma felizmente soube imprimir ás sociedades gregas, em virtude do seu genio de conquista e eminentemente centralizador, realisou-se a noção de Estado, onde o individuo nada era, quando a elle não pertencesse.

Porém o estado era pequeno ainda, e os homens lutavam sempre.

Entre o mundo barbaro, que depois appareceu e o mundo romano, já então decadente, eleva-se o mundo christão, synthese da civilização greco-romana.

Começam aqui as lutas da idade média e com ellas uma legitima aspiração a um estado melhor—a *nacionalidade*, que teve uma brilhante aurora com a revolução politica do seculo XVIII.

A nacionalidade, porém, não era nem podia ser um ideal de perfeita harmonia politica. Provaram-n'o as revoluções de 1830 e de 1848 em França, e attestam-n'o agora exuberantemente as lutas sociaes que por toda a parte se travam e que não são mais do que um novo ensaio, confirmado pela historia, e reconhecido pela justiça universal, para uma outra e mais completa revolução, cuja eterna divisa será—*Humanidade*.

E' esta a lei da historia, são estes os gritos da sciencia.

(Continúa.)

face e fuge sempre pela tangente, como se diz em linguagem mathematica, para não ser esmagado perante o peso dos principios.

Pode accumular sophismas sobre sophismas que não havemos de ser nós quem os desfaremos; deixamos esse encargo para as gerações futuras e concluimos como s. ex.<sup>a</sup> numa critica litteraria a um nosso amigo: «quem bem fizer a cama, bem se deitará nella.

A. M.

## POLITICA INTERNACIONAL

Precipitam-se os acontecimentos com velocidade superior ás nossas previsões. O organismo das sociedades modernas trabalhado por grandes vícios, agitado por movimentos oppostos acha-se vesivelmente em um periodo de decomposição, que não é possível evitar, porque diante da força occulta que arrasta a Humanidade todos os obstaculos são inuteis.

Paralyzar a sua marcha é um absurdo. A loucura dos que tal tentaram encheu o mundo de desgraças, dando a certos momentos da historia esse caracter profundamente tragico, que attribuiu a existencia de muitas gerações.

Isto é simples, isto é claro.

E, todavia, que vemos e observamos?

Na Hespanha a horda carlista, anathematizada pela indignação de um povo inteiro, que se sente animado pelo moderno espirito da Liberdade, continuando a alimentar o Minotauro do despotismo com o sangue dos patriotas apanhados nos seus postos em defeza da honra da patria, em defeza dos direitos do homem proclamados na vida pratica pela grande escola que trouxe ao mundo a democracia, que ensinou ás sociedades a verdadeira formula politica—a Republica.

Mas esses furiosos selvagens têm uma egide misteriosa que os lava de todas as impurezas, de todas as violações feitas á dignidade humana. Sabeis qual é? É a benção apostolica, é o consenso tacito e expresso do chefe visível do catholicismo! Matar, roubar e no fim de tudo sentir-se penetrado pelo benefico influxo da divina benção! Cousas monarchicas, concepções theologicas!

Homens de todas as classes abri os olhos se tendes em alguma conta a dignidade da especie.

Mas o carlismo vac em decadencia, apesar dos boatos terroristas com que a imprensa conservadora tem amedrontado os espiritos. Não o dizemos nós, dil-o um jornal insuspeito, di-lo o *Diario de San Sebastian*. «Pela nossa parte affirmamos que as facções não têm crescido; que Doregaray não tem nem 8, nem 7, nem 6, nem 5:000 soldados; que a guerrilha de Lizarraga não consta de 4:000, mas sim de 600 homens; que não desembarcaram mil fusis; que a guerra se sustenta á custa dos erros do paiz e que logo que haja uma boa direcção do exercito, actividade e desejo de perseguil-os apesar das exageradas noticias, bastarão dois a tres golpes para reduzil-os a nada». Eis como um jornal conservador do vizinho paiz aprecia o tal movimento theologico-carlista. Depois dos gritos levantados pela imprensa conservadora em seguida á acção de Eraul, de importancia muito secundaria já nos não admiram os exaggeros que por ahí lemos todos os dias.

Na França, naquella França revolucionaria, naquella França de 93, a athmosfera politica nublou repentinamente. Isto encheu de susto os que tinham saudado com entusiasmo a politica indecisa de Thiers, que nunca se admite e principalmente em momentos decisivos, em momentos em que uma sociedade procura organizar-se sobre novas bases.

A expiação de Thiers começa agora. É o fructo que lhe deu a arvore da direita, são as legitimas consequencias de um

proceder errado, de umas conciliações impossiveis, porque onde ha antagonismo de principios, ha antagonismo de vontades.

O radicalismo é, em politica, a unica theoria verdadeira. Os que pensam d'outro modo desconhecem a experiencia da historia.

Quem tem a responsabilidade da queda de Thiers? Na hora do perigo só achou a seu lado o partido republicano, o partido que elle desgostou continuamente pelas suas medidas conservadoras, pelo seu rigorismo para com os revolucionarios de Pariz, e pelas suas vergonhosas transacções com o centro direito da Assembléa. E, apesar de tudo, esse partido não o abandonou, não teve uma mão machiavellica para o ferir, com quanto muitas occasiões se lhe proporcionassem. Ainda assim é aluchado de partido desordeiro!

De que lado está a cordura, a lealdade e a prudencia?

A substituição de Thiers pelo general Mac-Mahon não nos amedronta. A monarchia é impossivel. É arvore que não cresce no terreno movediço das revoluções.

Sabemos que Mac-Mahon é honapartista, e, sobre tudo, amante das Krups. Não importa. Acima d'estes sentimentos individuaes está a vontade collectiva de um povo que têm o desejo da Liberdade. Podem assentar no throno um homem, um descendente das familias reaes, mas isto servirá apenas para em breve fazer brotar mais pura de todos os corações a idéa republicana. Desengane-se a reacção. O mundo não desanda.

Da *Egualdade* transcrevemos a breve e eloquentissima felicitação que dirigiu o presidente do conselho executivo do cantão federal de Berna, o sr. Jollissaint, ao grande orador e distincto ministro dos negocios estrangeiros em Hespanha, e bem assim a resposta d'este ultimo.

O presidente do conselho executivo do cantão de Berna ao sr. Castelar, ministro dos estrangeiros da Republica Hespanhola.

Sr. ministro—Aproveito a primeira occasião que se me offerece para dirigir-vos as minhas sinceras felicitações e recordar-me ao mesmo tempo á vossa memoria. Jámais olvidamos o brinde enthuusiasta que pronunciaestes pela occasião do banquete official do *Congresso da Paz* em setembro de 1869.

Recordamo-nos sempre das vossas poeticas palavras de despedida.

«Vamos, dissestes vós, fundar a republica em Hespanha.»

Alegramo-nos que essa previsão se tenha cumprido, e fazemos votos pelo triumpho e prosperidade da nossa nova irmã, a Republica hespanhola.—Jollissaint.—Berna, 1 de maio de 1873.

### RESPOSTA DE CASTELAR

Sr. presidente:

Recebo com satisfação a vossa affectuosissima carta; consolação para as amarguras que envenenam aqui a vida publica.

Não era necessario avivar-me a memoria, estando, como está, presente a vossa amizade no meu coração. O ministro não esquece que tvestes para o desterrado em sua desgraça, distincções jámais ali tributadas ao poder e á fortuna.

É verdade; eu assisti ao Congresso da Paz com a idéa fixa no problema dos tempos modernos, o problema de unir a auctoridade com a liberdade, e a necessaria estabilidade das sociedades humanas com as republicas democratas e progressivas, as quaes são o natural organismo d'aquelles povos, onde morreram as monarchias por uma decomposição interna, como succedeu em Hespanha.

É verdade, eu annunciei então que a

Republica visitaria a Hespanha; era necessario estar cego para não ver com verdadeira antecipaçào a sorte reservada ás leis democraticas depois da ruina dos reis historicos; mas eu creio ter dito tambem por essa occasião que não era a revolução, senão a propaganda, o modo de chegar á Republica; que não estava a sua base nas barricadas das ruas, senão na tribuna dos parlamentos. Aonde existe, como entre vós, e em Hespanha, a liberdade e o sufragio universal, a revolução material, a revolução armada equivale a um crime e a demencia. Por isso eu me oppuz nestes ultimos tempos com todas as minhas forças á revolução, aguardando paciente da logica dos factos o resultado que retardava a impaciencia dos que se julgavam mais fortes.

A fundação da republica pode depender de trez ou quatro homens valorosos, habéis e eloquentes, a consolidação todavia não depende em verdade senão do povo. E agora me toca de todos os modos dizer ao povo hespanhol de todas as partes que ha só um meio de consolidar a republica, é renunciar aos usos da força, e da violencia, esperando tudo da liberdade e do sufragio, para que a ordem publica seja na sociedade tão inalteravel como é a ordem phisica no universo.

Tenho esperança e hei tido fé. Esta esperança seria realidade se eu pudesse mostrar ao povo hespanhol a vossa republica, o vosso respeito aos magistrados, a vossa obediencia ás leis, a vossa regularidade e socego no proceder, o senso pratico das vossas reformas, a ordem inalteravel nas ruas, a ordem moral nos animos, o culto ás grandes recordações historicas, a vossa renuncia a todo o processo de força, o vosso zelo pelos interesses legitimos, a severidade d'um povo verdadeiramente republicano em fim.

Assim é, pois, que das minhas largas peregrinações pela Europa, eu que tanto amo as artes, não recordo com amor, nem os esplendores da civilização de Paris, nem a grandeza do trabalho de Londres, nem as maravilhas da arte em Roma e Florença. O que me lembra, porém, com saudade, e até certa inveja, é a liberdade das vossas instituições, tão pura como o ar das vossas montanhas, tão firme como o granito do vosso solo. Queira a providencia livrar-nos a nós todos, hespanhoes, d'estes periodos de agitação, febre de revoluções continuas, e trazer-nos a paz, a ordem e estabilidade indispensaveis no seio d'uma livre, verdadeira e prudentissima republica.—O sempre vosso

Emilio Castellar.

## CARTAS POLITICAS

### O carlismo hespanhol

Que é o carlismo em Hespanha?

O carlismo, visto á luz da philosophia, é a encarnação do espirito reaccionario, retrogrado ou feudal; o carlismo, em pleno seculo XIX é o grito de revolta contra o progresso da humanidade, contra o aperfeiçoamento das raças humanas.

Allemaes orgulhosos, que vos jactaes de representar a raça mais apurada da especie humana (ou do genero humano...) como é que combinaes essa excellencia de dotes intellectuaes e moraes com a sujeição ao jugo feudal em que viveis?!

Aos que julgarem deslocada a nossa apostrophe no assumpto, que escolhemos para esta carta, responderemos, que nós ferveilha na mente a noticia da coadjvação em homens, dinheiro e materias de guerra, que os catholicos allemaes, os *chouans* francezes e *torys* inglezes, estão continuamente enviando aos carlistas...

O carlismo em Hespanha é o desafio a todo o transe do absolutismo, do regimen da força, da fogueira, da inquisição, do sacrificio humano no altar dos druidas...

com o regimen da emancipação liberal. Pouco importa a forma, a essencia fica sendo a mesma: ou se assassina o homem na força, na guilhotina, ou se fusile, ou se asse na fogueira, ou se frija na certã dos inquisidores ou se imole no altar dos deuses druidicos... é sempre, essencialmente, o mesmo sacrificio da antropophagia!

O nosso pensamento fica ainda mais claro na seguinte proposição:

O *miguelista* em Portugal, o *carlista* em Hespanha, o *chouan* em França, o *tory* na Inglaterra, o partidario do *antigo regimen* em todos os paizes civilizados, constituem uma só e mesma especie... e ainda assim fazemos de generosos, concedendo-lhes a denominação da especie, em rigor sómente reservada para os individuos *normaes*, e não para os anormales, degenerados e *microcephalos*.

Não nos illudamos; a luta sanguinaria que se trava actualmente no paiz visinho, é a mesma lucta que ainda á pouco se travou nos Estados Anglo-Americanos, lucta gigantesca, em que um milhão de homens armados hasteavam a bandeira da escravidão, negra, prostituida e ignobil bandeira! Essa lucta immensa, em que o cidadão obscuro... o immortal Grant, hoje presidente da primeira das nações civilizadas, conduziu as phalanges liberaes até aos muros da Richmond rebelde, essa lucta estupidamente considerada como a *guerra do algodão*, era, como a de hoje em Hespanha, a lucta da democracia com o privilegio, do regimen liberal com o regimen absoluto ou feudal. Quantas vezes ao ler os profundos artigos da *Independencia Belga* sobre esta guerra gigante, exclamavamos: Será possível que em pleno seculo XIX a bandeira liberal seja suplantada pela bandeira servil? Não é possível e não foi, porque os separatistas, os falsos republicanos, torys distarçados, vestidos d'azul branco, como diriamos em Portugal, tiveram de ceder aos heroicos e sublimes esforços dos republicanos convictos.

A mesma exclamação repetimos hoje. Será possível que em pleno seculo XIX e depois de consolidado o regimen republicano na nação heroica anglo-americana, será possível, que a raça servil dos carlistas hespanhoes abafe o principio da liberdade?! Não é possível. É a nossa resposta, a nossa intima convicção, e convicções intimas não se refutam.

Não sei se as nossos singelas palavras passarão a raia hespanhola, não sei se a expressão humilde do nosso pensamento terá a honra sublime de chegar ás mãos d'algum dos eminentes apóstolos da republica, Orense, Py e Margal, Castellar... Ousâmos, ao menos, dizer que o altivo apóstolo da nossa imprensa republicana, a sua profunda convicção ha de ecoar na imprensa hespanhola e na dos Estados Unidos da America.

A nossa opinião é a do presidente martyr, do grande Lincoln, na sua mensagem. Os Estados Unidos, norte-americanos, dizias elle, constituídos numa das mais poderosas nações do mundo, hão de assistir de braços cruzados á interferencia dos monarchas da Europa, que se fazem solidarios, para sustentar os seus sicarios, os seus partidarios, suplantando o grito da emancipação liberal, onde quer que elle appareça? e os Estados Unidos hão de deixar abandonados os seus correligionarios em qualquer parte do globo?

Não pode ser, não deve ser.

Ao governo da nação norte americana assiste o mesmo direito que aos monarchas da *(soi disant)* santa alliança! Se estes se confederam para abafar o grito da liberdade... liguem-se as republicas da Suissa, da Hespanha, da França com a sua alliada naturalissima dos Estados Unidos norte americanos numa confederação solidaria, intima, constituindo a *santa alliança da liberdade*.

Solidarismo liberal, democracia solidaria... seja o rotulo da bandeira de todas as nações republicanas.

Chovam as libras dos *emporocraticos* torys inglezes nas bolsas famintas dos carlistas... recebem homens, armas e munições dos incorrigíveis chonans francezes e dos ferrenhos catholicos da Allemanha; não nos aterram todos estes esforços solidarios, não desesperamos da causa democratica dos nossos visinhos, mas é indispensavel que os Estados Unidos da America reconheçam, que é sua a causa da democracia, porque se está pelejando em Hespanha.

Anunciem muito embora os arautos da imprensa assalariada monarchica, que o encontro na exposição de Vienna dos tres imperadores, da Russia, Allemanha e Austria não é fortuito, mas tem por fim premeditado concertar uma nova *santa alliança*, destinada a impedir a demagogia popular... não nos atemorizam as bravatas dos corruptos assalariados dos senhores feudaes! ha de chegar-lhe a sua vez.

As variedades e subvariedades numerosas das raças allemãs... (porque não ha uma só) nem sempre poderão resolver as suas questões internas, as suas complicações de familia com a emigração em massa para os Estados Unidos...

Para os tres grão senhores feudaes... tem a democracia pura a sua guarda avançada no seio da Allemanha... elles bem o sabem! e por isso têm feito concessões liberaes infinitesimaes... ás *pinguinhas*... como quem pretende engodar creanças!

Não se illudam!

O tempo avança no meio das tempestades, já o dizia Duprat.

O retrocesso é impossivel.

Escusam de aturdir-nos com os excessos demagogicos... o problema importantissimo mas difficilimo da *egualdade social* ha de resolver-se para bem da humanidade e não para proveito *sómente* de milhares de discolos, que nem entendem os seus direitos, nem sabem defendel-os.

Até mais ver.

A sentinella da liberdade no paiz dos *Hotentotes*

D'ellas não vivido essas facções que abi radeam e têm sido o sustentaculo da monarchia.

D'ellas se serviu ainda agora o ministerio, que se appellida regenerador, dando o caracter de seriedade a uma coisa ridicula, para ter entretido por algum tempo o espirito publico, para retemperar os animos timoratos, por ventura extranhos a estes enredos capciosos, para emfim pretextar viver mais socegradamente á sombra dos applausos entusiasticos ao chefe do estado, que *reina e não governa!*

Caiu-lhe, porém, a mascara; rompeuse-lhe o veu, o repellente veu que alguns mezes conseguiu encobrir aos olhos dos menos perspicazes os tramas artificiosamente armados ao effeito pela actual politica monarchico-regenedora.

E caiu: de que modo? Provando-se, que gereram mezes nas cadeas do Limoeiro — e é sabido que não ha meio no actual systema de serem indemnizados dos incommodos porque passam uns cidadãos injusta e despoticamente pronunciados como conspiradores; uns cidadãos aos quaes não appareceu um unico dado que fizesse prova em juizo, de que eram reus do crime que lhe imputavam! Mais ainda. Viu-se, pelo depoimento d'algumas testemunhas de accusação, que, não obstante estarem ao serviço da espionagem do governo, e serem por este largamente retribuidas — e tu, oh povo! sobrecarregado de desproporcionaes tributos! eram as primeiras a corroborar o votos d'aquelles, que nunca tomaram a serio a *conspiração* de julho, e os proprios que denunciaram ao tribunal e ao publico, que o principal elemento de conspiração e dissolução neste paiz é a immoralidade dos governos monarchicos, muito especialmente quando, para se equilibrarem no poder, lançam mão das maiores indignidades, e atiram á face da nação com documentos do theor do processo da revolta.

Depois de tudo isto, era inevitavel e foi logica a absolvição dos que se viram sentados no banco dos reus.

Certa, evidente e eloquente foi a condemnacão do governo!

Ah! mas com estes e outros exemplos, com os escandalos de todos os dias, que a monarchia nos apresenta, ganha a causa do povo, a causa democratica, a causa da Republica. Estão a dar-lhe força estas interminaveis peripecias de um systema que vive a vida dos desalentados. A opinião publica, essa, vai manifestando-se, e não perde occasião de preparar o caminho para uma era nova, precursora da aurora esplendida que traga para este paiz redempção pela liberdade e moralidade — o governo do povo pelo povo, a republica, emfim, que possa por uma vez estancar os vicios das monarchias, que estão em latitudinario desaccordo com o espirito livre e independente das modernas sociedades.

Albano Coutinho Junior.

#### LIVROS ANTIGOS E MODERNOS

Saiu um livro ha tempos promettido: *Portugal e o Socialismo, exame constitucional da sociedade portugueza e sua reorganisação pelo socialismo*. E' um trabalho de merecimento devido á penna do sr. J. P. de Oliveira Martins. Para maior economia publicar-se-ha esta obra em cinco fasciculos. O primeiro, que ora agradecemos e annunciamos, comprehende, além d'outros, os seguintes capitulos: — *Theoria da revolução — A Sociedade e o Estado — Da necessidade de revolução no seculo XIX — Caracter d'essa revolução — Phisionomia politico-social da nação portugueza — Phisiosophia da ideia do Estado — Conservação, reacção e revolução*. Ficam ainda em via de publicação os n.º 2, 3, 4 e 5 fasciculos: *A revolução e a industria; a revolução e o credito; a revolução e a propriedade; a revolução e a politica*.

Em quanto não fallamos do livro, o que tencionamos fazer dentro em breve, é bom que de passagem se advirta que ao sr. Oliveira Martins pertence já hoje um alto triumpho pela vasta proficiencia com que tem levantado estes estudos em Portugal. A *Theoria do socialismo*, de que esta obra agora é complemento, é uma prova bem evidente do que lealmente deixamos dito.

MAGALHÃES LIMA.

#### Reacção e democracia

Continúa a propaganda jesuitica na igreja das Theresinhas; continúa Loyola a fallar pela bocca de seus successores, que nunca foram melhores do que elle.

Custa a crer que se ouçam com attenção, e achem echo em almas que respiram a athmosphera da liberdade do seculo dezenove, as idéas hypocritas e palavras envenenadas de fanatismo, legitimos fructos d'uma religião sem vida.

Ha dias entrei naquella igreja, detive-me a ouvir um padre que estava fallando na capella mór; era um padre novo, gordo, de palavras melifluas e voz insinuante; fallava da Virgem Maria, referia a vida da mãe de Deus com promeneiros de quem a havia presenciado; fallava de macerações e penitencia, de jejuns e orações, e de mil outras cousas de que só sabe fallar um jesuita. Estava rodeado de mulheres, que, pelo trajó, pertenciam á classe chamada do —povo— a que tem de ganhar pelo trabalho assiduo o pão de cada dia; de mulheres casadas, que têm uma casa de que cuidar, um marido e filhos a attender.

O discurso durou sem duvida uma hora, fallou-se muito, mas no meio de tantas palavras desoladoras sobre o inferno e sobre o mundo, nem uma só que recordasse á mulher seus deveres de virgem, de esposa e de mãe.

Oh! E' triste ver assim prostituida a educação da mulher; é triste vê-la correr peserosa para a igreja, em vez de a ver occupada no trabalho domestico, educando e moralizando seus filhos e dando exemplo d'assiduidade a seu marido.

E' triste ver assim rebaixado o nivel intellectual, quando todos nós queremos ver elevadas ao grau de illustração possivel todas as camadas sociaes; é triste ver assim viciada a educação, base de todo o solido progresso.

No decurso da oração ousou aquelle homem profanar a phrase — bem da humanidade. Eu bem sei quaes foram sempre as vossas idéas, eu bem sei quaes foram os fructos da vossa intolerancia; Papa ou S. Domingos, Loyola ou Torquemada fostes sempre os mesmos. Obrigastes com os vossos projectos tenebrosos os imperadores do Oriente á perseguição e morticínio; matastes em massa os Albigenses, fizestes a Saint-Barthelemy, matastes cem mil pessoas e abençoastes os algozes, que se chamavam reis de França. Fostes os cúmplices das dragonadas; os promotores iniquos de quarenta annos de perseguições surdas e subterraneas, em que os opprimidos jaziam debaixo do peso da *caridade* hypocrita de um homem, que pesava tanto como a França; e debaixo do vosso, que pesaveis como todo o catholicismo; matastes a Hespanha e Portugal pela inquisição e ignorancia; supprimistes a Italia, extinguindo-lhe o espirito nacional; tentastes assassinar a Hollanda com as vossas perseguições; abatestes a França, inoculando-lhe o genio passivo; e não matastes todo o germen de progresso, porque não conseguistes arrancar de todo ao homem aquillo que se chama pensamento.

Depois d'isto ousais ainda fallar em — bem da humanidade, — em caridade e mansidão e não vos lembraes de que hoje e sempre o progresso amaldiçoará a vossa humanidade que é o assassinio; que a fraternidade rejeitará a vossa caridade; e a dignidade, a vossa mansidão, que é o servilismo.

Democratas, não abandoneis a brecha; entre vós e a reacção não ha, não pode haver treguas, porque ella é o passado e vós sois o espirito do seculo, porque vós sentis no peito a creença do futuro, e ella para saciar toda a vossa sede de progresso, offerece-vos sómente a agua-benta, e no banquete da civilisação o cadaver decomposto do passado

C. L.

As linhas que abaixo seguem, foram escriptas no exilio por Eugenio Pelletan, e dadas á estampa no periodico — *L'Homme*; rigidido em Jersey, não só pelos republicanos francezes que sobreviveram ás hecatombes de Paris, praticadas pelo ultimo Napoleão para suffocar a Republica, que tinha tido a generosidade de lhe abrir as portas da França e acreditar as palavras traioceiras de um membro d'essa familia cujo caracter saliente é a ambição, e cujo systema é a corrupção, raça mil vezes maldicta que já tinha assassinado a primeira Republica; mas redigido tambem por outros illustres campeões da Republica nas diferentes nações de Europa, expatriados ou proscriptos do mesmo modo — Victor Hugo, José Mazzini, Luiz Kossuth, etc.

Nós transcrevemol-as para que se veja quão differente é o espirito militar da Republica do espirito militar da realza; differença que se reconhece bem no dito patriótico de um outro illustre filho da grande Revolução, joven como Hoche e roubado á Republica pela metralha, o general Marceau; *pacifiquemos a França*, dizia elle na sua correspondencia ao governo da Republica, *e depois quebremos as espadas*.

Só os reis e a tyrania é que precisam de sobrecarregar os povos que os soffrem, com todos esses aparelhos bellicos chamados exercitos permanentes, que não só nada produzem, mas exhaurem e seccam as suas mais bellas fontes de riqueza. A Republica não troca a charrua ou a serra e o malho pela espada senão quando a patria está em perigo; e é, por isso, que só ella produz homens como Washington, Hoche e Marceau.

O que vamos ver é, como tudo o que sae da penna de Eugenio Pelletan, perfumado de fragrante suavidade e nobre de pura elevação; é, por assim dizer, uma vista de olhos, rapida, e muito rapida, lançada sobre a memoria do grande homem cuja morte (aos 29 annos) foi talvez a maior desgraça que a democracia tem soffrido. Se elle tivesse vivido, estaria hoje toda a Europa, sem talvez mesmo exceptuar a Russia, republicana e não teria em pé nenhum só throno! Bonaparte nunca poderia ter dado largas á sua horrivel ambição, os seus planos teriam sido irrealisaveis, ou melhor, impossiveis. E' por isso que a historia tem fortes suspeitas de que Hoche morreu envenenado por esse soldado coroado, esse homem só grande na ambição, na dobrez e na corrupção, systema que a execranda familia bonapartista herdou pois do seu fundador, e que tanto á risca tem sabido seguir constantemente!

Lazaro Hoche nasceu de pobres camponezes, numa aldeola, proximo de Versailles, em 1768. Quando rebentou a grande revolução (1789), era um infeliz sargento; passados quatro annos, o Comité de salvacão publica (cuja alma era Robespierre e Carnot) fê-lo general: tinha 25 annos. Foi dos generaes da Republica o que vibrou mais valentes golpes na famosa colligação que os reis de Europa tinham feito, entre si, para proteger os seus nefandos interesses matando a revolução: coube-lhe derrotar os allemãs e os austriacos. Pacificou a Vendea, e de tal modo se houve nesta desproporcional, assoladora e sanguinaria guerra civil, accendida pela religião e assooprada com toda a força pela intolerancia barbara e fanatismo calculado dos padres e frades, secundados pelos aristocratas, feridos, como aquelles, funda-

mente nos seus abusos pela grande revolução; de tal modo se houve, que os proprios vencidos o chamaram pae, e vencidos e vencedores foram accordes em lhe dar o nome de *pacificador*. Só elle ponde prestar este grande serviço á sua patria e á Republica acabando com a formidavel guerra fratrecida, pois que outros generaes famosos da Republica tinham sido impotentes para isso antes de elle ir tomar o commando do exercito republicano na Venda.

A sua divisa era: *Res, non verba, causas, e não palavras.*

Morreu, oh! dôr! aos 29 annos no commando dos exercitos da republica contra os austriacos; suscitando-se depois, como já dissemos, de que foi envenenado por Bonaparte, a quem Hoche esmagaria logo que este deixasse cair a mascara para assassinar a Republica. A presente geração levantou uma estatua ao grande homem, em Versailles, cidade proxima da pobre aldeia, sua terra natal.

No numero seguinte apresentaremos as eloquentes palavras de Palletan.

LISBOA, 27 DE MAIO DE 1873

(Do nosso correspondente)

Caiu oficialmente a mascara da confraria Fontes, Sampaio e companhia no processo da revolta. Reconhecida a innocencia dos pseudo-conspiradores,—não porque escasseassem os espiões devassos e desafortados,—o nosso publico deu uma lição severa aos tyrannetes da Parvonia, applaudindo com entusiasmo o principal criminoso—visconde de Ouguella—á saída do tribunal.

Houve *morras* aos espiões. Os partidarios do novo systema governativo desceravam ao ouvir estas manifestações. No fim de tudo tem seus inconvenientes o ser tratante...

O symbolico barão do Zezere, orador e estrategico distincto, achava-se presente no acto da manifestação publica. Pareceu a alguém que o attentado publico seria punido com rigor, attendendo aos olhares sinistros do intelligente *general*.

S. ex.<sup>a</sup> foi misericordioso e não houve fuzilamentos...

—O *Jornal da Noite* mostra-se irritado porque o sr. visconde de Trancoso attribuiu a fins mephistophelicos algumas reflexões suas sobre os jurados. A folha nocturna perdeu a cabeça, d'esta vez, e descompoz o seu adversario. Más linguas dizem que é caso de lhe terem *tocado na ferida*... O que é certo é que o povo riu á custa do jornal nocturno. Que não seja esta vez a ultima.

—Sain hontem o 5.<sup>o</sup> numero do *Espectro de Juvenal*. Tomo a liberdade de annunciar-o porque só duas folhas jornalisticas se dignam fazel-o. São coherentes—os cavalheiros do silencio...

—O *Diario de Noticias* saiu das suas attribuições, todas *domesticas*, para declarar que um centro republicano de Lisboa encommendou gorros phrygios. A Parvonia tremeu. A côr vermelha incommoda muito as maiorias e tanto que—já não cõram.

—Os *impollutos* do correio geral publicaram um folheto em resposta ao do sr. Antonio Mengo. Á cautella, é anonymo, já se vê. Ainda não fiquei tranquillo d'esta vez sobre o destino dos valores confiados áquella administração.

Venha o inquerito se ainda ha restos de vergonha! Queremos ver desenrolado este sudario. Depois do sr. Ghira tivemos o governo. Venha o correio geral!

—Em D. Maria II continúa a expôr-se ao publico a *Magdalena* do sr. Pinheiro Chagas. Depois da *Judia a Helena*; depois

da *Helena a Mzgdalena*. Ha de ir longe o sr. Chagas por este caminho. A imprensa *illustrada*, JÁ SE VE, engasgou-se em encomiastico tom. São dignos uns dos outros.

—O sr. Osorio de Vasconcellos, entidade tragi-comica da politica e da litteratura nacional, *tambem* defendeu o livro do sr. José Gomes Monteiro. Só lhes faltava este desastre, ao auctor e ao *critico*...

Escreve *tambem*, JÁ SE VE, no *Diario Illustrado*.

—Continuam varios papeis publicos a animar-nos com *especimens* curiosissimos de litteratura feminina.

Ha dias a *mui distincta* litterata portugueza—a sr.<sup>a</sup> Guiomar Torresão, fallou nos de *Roma, naquella Roma onde surgiram Alcibiades, Hyppocrates, etc. (?)*

Isto veiu, JÁ SE VE, no *Diario Illustrado*. Attendendo a que a muitos leitores d'esta correspondencia parecerá incrível o facto, aqui deixo registado o *Diario*: é o de 17 de maio de 1873.

Depois de escrever aquillo, a sr.<sup>a</sup> Guiomar Torresão chamou ignorantes a Adolpho Coelho e Joaquim de Vasconcellos...

O *respeitavel publico* que vá aprendendo á sua custa.

—Entre os factos burlescos da actualidade distingue-se uma carta *litteraria* do sr. Ernesto Biester ao sr. Camillo Castello Branco, inserta no *Diario Popular*. Tem propriedades d'um narcotico e alguma coisa de persevejo em pleno inverno: tem mau cheiro e não tem succo.

Nada mais, por hoje.

S. P.

## NOTICIARIO

Recebemos uma carta do sr. Frederico Laranjo, a proposito do debate travado no 3.<sup>o</sup> anno juridico sobre o relatorio do sr. Magalhães Lima, annunciado por nós, a qual carta não publicamos por lhe faltar seriedade sciencifica, e porque vem com uns ares de auctoridade, e dogmatismo que não estamos costumados a tolerar e não admittimos em discussão alguma.

Para bem da verdade devemos dizer, todavia, que fomos mal informados quando dissemos no numero anterior que s. ex.<sup>a</sup> tinha dito que toda a philosophia se tornava num religiosismo. O que o sr. Laranjo disse foi: «a philosophia d'uma epoca converge-se em religião na epoca seguinte.» (?) Assim fica corrigida a verdade.

O artigo de fundo do numero 1.<sup>o</sup> da nossa folha, devido á penna elegante e profunda do nosso collega, Alves da Veiga, foi vertido para a lingua hespanhola por um dos redactores do *Justiciero*, eloquente e radical diario federal que vê a luz publica em Madrid. D'aqui agradecemos ao collega esta consideração e ao mesmo tempo as phrases lisonjeiras que nos dirige.

Começamos a receber o diario hespanhol—*La Opinion* que se publica em Jerez de la Frontera. Advoga *tambem* a republica federal, é jornal noticioso e traz bons artigos. Agradecemos a troca.

Temos recebido immensos escriptos bem elaborados na generalidade, de diferentes cavalheiros e mancebos do paiz, mas que, em virtude da periodicidade semanal da nossa folha, não temos espaço para publicar.

Muitos já nos tem lembrado o alvitro de a tornar diaria. Vejam os cavalheiros que nos honram com os seus trabalhos e locuções se nos suggerem alguma feliz idea, de maneira que possamos satisfazer a todos.

Alguém viu offensa directa á sr.<sup>a</sup> D. Guiomar Torresão na nossa local do ultimo numero da *Republica* sobre o *Jornal da Noite*.

Temos a declarar a quem assim nos julgou, que não foi nossa intenção dirigir a minima offensa áquella escriptora, que não temos a honra de conhecer, mas que passa para nós por uma honesta senhora. Quem se quiz vituperar ali foi uma imprensa inepta e banal que accusando a recepção d'um livro, em vez de fazer critica justa e desinteressada, se entretém com phrases de sentido duvidoso a elogiar o retrato da sua auctora. Nada mais temos a dizer sobre este objecto.

Vai partir brevemente para Braga o nosso particular amigo e excellente poeta humoristico João Penha. Vai passar as ferias de ponto na terra da sua naturalidade. Brevemente apresentaremos aos nossos leitores um espirituoso folhetim que nos foi promettido por este original escriptor.

Neste momento só lhe desejamos uma feliz viagem e que na Roma de Portugal se livre do odio dos Marnocos e companhia, porque estes eximios varões não gostam senão dos poetas que cantam a Virgem Santa ou o coração de Maria.

O sr. A. Bettencourt Rodrigues, está escrevendo um novo poemeto cujo titulo é *Gomorra do Occidente*.

## PHANTASMAS

Andam sempre inquietos, farejando,  
Pelas trevas da noite humida e fria,  
O tórvo drama da legião sombria  
Que se soppunha, ha muito, conspirando.

Não descansavam um só momento; e quando  
Avistavam em rua mais desvia  
Algum vulto, que em sombras se envolvia,  
Seguiam-lhe seus passos, vacillando...

Até que um dia se aclarou o mysterio  
Que perturbava o doce ministerio,  
Como explosões dos sonhos tenebrosos:

Sabendo-se que apenas conspiravam  
Uns vermes collossaes que se occultavam  
No craneo dos ministros receiosos.

Continuamos a admirar a protervia dos padres do seminario de Coimbra.

Levantamos neste jornal um protesto contra o proceder infame d'aquella gente para com os educandos, e *elles* nada tiveram a responder. O espirito inquisitorial d'aquellas *corujas* foge da luz, mas nas trevas das suas *tocas* cenobiticas chamam a interrogatorios os pensionistas da casa, dirigem-lhes perguntas cavilosas para averiguar se algum d'elles commetteria a inconveniencia de se queixar, de pronunciar uma palavra, de que podesse resultar o conhecimento dos factos que nós franca e lealmente havemos registado. Não, padres; levais caminho errado, por cá *tambem* ha victimas das vossas grosserias, mas a quem a vossa educação envenenada não amorteceu, felizmente, o sentimento da dignidade propria.

Não são as confissões extorquidas pelo temor aos pensionistas da vossa casa que vos hão de salvar na opinião publica, porque todos sabem que a vossa *santa* indignação não trepidaria diante da pena de expulsão, applicada a todo aquelle que tivesse a franqueza de vos lançar em rosto a vossa indignidade; e depois nem todos estão seguros se vós ficariais por alli...

Quem vos verbera é a opinião d'aquelles que vos conhecem e que podem fallar sem rodeio da prepotencia e das vossas vinganças *fradescas*.

Agora um conselho, padres; não renoveis processos inquisitoriaes, não tortureis os rapazes que seria em vão; o *inimigo*

que conhece todas as vossas *mazellas* está cá fora, *extra-muros*; senhores padres!

No entretanto nós cá estamos para afoutar a indignação publica no que for vileza, corrupção, crime ou immoralidade.

Os actos da faculdade de direito, commecam amanhã, sexta feira 30 de maio.

No 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> anno, como é costume, entram 4 a exame por dia. Do 3.<sup>o</sup> anno por diante costumam entrar somente dois; mas consta-nos que no 3.<sup>o</sup> este anno se altera a ordem e entrarão 3 por dia. Oxalá que este exemplo se seguisse *tambem* no curso do 5.<sup>o</sup> anno, que é o maior da faculdade, e, entrando somente dois por dia, não poderão os actos acabar senão para o fim de julho.

O grande poeta Guilherme Braga, acaba de publicar no util e bem rigidido *Diario da Tarde*, uma estupenda producção poetica, dedicada á sombra mortifera e pestilencial que desaparece, do papa Mastai, que não é senão Pio IX. Principia assim:

Ergue-se a Liberdade á borda do teu leito,  
O' Papa Mastai, como um phantasma escuro,  
E, em quanto a mão de Deus te peza sobre o peito,  
Manda a tua sentença aos eccos do futuro:

Quem foste? O' padre—alguém! Luz transformada em treva!

Amor feito rancor! Perdão feito vingança!  
Devorava a Polonia o Czar—urso do Neva!  
Napoleão-bandide arcabusava a França...

Chamaste a Reação, e ao vêr-te algoz da Italia,  
Ao vêr-te armado e forte, a hyena, a hyena exangue,  
Foi soffrega lambe-te a rubida sandalia  
Porque a tua sandalia, ó padre, tinha sangue!

As estancias que se seguem são soberbas, possuem altivez de pensamento e grande primor de fórma:

Deram-te por ministro um lobo fero e cru;  
Entregaste o poder naquellas mãos impuras,  
E, hoje, que vaes morrer, abrem-se sepulturas  
Só para te bradar: «Maldito sejas tu!»

«Maldito sejas tu!» gritam as enxovias,  
O exilio, que soluça, o poste, que gotteja!  
«Maldito sejas tu!» clamam as gemonias  
Em que tu transformaste os carceres da Egreja!

Ouçamos as duas ultimas quadras que representam a voz da natureza conspirada contra o passado, contra o despotismo politico e papal, e saudando ao mesmo tempo o alvorecer da liberdade em Hespanha, França e Italia:

Meu sol dos Pyreneus aos pináculos assoma,  
Dos Apeninos surge, em fogo os Alpes banha!  
Cedo te irei salvar do teu jazido, ó Roma!  
Como a França salvei! como salvei a Hespanha!

Vai! para sempre... adeus! São horas de partir!  
Dos velhos crentes rei, logar aos crentes novos!  
Chamam-te vermes mil, accenam-me mil povos!  
Espera-te o Passado! Aguarda-me o Porvir!

Saudamos o nosso correligionario politico, o sr. Guilherme Braga, por tão esplendida producção.

## EXPEDIENTE

Os nossos illustres assignantes que sabrem de Coimbra, tenham a bondade de participar á redacção o local para onde desejam que lhes seja remetida a nossa folha.

Importe das assignaturas das provincias deve ser remetido, em estampilhas ou vales do correio, á redacção da REPUBLICA PORTUGUEZA, — Couraça de Lisboa, 87.

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra—Trimestre... 300 reis, semestre de 30 numeros... 600 reis.—Para ás Provincias—Trimestre... 360 reis, semestre... 720 reis.—Aviso no proprio dia 20 reis.—Annuncios 30 reis cada linha.—ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA.  
Assigna-se:—Em Coimbra, na rua da Sophia, n.<sup>o</sup> 59 e 61.—Em Lisboa, na Livraria Internacional, rua do Arsenal

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção da Republica Portuguesa, Coimbra—Couraça de Lisboa, 87.

# REPÚBLICA PORTUGUEZA

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE COIMBRA



ANNO DE 1873

FOLHA SEMANAL

N.º 6

## POLITICA PORTUGUEZA

Não nos iludamos. A monarchia está gasta.

O grande seculo XIX, que veiu ao mundo após o movimento progressivo de tantas civilizações, após a existencia mais ou menos atribulada de tantas sociedades, já não pode viver d'aquelle velho espirito politico que fez as delicias de nossos paes, cujas aspirações demasiadamente empiristas lhe não deixaram ver o segredo d'estas occultas forças, chamadas direitos individuaes, que são as bases sobre que se apoia o moderno edificio da Democracia.

Como os vegetaes das florestas virgens, apesar da sua robustez, não resistem ás tempestades da natureza, a monarchia, com todas as suas tradições, com todos os seus defensores, não pôde resistir ás tempestades da historia.

São horas tristissimas aquellas em que uma instituição secular é eliminada do código da Humanidade; em que uma nova idéa desloca da intelligencia a sua antecedente.

Na madrugada dos grandes dias genésicos ha sempre grandes aflições sociaes. Não admira. E' um mundo que se vai, é uma crença que desaparece, é um todo de sentimentos, de interesses e de paixões que, em um dado momento, nos abandona.

Por isso, o esforço desesperado dos sectarios da monarchia; as suas exclamações vehementes e apaixonadas; os seus gritos leoninos; as suas criticas envene-

nadas, as calumnias e má fé, não são para nós causa de impressão ou estranheza. Vemos nisso uma virtude logica. E' um estado porque passa sempre o espirito quando acometido por fortissimos desgostos.

Aonde estará o homem que não lance um grito de indignação contra aquelle que ousar aniquilar a sua obra?

Logo, não temos a descer, não podemos descer da nossa dignidade litteraria e scientifica, a responder a esse informe amontoado de pequenas coisas, de miseraveis argumentos formulados, em regra, por quem desconhece as leis que regulam as sociedades politicas, e, o que mais é, por quem tem interesse na manutenção das injustiças actuaes.

A dignidade da Democracia impõe-nos o dever imprescriptivel da dignidade de discussão.

Dissemos aos partidos monarchicos, dissemos á monarchia que o seu desinvolvimento juridico tinha sido uma mentira. Ninguém nos respondeu. Pois bem. Hoje affirmamos-lhe que o seu desinvolvimento moral foi uma vergonha, uma demonstração inconcussa da sua impotencia regeneradora. Sim; moralmente a politica monarchica evidenciou de uma maneira brilhante as tristes consequencias a que leva um systema sem vida, sem base racional, sem ideal scientifico.

E se quereis provas olhae para a sociedade em que vivemos. Aparece-nos uma sociedade sem energia de sentimentos, sem entusiasmo de convicções, sem pu-

reza de crenças; uma sociedade ignorante e rachitica, que impassivel assiste ao espectáculo desolador das lutas mesquinhas dos nossos Quixotes politicos, dignos interpretes de um systema decrepito, illuminado pelos clarões sinistros de uma historia profundamente manchada pelas suas iniquidades.

Como seria possivel neste systema, que faz a apothese ridicula de um individuo, o levantamento moral da sociedade?! Como ousaes lançar aos quatro ventos da publicidade heresia tão grande, politicos descarados? Ainda vos não convenceram tantas ineptias?

Interrogaes a consciencia dos homens honrados que ella vos responderá.

A moralidade de um povo desinvolve-se pela instrucção, e a instrucção fornecida pela realza em Portugal, digamol-o sem reboço, é uma criação miseravel, eivada de prejuizos de todas as qualidades, acanhada na forma, falsificada na essencia, por elementos desacreditados e visivelmente oppostos ás tendencias mais puras e elevadas do espirito moderno.

Em vez de procurar inspirações nas fontes limpas da consciencia, da razão e da historia que são a alma do progresso no seio das sociedades humanas, a instrucção monarchica tomou para polo de suas doutrinas uma certa e determinada idéa religiosa, um certo e determinado credo politico, economico, juridico, litterario e artistico, o que deu em resultado um proselytismo ignobil e, sobre modo, injusto. Não ensinastes o Bem, o Bello, o Des-

interesse, o Dever, mas em compensação desinvolvestes o amor pelos interesses particulares de um corrilho, legitimos ou illegitimos, não importa.

O fecundo instrumento destinado a afirmar, pela deslocação do erro, as idéas verdadeiras, unicas capazes de realizar a harmonia que é a lei suprema da sciencia e da natureza, converteu-se nas vossas mãos em arma de partido, alimentando os antagonismos moraes na sociedade com as idéas intransigentes de uma seita, com os principios exclusivos de uma escola que se julga depositaria permanente do grande patrimonio da verdade.

Terriveis foram as consequencias d'este modo de ver as coisas. Quando na vida pratica se pretendeu organizar sobre taes bases um systema de instrucção publica tudo foram desordens e inconveniencias. Os legisladores ficaram desconcertados. Não desanimaram ainda assim. Architetando leis contraditorias, reformas abstrusas sem uma idéa elevada, sem um principio synthetico e racional, que lhe desse unidade, foram preparando esse edificio da nossa instrucção, que ahi está para vergonha eterna de um systema e dos homens que o representam.

Uma babel de legislação e um povo ignorante: tal é a resultante final do desinvolvimento intellectual imprimido pela monarchia. Sabemos que os seus adeptos não dizem isto; que o cofre dos elogios não se lhes esgota. Mas acima dos seus sentimentos individuaes está a nua e cruel realidade, impondo-se ás consciencias honra-

Mas a humanidade livre e igual, carecia tambem de ser irmã. E' pois o seculo XIX, o seculo da fraternidade, ou melhor o seculo da humanidade, como suprema lei e synthese suprema.

Demonstra-o a philosophia da historia pelo eterno principio das simplificações.

Com effeito, examinando as instituições dos diferentes povos, vemos que todo o fito da nossa politica deve ser aperfeçoar, simplificar, dirigir. Assim a polygamia foi substituida pela monogamia, o polytheismo pelo monotheismo etc. Neste ultimo termo de simplicidade, que, para Emilio de Girardin, se cifrava na democratização—abolição de tutela civil e religiosa,—e para Proudhon, na anarchia—o governo da consciencia, ou não governo, segundo a origem scientifica da palavra,—é que deve residir a grande lei do progresso, na historia.

Por esta gradação se vê que as diferentes esferas sociaes, livres, autonomas, solidarias e subordinadas umas ás outras, constituem um prototypo de harmonia universal chamado—Humanidade. Administrativamente poderíamos talvez formulal-o do seguinte modo: «O individuo livre na familia, a familia livre no municipio, o municipio livre na provincia, a provincia livre no estado, o estado livre na nação, a nação livre na humanidade.»

Decomponhamos cada um d'estes termos.

### IV

O individuo, quando considerado origem e fim da sociedade, é uma das maio-

res aberrações da politica moderna. Expressão do poder feudal ostenta-se elle ainda hoje pelo egoismo exaggerado, cujo caracteristico economico é a luta entre a burguezia e o proletariado. E se nas antigas civilizações era o estado quem absorvia o individuo, agora, pelo contrario, é o individuo que tende a absorver o estado.

Consequencia fatal d'este principio é o amor da patria, já de si um triste preconceito social. Por mal comprehendida conserva a patria um lugar que lhe não pertence, alimentando as guerras de nação para nação, e atrophiando as humanas industrias, em virtude de um exclusivismo absurdo.

Dois individuos de differente sexo agrupados, formam a familia.

O que a familia é, ninguém o ignora. A reforma, porém, não deve estar longe. E' mister muita mais liberdade e muita mais igualdade, afim de que ella se torne um poderoso instrumento de educação social, e nunca um juguete de paixões e de interesses mesquinhos, como actualmente succede.

O municipio, complexo das familias, é a questão da maternidade que para ahi corre escarnecida e ludibriada, a questão da instrucção que ainda entre nós não tem realidade positiva e séria, a questão da industria exploradora e do artista vilipendiado, a questão do trabalho infamado e da ociosidade glorificada; o municipio, em fim, é a questão da miseria que só de per si constitue o grande livro da população.

Depois do municipio vem a provincia,

a pobre desmantelada, que, sem nada gozar, tudo presta á corte, onde dormem em flacidos leitos os satrapas da devassidão e da immoralidade. Pobre viuva é ella coitadinha! para quem os sorrisos são o pão amargo da desventura e as lagrimas o triste consolo dos abandonados. Para a capital fizeram-se os theatros, e os caminhos de ferro, e os telegraphos; a provincia que gema em silencio. E' uma lei dos nossos governos; assim o querem e assim o mandam. . . em quanto o direito fór a expressão de uma maioria inepta e corrupta.

Por seu turno ostenta-se o estado, como inutilidade e prejuizo. A anarchia não carece do estado, e na transição que para ella se ha de operar, por meio do principio federativo, deixa o estado de ser a tyrannia de maior número, e por tanto a expressão das monarchias constitucionaes, afim de se tornar um governo livre, autonomo, solidario. Uma differença palpavel. Em vez da Hereditariedade, da irrevogabilidade e da irresponsabilidade teremos a elegibilidade, a revogabilidade, e a responsabilidade.

E'a proposito vem o fallar-se nas nações.

Garantia da realza são ellas a fomentação da guerra da conquista e da expoliação. E tanto é verdade que as nações não têm a sua realidade juridica por meio do estado que a cada passo as vemos alteradas, segundo o arbitrio dos principes, e a ambição dos governos.

### V

Do que acima expozemos claramente

## FOLHETIM BIBLIOGRAPHIA TRES MUNDOS

POR

D. Antonio da Costa

(Continuado do numero antecedente)

### III

A Grecia, fundando a cidade, adquiriu materialmente a idéa de liberdade, que Lutero mais tarde desinvolveu pela revolução religiosa.

Roma — dizem — teve um grande defeito, que deveras concorreu para a sua decadencia. Conquistou sempre. Mas a conquista, como aspiração, fortalecia a unidade, e a unidade preparava, por seu turno, a democracia universal, do mesmo modo que Napoleão I o fez outr'ora e Guilherme da Prussia o faz actualmente:— um, unificando os povos de origem romana, afim de estabelecer a democracia latina; outro, unificando os povos do norte, afim de consolidar a democracia germanica.

Cada um, por opposta vereda, santificava uma idéa, que, todavia, lhes surgiu involuntaria e espontanea, como a evolução social d'onde ella brotava.

Não se comprehende, porém, a liberdade sem a igualdade. E, por isso, se levantou o brado da revolução no seculo passado, o qual, coroando a igualdade, inaugurou definitivamente a epoca das nacionalidades modernas.

radas e sacando-lhe esta interrogação tremenda: «que fizestes durante tanto tempo para o levantamento moral d'este paiz, homens de todos os partidos monarchicos?»

A. V.

## POLITICA INTERNACIONAL

### Côrtes constituintes hespanholas

Convocaram-se as côrtes constituintes de Hespanha na capital d'este paiz, como estavam annunciadas no dia 1 de junho.

Recebeu os novos constituintes a villa coronada ao som de musicas e aclamações estrepitosas da parte de todos os particulares e da parte do exercito. Alli se encontraram reunidos os homens encanecidos no serviço da causa republicana, os defensores das nossas ideias, e os que se alistam debaixo da nossa bandeira, os quaes auxiliados pelo entusiasmo e pelo exemplo da primeira e segunda republica franceza, e animados por suas virtudes e pelos seus conselhos, hão dedicado a sua intelligencia e a vida ao serviço da democracia. Alli estavam como diz a *Egualdade*, os activos e consequentes republicanos da provincia que, a despeito das perseguições dos Narvaez e dos O'Doneis, dos Sagastas e Gonzalez Bravo, têm feito circular os nossos periodicos, organizar comités e extenderam a nossa doutrina e formaram emfim o nosso partido.

Momento solemne é este em que o povo hespanhol se vê pela primeira vez reunido livremente sem a pressão de ninguém. Nós vos saudamos d'este canto do occidente, ó nobres paes da patria, que ides alicerçar o futuro da Hespanha sobre a base de perfeita egualdade, liberdade e fraternidade; e esperamos com verdadeira impaciencia o resultado dos vossos trabalhos. Alliviae a triste situação dos opprimidos; dae liberdade aos escravos, instrucção aos nescios, moralidade aos maus, ensinae a todos a serem verdadeiros cidadãos, suprimi odios e rivalidades de classes, pregae o amor e dedicação como fazia o Christo; sede o farol e a luz da virtude, o heroismo e o esforço no meio d'essa nação de bravos, Lembrae-vos que sois os descendentes d'esses grandes mar-

se deixa ver que a humanidade é unica, admittindo, todavia, divisões, assim como o corpo humano que, sendo unico, tem braços e pernas, e assim como a alma, que, sendo unica, é identica, immortal e espirital.

Mas estes termos, assim combinados, livres, autonomos, solidarios,—como já dissemos, e agora repetimos,—em vez de se negarem, pelo contrario, concorrem ainda mais para um prototypo de harmonia universal, que se chama *Humanidade*.—Subsistem e subsistirão sempre como as raças, como as linguas e como as escolas philosophicas.

Pois a raça aryana que é hoje superior, não só philosophica, historica, e ethnographicamente, senão tambem pela unidade de um centro de criação, excluirá por ventura a raça semitica?

Pois a lingua franceza que é hoje universal, pretenderá acaso negar a existencia de outras linguas europeas?

Pois o positivismo que é agora a escola predominante será, por seu lado, a perfeita negação do theologismo e da metaphisica?

Não, nunca!

Mas, o que ha entre todos estes elementos, é uma certa e determinada harmonia, um laço de reciproca subordinação, cujo sublime resultado é a grande lei, hoje dominante em philosophia da historia: a *liberdade na solidariedade*, a *unidade na multiplicidade*, isto é, um perfeito equilibrio entre interesses geraes e interesses particulares, fonte d'onde evidentemente deve dimanar o futuro social.

tyres da liberdade, para quem até hoje ainda não houve um Esquiros; os Padilha e João Bravo, os quaes ao ouvir pronunciar a sentença de morte por traidores e alborutadores dos povos, respondiam forte e corajosamente—*mientes tu, y aun quien te lo mando dizir*.

«Traidores não, mas sim zeladores do bem publico e defensores da liberdade da nação.»

Que lhes falta para serem verdadeiros legisladores? Talento e saber? Não têm elles um Castellar e um Salmeron? Tatica e previdencia politica? Não contam elles entre si um Figueras e um Orense? Esforço militar e guerreiro? Não tem a republica pelo seu lado um valente e esforçado Novillas, um Contreras, um Pierrad, um Vellarde e tantos outros cujo plano formado desde ha muito é pacificar a Hespanha e quebrar as espadas?

Nada tem por tanto a receiar a republica em Hespanha e os seus legisladores podem ser independentissimos e legar ao mundo uma constituição modello de todas as constituições possiveis.

Estas foram sempre as nossas ideias sobre a constituição hespanhola, e agora nos alegamos porque vemos que não fomos illudidos,

Os jornaes hespanhoes já trazem a synthese das reformas, approvadas pelo centro da camara em sessão extraordinaria e o seu conteúdo é o que existe de mais livre, humanitario e de mais justo no mundo: proclama-se a liberdade de consciencia, isto é, a liberdade de cultos, a republica federal, a liquidação social em quanto á divida da monarchia, a abolição da pena de morte, a instrucção obrigatoria, a autonomia do municipio e da provincia, a revisão dos titulos possessorios, a gratuitidade da justiça, a indemnização quando o reu é absolvido em crime particular ou publico, emfim, construe-se um novo mundo social em Hespanha.

Reuniram-se em Hespanha as côrtes constituintes no dia 1 do corrente mez, e procedendo-se á votação da mesa provisoria saíram eleitos os deputados seguintes:

Presidente, José Maria Orense, por unanimidade.

Porém administrar a cousa, que é comum, não é governar o homem que é livre e tem direito a sel-o. E por isso dissemos que o principio *federativo* devia ser a transição para a anarchia, isto é, —a superioridade universal legitimada pela instrucção,—a lei natural garantida pela necessidade, e não pela legalidade, expressão facticia e quasi sempre contradictoria com a lei natural e com a fé, —o saber em vez do poder,—a superioridade em vez da auctoridade,—a força immaterial dominando a força material.(1)

E para isso trabalhamos com fé e coragem.

### VI

O trabalho do sr. D. Antonio da Costa, posto que litterariamente notavel, não satisfaz com tudo a um ideal de critica moderna. Restringiu-se demasiadamente a sua área. Em vez de uma synthese, espontanea, evolutiva, por assim dizer, encontramos nós nos *Tres Mundos* uma narração, vasada nos moldes classicos da litteratura latina.

Não! eu não creio que a conquista fosse uma causa de decadencia entre os povos latinos, mas antes uma gloria, justificada pelas circumstancias de uma nacionalidade poderosa. Roma acabou, como acabam todos os paizes do universo. Depois de elaborado e realisado o seu principio practicamente que lhe restava mais no mundo?

Era forçoso dar logar a outrem, aliás seria o progresso interrompido e retardado.

(1) Emile de Girardin—*La politique universelle*. Proudhon—*Du principe fédératif*.

Vice-presidentes:—Rafael Cervera.—Eduardo Palanca.—Manuel Pedregal.—Francisco Garcia Lopes.

Secretarios:—Ricardo Bartolomé Santamaria.—Santiago Soler y Plá.—Ricardo Lopez Vazquez.—Angel Armentia.

Os salteadores de D. Carlos continuam a infestar a Hespanha; os padres de trabuco, os Santos Cruzes, os assassinos e ladrões á mão armada, continuam a devastar a infeliz Hespanha. Mas ó padres, ó parasitas, olhae que vos chega a hora; olhae para as constituintes que, se as propostas d'ellas não mentem, breve ficará a Hespanha livre da Egreja e então já não terá o infame D. Carlos padres trabuqueiros, nem infames salteadores, pagos por estes para assassinar creanças, velhos, mulheres inermes como o temos visto e presenciado desde que appareceu infestando a Iberia essa carniceira matilha de assassinos e ladrões, cuja ultima proesa foi a morte ignominiosa com os tratos mais que inquisitoriaes dos desgraçados irmãos Dionisio Arruti e Pola, e Vicanor, surpreendidos, indefesos pelos barbaros sicarios do rei de direito divino.

Arruti era sargento e o capitão da sua companhia dirigiu uma sentida carta a varios jornaes a proposito da morte d'estes dois infelizes; é um protesto vehemente d'um coração lacerado pelas iniquidades, praticadas por estupidos fanaticos e barbaros canibae; respira-se nella dôr e sangue, ha nella sobre tudo a vingança, palavra tão doce quando a compaixão não encontra echo no peito inimigo. Vêde:

### Aos chefes dos carlistas

Contra todo o sentimento da humanidade, sem ter em conta consideração alguma de dignidade, haveis assassinado vil e cobardemente a Dionisio Arruti e Pola, sargento da 3.ª companhia de moveis, e a seu irmão Nicanor, a esses dois homens, que surpreendidos por alguns de vossos barbaros sicarios, haveis feito morrer, não fuzilando-os, senão ás pauladas e ás bayonetadas, dando-lhe um verdadeiro e horrivel martyrio.

Todos sois igualmente culpados; todos estaes cobertos de infamia, porque todos auctorisastes um crime repugnante e digno dos defensores da inquisição.

dado. E os povos barbaros, como todos os povos, não foram mais do que continuadores d'aquella civilização, cujo berço esplendido fôra o Oriente. Attestou-o a *Reforma*, por elles promovida e todas as revoluções que após ella caminharam.

Tambem não é rigorosamente verdadeira a parte que o sr. D. Antonio da Costa attribuiu ao christianismo.

A' luz da sciencia moderna é o christianismo uma bella poesia, cheia de encantos e seducções, que, a nosso vêr, está bem longe de corresponder ao movimento de uma epoca, qualquer que ella seja.

Uma doutrina que santifica a pobreza, a miseria e a ignorancia, não passa de uma abstracção mystica e, por ventura, de uma phantasia original. E a prova é que jámais passaram de theorias as doutrinas dos apostolos, e que os seus systemas, encerrados nas catacumbas, só tarde viram a luz e ainda assim definhados e rachiticos.

*Educador social*, o christianismo. Não pode ser. A educação é principalmente filha do *meio* em que vivemos, e o christianismo não era d'este mundo.

A propria revolução franceza, que dizem ser filha d'elle, não o é. Nunca o espirito da encyclopedia foi religioso. Nunca Voltaire, Mably e Rousseau se lembraram do christianismo senão para o refutar.

Assim, pois, entendemos que o christianismo não é um mundo, e nem sequer um movimento social; que aos barbaros do norte pertenceu a iniciativa das mo-

Aquelles, que suppunham que havia entre vós um Lizarraga, que por ter per-tencido ao digno exercito hespanhol, podia ser ao vosso lado outra coisa que um assassino miseravel; os que o julgavam capaz de praticar alguma coisa que não fosse uma indigna cobardia, já abriram os olhos e têm-no conhecido; saberão já que Lizarraga como Dorregaray, como Olo e Martinez não valem mais que o selvagem Belcha e o feroz Santa Cruz. Todos sois eguaes, porque todos sois assassinos e cobardes, que, em vez de nos buscar frente a frente, mataes só aos que colheis por surpresa desarmados; porque não sois capazes de vos pôr ao alcance dos tiros das nossas armas.

O vosso comportamento determinou o nosso. Não vos imitaremos no sangue innocente; porém não esperéis vós de hoje em diante nem misericordia, nem perdão quando se realizem os nossos vehementes desejos de encontrar-vos: tendes-nos ensinado que vos devemos tratar como bestas feras e não esqueceremos a lição.

Vinde procurar-nos á frente de vossas hordas, se a tanto vos atreveis, já que não se conta entre vós um que tenha o valor de vir procurar-me só; vinde, para que com o vosso sangue possamos vingar a deshumana morte dos nossos amigos.

!!! Vinde, cobardes assassinos!!! Eu vos derrotei com forças eguaes a todos, ou só um a um. De todas as maneiras quero provar-vos e vol-o provarei cedo ou tarde, a diferença que existe entre os cavalheiros e os assassinos.

Em quanto respirar um atomo de vida serei vosso fidalgo inimigo.

O capitão da companhia de Arruti, a 3.ª de voluntarios moveis da republica.—*J. Cantillo*.—Oyarzun, 23 de maio de 1873.

Em França, como os nossos leitores sabem, foi derribado da presidencia da republica o velho e sagaz Thiers e substituido pelo marechal Mac-Mahon. A politica do primeiro era de transigencia entre os partidos, a do segundo é acentuadamente conservadora. Falla em immensas reformas e a mensagem do trabuqueiro Mac-Mahon respira sangue e vinganças.

dernas conquistas da civilização, e que a Roma coube de direito essa mesma iniciativa das modernas conquistas da civilização, em virtude da sua unidade politica e da sua centralização imperial.

E, de passagem, convem dizer, que em relação ao mundo barbaro, foi o trabalho do sr. D. Antonio da Costa precipitado.

Em duas palavras: era mister generalisar mais; estabelecer uma certa unidade de evolução, e por ella moldar o estudo d'estes *tres mundos*; induzir depois a lei especial, que presidiu ao ser de cada um d'elles, e formar assim uma synthese real, positiva, organica.

No entretanto forçoso é confessar que ao auctor dos *Tres Mundos* cabe uma justa gloria de consciencia, de trabalho e de reflexão. Poucos ha que o imitem em Portugal, diga-se com franqueza. E isso bem se deixa ver no modo desinteressado como elle trabalha para o bem da humanidade (não disse patria, por coherencia do queahi fica exposto?)

E' um livro digno de ler-se; em Portugal, principalmente, onde estes estudos sobremaneira escasseiam e faltam.

O que acima dissemos é um acto de franqueza e de lealdade, que esperamos será tomado na devida conta pelo sr. D. Antonio da Costa, cujo talento e estudo muito respeitamos e admiramos.

Agora um sincero aperto de mão e uma nobre felicitação, filha do nosso entusiasmo e da nossa sympathia.

Coimbra, 1873.

MAGALHÃES LIMA.

O seu reinado ha de durar tanto como o d'uma campanha moderna.

Como não sabe fallar e não pode subir á tribuna, como o seu predecessor, fez-se ou quer-se fazer irresponsavel. E' um rei sem tradições; ora se os reis com ellas se não podem conservar, como o fará este unicamente formado nos acampamentos?

A sua queda é infallivel brevemente. Todos os olhos já se dirigem para Gambetta, o grande tribuno, a grande alma da França que se não fosse a traição d'um Basaine tel-a-ia limpado d'uma invasão estrangeira. Ninguem com direito lhe pode hoje disputar o lugar de primeiro estadista d'aquella nação. Esperemos, porém, os acontecimentos. Parece que tudo corre bem, até ha já quem falle numa restauração napoleonica.

Nas demais nações europeias, é tudo uma paz podre.

## A MONARCHIA

(A PROPOSITO DO SR. GHIRA)

Sejamos generosos! Não cusparamos sobre as cinzas d'aquelle cadaver d'uma reputação. No dia em que temos de registar a morte moral d'um homem, cobrimos o rosto de contristados; mas no caso presente (1) ha largo ensinamento para o publico e materia para largas reflexões.

Haverá ali o estímulo para os que vão luctando? Apraz-nos crel-o.

Será lição proficua, aquella, para os miseraveis que a opinião de ha muito condemnou? Ousamos emittir uma duvida.

O desmoronamento da fortuna d'aquelle homem é o symbolo do proximo desmoronamento d'uma instituição. A queda d'aquelle individuo precede e justifica o baquear da *collectividade*. E' eloquentissimo aquelle factio. As vozes abafadas dos que outr'ora acclamavam aquelle protegido da Fortuna, distinguiram-se nas expansões d'uma indignação tanto mais violenta, quanto mais contida até áquelle momento pelo servilismo e pela hypocrisia. Foi lugubre, mas foi grotesco. As faces de muitos empallideciam aos gritos da consciencia importuna quando os labios se abriam em sorrisos insultantes para o homem cahido no opprobrio, ou em phrases banaes de adulação para os que apressaram aquella ruina.

Crêmos no instincto publico. Crêmos nos homens moços, apesar das aberrações sem fim que se nos antolham hoje e sempre no meio do nosso labor. Crêmos na sinceridade de muitos; mas antes que os nossos braços se abram para acolher o protesto indignado, perguntamos a nós mesmos se por detraz d'aquelle colera não existe o terror, e observamos os rostos dos protestantes pedindo-lhes a revelação d'aquellas almas.

E' por isso que não vamos maré abaixo dos encomios e dos ultrajes; é por isso que contemplamos com indiferença igual e com igual desdem o tram da mocidade caduca e o da velhice pueril; é por isso que não saudamos todas as câs, nem repellimos todos os neophytos. Neophytos somos nas luctas inglorias e obscuras da vida, mas não no viver honrado e na independencia que martyrisa.

Cahiu aquelle homem, é certo. Severa lição aquella! Quantos escandalos perpetrados e nem sequer suspeitados! Quantas infamias commettidas! Que silencios vergonhosos, também! Que longas contemporizações! E como só o factio d'uma pendencia pôde trazer á luz do julgamento publico aquella série de miserias profundas!

Cinco ou seis cargos importantes exercia aquelle homem. . . Escandalosa violação de todos os direitos, que só pode realisar-se neste meio real, apodrecido e miseravel, onde uma realza carcomida tenta equilibrar-se sobre os corpos gangrenados

d'um funcionalismo corrupto, d'um exercito insubordinado, d'uma burguezia estúpida, d'um jornalismo sem pudor, d'um clero sem vergonha, d'um professorado sem sciencia, d'um povo sem imputação!

E atropellam-se os escandalos colossaes no meio d'este monumental escandalo da «Sociedade portugueza monarchica e catholica romana», e suffocam-se pela vozaria dos mercenarios os gritos de indignação raros que por ahí surgem, e derrama-se nesse povo predisposto a nuvem negra e temerosa da ignorancia fanatisada e do preconceito hediondo.

Um jornal da capital (1) confessava ha pouco que—o que somos devemol-o á monarchia. Para novidade veio tarde. Já o sabiamos. A espionagem legalisada e recompensada é privilegio d'um governo monarchico. O escandaloso patronato que consiste em empregar os parentes nas repartições publicas, fazendo-os subir postos no exercito, ao passo que atropellam em escandalosos concursos os seus collegas no funcionalismo; tudo isto, emfim, são bellezas do governo; são instituições monarchicas, talvez. O redactor principal do *Jornal da Noite*, na alternativa em que o collocamos, de concordar pelo seu silencio em que—tudo isto é INFAME, ou de protestar energeticamente defendendo estes factos, não cortará o nó gordio da questão, optando por uma das opiniões a formular, mas a sua opinião deve ser ouvida, e convenientemente registrada. Ha de sê-lo.

O que temos é da monarchia. Já o sabemos. Temos as repartições publicas dirdas na sua maioria por analfabetos e por homens de asquerosos precedentes. Temos a transferencia de uma para outra repartição imposta como castigo a homens que não podem decorosamente occupar um lugar decente numa sociedade decente. Temos uma repartição publica (o Correio geral) da qual confiámos parte dos nossos haveres, e onde, segundo a exposição feita por um dos seus empregados, os nossos haveres correm o perigo de serem ROUBADOS, e temos em resposta ás reclamações d'esse empregado, para que se proceda a um rigoroso inquerito, as evasivas mais suspeitas applicadas á realisacão d'esse inquerito. Temos ainda as ironias da imprensa stulta, ou desaforada, applicadas ao digno e corajoso empregado, que, só entre os seus collegas, teve a nobre audacia de chamar a attenção do publico para aquelle monumento de vergonha eterna.

O que temos é da monarchia. Estamos certos d'isso. Convencidos estamos de que o escandaloso processo instaurado pela opinião publica ao sr. *Marianno Ghira* é apenas o primeiro d'uma longa serie de escandalos monumentaes da mesma ordem; isto se o descaro proverbial das altas espheras não confiar na indiferença publica para conservar-se neutral, e se o mais corrompido e gangrenado dos publicos não sentir despertar a consciencia do perigo á beira do seu aviltamento! . . .

SILVA PINTO.

(Espectro de Juvenal)

### o general Hoche

Em fim, achei-o; eil-o! Hoche é o heroe da Revolução. Depois d'elle, é preciso retirar a craveira; porque o heroe não é aquelle que ganha uma batalha, mas bem aquelle que ganha uma batalha por uma idéa. Uma hora de presença de espirito no meio da metralha, e eis ahí uma victoria. Se a victoria fizesse o heroe, ser-se-hia heroe, na verdade, a muito pouco custo. Quem não ganha a sua victoria, pequena embora, neste mundo com um grão de inspiração? E, por Deus, estae tranquillós! Dumouriez ganhará a sua e Pichegru também, e este outro e aquell'outro. De tal modo que de victoria em victoria, por conta da Revolução em appa-

rencia, qualquer perguntará bem depressa onde está a Revolução.

O heroe da Revolução é pois para qualquer que tem a gloria de pôr a idéa acima do factio e a convicção acima dos toques de trombeta e de clarim, o general que, vencedor ou vencido na fortuna como na desgraça, sente que leva consigo a espada d'essa Revolução, põe a sua vida em penhor nessa Revolução, eleva-se por ella, cae com ella se ella deve cair, serve essa causa tres vezes sagrada, com o seu sangue, é ainda muito pouco, mas com o seu pensamento todo inteiro, sempre, quando mesmo sob a injuria, sob a injustiça, se tanto fôr preciso, sem contar um minuto, sem mercadejar a sua dedicacão, general sob o campo de batalha, cidadão no dia seguinte, abaixando respeitosamente a sua espada diante da estatua da liberdade.

Tudo isso, fel-o Hoche, no rapido relampago do seu destino. Eis ahí porque a sua viuva é a maior viuva do mundo inteiro. Mais eu contemplo esse mancebo saido, de improviso, do povo para ser o genio armado do povo, mais eu lhe acho alguma cousa de Jeanne d'Arc, uma especie de *mens diviniar*, a alma da patria. Sem educação, sem experiencia, por que eu não sei qual visão interior e qual voz mysteriosa, sob a tenda do bivac, elle comprehende o primeiro na fronteira, que é preciso crear a estrategia pela inspiração, o methodo pela *Marselheza*, e acabar de uma vez com a guerra lenta de Frederico, a guerra pedante, a guerra formulada, a guerra classica, a guerra de evoluções, a guerra de marchas, de contra-marchas, a guerra de manobras, a guerra de aparato. Toma a divisa de Danton: a audacia; e salva a Revolução. A reflexão deve preparar, dizia elle, e o raio executar.

«Pelo que ouço dizer dos vendeanos, escrevia elle ao general Leveneur, eu vejo que os seus chefes conhecem o verdadeiro e unico modo de combater que convem ao francez: o choque. A coragem equal mesmo com notavel inferioridade de organisação, acredita que a impetuosidade do arrojo assegurará a victoria. Os rebeldes correm como enraivecidos sobre os canhões e tomam-nos porque nós permanecemos friamente nas nossas linhas. Ignora-se que é preciso que o soldado francez avance ou recue, e que, forçal-o á immobibilidade, é condemnal-o a ser batido?»

Hoche tinha fé na victoria, porque elle tinha fé na Revolução. Sob a influencia d'esta idéa, accieita aos vinte seis annos o commando do exercito do Mosella. Era tomar os dados na mão e jogar a sua cabeça. Vencer ou morrer, não havia outra alternativa. Nunca, talvez, general teve mais terrivel sorte a correr. A fronteira estava devassada. Landau estava bloqueada, o exercito estava disperso, e, porque não o dizer, desmoralisado por uma serie de revezes. Em fim Saint-Just estava presente, com o seu canhenho na mão, a vista fixa sobre os generaes para surprehender na passagem qualquer descuido ou qualquer traição. Hoche, desde o primeiro dia, faz passar a sua alma no exercito. O nosso novo general, dizia-se de todos os lados é joven como a Revolução, e robusto como o povo, nós vamos marchar para a frente. Hoche marchou para a frente, e perdeu a batalha de Kayserlauten. A Convenção, como por uma especie de presciencia, felicitou-o da sua derrota. Para aprender a vencer, dizia Turenne, é preciso ter sido vencido. Pouco tempo depois, Hoche batia o inimigo e desbloqueava Landau. Elle tinha esta vez o segredo da victoria.

Depois d'esta victoria, Hoche escreve ao Comité de salvacão publica que, o fim da campanha estandó attingido já, elle pede para depôr o commando do exercito do Mosella. Repelliu o inimigo, isso lhe basta. Pode reentrar no seu logar agora. Bello tempo, idade de ouro da França nova em que a patria santa reinava só no coração do soldado. A gente queria fazer pa-

rar o tempo nessa data para ver eternamente esses jovens vencedores, hontem homens do povo, desfilar de peitos abertos, entusiastas e graves sob os seus cabellos lizos e os seus penachos tricolores, através do fogo, com as bandeiras agitadas e cair, e morrer, e pôr a mão sobre o seu coração, e gritar uma ultima vez: Viva a Republica! Foram felizes aquelles; não conheceram a tentação. Porque Moreau não teve desde então o seu tumulo na Allemanha?

(Continua).

EUGENIO PELLETAN.

Chamamos a attenção do publico para o communicado que abaixo publicamos.

Desmascarar os hypocritas, patentear do á sociedade os vicios com que pretendem enganar-a e ensinar o verdadeiro caracter dos homens, que traiçoeiramente abusam da boa fé dos que o não conhecem de perto: eis uma das principaes obrigações da imprensa justa e rasoavel.

Dirigindo-me, pois, a este campo, só tenho em vista fazer conhecer a todos o procedimento, já agora bem avaliado do padre . . .

Não remontarei ao principio da sua vida; longa é a cadeia de escandalos; muitos são os factos, aliás indignos, que poderia apresentar ao exame do publico. Começarei em 1872.

Alguns paes mal informados collocaram este padre no principio do anno lectivo de 1872 a 1873, como director de seus filhos, sujeitando-se e remunerando pontual e superfluamente todos os cuidados da alimentação e da instrucção.

Não fallarei hoje da alimentação, pois que todos sabem em Coimbra as côres com que os subordinados do padre . . . pintam o modo, porque elle os tracta diariamente.

Em quanto á instrucção, não podia decerto o sr. padre . . . miguelista ferrenho, abster-se mais de expender aos seus caloiros as theorias mais reaccionarias e intempestivas do governo legitimo, defendendo com todo o calor o jезuitismo e a inquisição! . . . a Inquisição, defendida por um homem, que se tem por *intelligentissimo*, e em pleno seculo 19!! . . . Pois já não te lembrás, padre, do caso de ainda ha pouco teres entrado numa igreja, e juncto dos altares, onde hoje impiamente celebras a tua missa, descarregares sobre a fronte d'um teu collega as mãos pesadissimas? Não pensas em que a inquisição te faria logo o seu auto de fé, para depois seres queimado irrevogavelmente? Desgraçadissimo padre . . . que nem sequer sabes onde tens os miolos! . . .

Mas deixemos isso, que outras coisas ha mais dignas de importancia.

Um tio teu, a quem deves immensas obrigações, collocado em más circumstancias pecuniarias, pediu-te para lhe acceitares um filho em casa, e tu, que julgavas, que pelo unico factio de lhe dares de comer, podias exigir tudo d'elle, quizeste fazer do pobre rapaz o mesmo que tu és: teu primo, que tem mais honra que tu, não quiz sujeitar-se ás accões infames que lhe mandavas praticar; e tu que fizeste? Recorreste á força bruta; lançaste mão d'um ferro do teu leito e com elle massacravas todos os dias o corpo, ainda fragil, do teu infeliz primo; e elle, que mais não podia soffrer tamanhas injurias, foi obrigado a fugir-te de casa. É assim padre que o Christo, cujo ministro és, te manda viver? É essa a caridade que o Evangelho te manda ensinar?

É assim, *honradissimo* padre, (como tu mesmo te apellidas) que se castigam os que estão a nossos cuidados?

Porém passemos ao mais.

Lembras-te, padre, do dia 4 de Maio?

(1) Processo do sr. *Marianno Ghira*.

(1) *Jornal da Noite*.

D'aquella tarde que tam amorosamente passaste com uma tua creada?

Não te recordas já de lhe haveres dito que eras homem como os outros, e que só tinhas inveja de que ella se sorrisse para os demais estudantes, que tinhas em casa? Não tens lembrança de queres seduzir aquella rapariga, que tão nobremente regeitou as tuas promessas indignas e que hoje declara publicamente a hediondez das tuas acções? Não previas talvez que ella viesse a referir tudo a quem agora te está fallando? Porém não é esta a primeira que fazes; mais te podia eu contar, padre corrupto, indigno ministro de Deus, de queres convencer os que contigo viviam, da nobreza do teu character e de que essas mulheres, que tu procuras com ancia, eram as proprias, que se namoravam de ti e te procuravam por toda a parte!... Que terás que responder a quem tam justamente te declara infame? Queres as provas? Vem, que eu te as mostrarei com abundancia de todas as tuas gallantes acções!... Vem a este campo se ainda tens cara para te apresentar nelle, e eu te desmascararei já que assim o quizeste.

LISBOA, 4 DE JUNHO DE 1873

(Do nosso correspondente)

Começo hoje pela narração d'uma gentileza palaciana digna de publicidade. Também pouco mais direi, escasseando as novidades e não me achando resolvido a noticiar o estado de saude dos nossos barões e conselheiros.

O caso é o seguinte:

Ha poucos dias recitou-se no theatro do Principe Real a *Canalha* de Gomes Leal e *Ao Combate!* de Bettencourt Rodrigues, em beneficio. Dias antes fora a beneficiada entregar ao paço um bilhete de camarote. O chefe do estado não compareceu, mas compareceu alguém de sua casa.

No dia immediato ao do espectáculo foi a beneficiada ao paço em busca de resposta, naturalmente a importancia do camarote.—Foi recebida por um olympico sujeito, que, depois de miral-a com curiosidade, lhe perguntou:

—Não foi na noite do seu beneficio que se recitou a *Canalha*?

Em seguida á resposta affirmativa, sua excellencia pronunciou as seguintes palavras:

—Pois o povo, que está tão adiantado, que lhe dê dinheiro! Cá não ha!...

Eu acho bem pensado e bem dito. Assalta-me, porém, uma duvida. E' sobre a firmeza d'esta boa gente. Fallarão elles sempre em voz de baixo? Outros, mais solidamente firmados no pedestal, deram-se por felizes e honrados quando o povo lhes permittiu que coraessem com o barrete phrygio, em dia de tempestade, as cabeças louras da regia estirpe. Os insolentes deviam ler a historia... se sabem ler. Vae fecunda em ensinamento a epoca. Caloteie-se, depois dos fornecedores de viveres, os beneficiados dos theatros publicos, mas modere-se a linguagem, senão por vocação ao menos por prudencia! Tenham entendido!

—No dia 28 de maio annunciara-se a recitação da *Hespanha Livre*, de Guerra Junqueiro, no theatro do Gymnasio. O governador civil auctorisara o escandalo. A' hora, porém, de começar o espectáculo o sr. commissario geral da policia, D. Diogo de Sousa pediu que lhe mostrassem a poesia e depois de lê-la prohibiu que fosse recitada.

São espertos, não ha duvida! Este systema de repressão ha de trazer-lhes o resultado que desejam. A pobre cabeça do

sr. Fontes com estar muito velha nem por isso toma juizo. Os negocios amorosos, os espiões, as pomadas e as revoltas goradas são de muito peso para aquelle Bismark de capellista!

—Sabiu o programma do *Rebate*, órgão do partido republicano federal. É em parte excessivamente moderado. Pede a *liberdade de pensar*, entre outras!

Isto seria applicavel aos mandamentos moscovitas, entre os quaes ha um que diz: *não pensarás contra o czar*. Em quanto a mim penso da nossa realza e dos nossos cousas que nem se escrevem; isto sem esperar pela liberdade de pensamento.

Creio firmemente que o intelligente barão do Zezere não penetrará na minha consciencia.

—A escassez de novidades e máo estado da minha saude obrigam-me a pôr termo á minha correspondencia.

S. P.

## NOTICIARIO

Recebemos e agradecemos o n.º 12 do anno XVI do *Instituto*. Contém:

*As raças historicas da peninsula iberica e a sua influencia na jurisprudencia portugueza*, (4.º artigo)—por Julio de Vilhena.

*Sophismas e reacções de Socrates*—por J. Frederico Laranjo.

*Noções de geometria discriptiva*—por José de Saldanha.

*Phantasia* (poesia)—por Luiz Carlos.

*Sempre noiva*—chronica eborense—por A. Filipe Simões.

*A ermida do Calvario no Bussaco*—por A. M. Simões de Castro.

*Bibliographia*—obras offerecidas ao *Instituto*, por A. A. da Fonseca Pinto.

*Instituto de Coimbra*—extracto das actas de diversas sessões.

O nosso amigo o sr. João de Paiva estudante do 5.º anno do direito, acaba de publicar uma sentida poesia, offerecida aos seus queridos condiscipulos, e recitada perante a maior parte na *Lapa dos Esteios*, local escolhido por elles para o abraço da despedida.

Inspirado do sitio aprazivel, do arvoredo, do canto das aves e da saudade indifinivel que desperta em nós a hora da tarde, a harmonia de todos os elementos da natureza, esta poesia é como que a expressão do sentimento e dos affectos que esperimentavam todos os que assistiram áquella despedida fraternal e amiga de perto de 100 mancebos.

A poesia consta de 28 instancias e exprime perfeitamente o pensamento do seu auctor. Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido e fazemos votos que o sr. João de Paiva continue cultivando as bellas artes, porque não fazem mal as musas aos doutores.

Ao ex.º sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos redactor do *Jornal da Noite*, a proposito da sua critica das poesias ao *Combate* e a *Canalha*.

É cedo ainda? não. O povo, a escoria, Sta cançada do peso das correntes, Com que os papas e os reis, hybridas gentes, O prenderam ao choche da Victoria.

Prender o mar! pigmeus, esquecendo a Historia, Esqueceram que ao rugir d'ondas fermentes O mar um dia absorve os continentes Entoando a canção de eterna gloria.

Chegou o dia do Castigo ao Crime Erga-se o povo á voz da Liberdade E despedace o jugo que o opprime!

Que outro sol illumina a sociedade, Descrevendo em fogo a lenda sublime Do Bello, da Justiça e da Verdade.

Ha dias que não recebemos *La Opinion*, nem o *Justiceiro*. Algumas vezes te-

mol-os recebido com atraso. Não sabemos a quem attribuir esta falta e por isso a deixamos aqui mencionada.

Diz a *Egualdade*, que a auctoridade portugueza deu ordem para que se busque um deposito de armas, que Sabariegos tem occulto na fronteira da Galicia. Não sabemos se o facto é exacto. A nós parece-nos que não, porque o governo portuguez tem mais de carlista de que de republicano.

Recebemos o 5.º n.º do *Espectro Juvenal*. No corpo do jornal trescemos um magnifico artigo sobre a monarchia a proposito do processo do sr. Marianno Ghira. É uma pagina, digna de ler-se, esta do nosso talentoso correspondente da capital.

Todo o opusculo faz revelações importantes, dignas de saberam-se e conclue assim: « á hora em que terminamos o 5.º n.º do *Espectro* ainda existe o *Diario de Noticias*, o *Jornal da Noite* e o *Diario Illustrado* ».

Houve no dia 30 de maio uma audiencia celebre na comarca de Arganil. Julgava-se o ex-administrador Cruz Aguiar, accusado por suppostos crimes politicos cometidos nas passadas eleições. Foi defensor do reu o intelligente e sympathico mancebo Lopo Vaz de Sampaio e Mello, que tinha sido seu antigo condiscipulo na Universidade. Noticias recebidas d'aquella terra affirmam-nos que fora admiravel o discurso de defeza, tanto sentimental como logicamente considerado. Nem menos era de esperar de quem tão boa reputação tem no mundo litterario.

Folgamos de archivar este acontecimento, que foi uma gloria para o advogado e um triumpho para o reu, accusado por uma facção politica de poucos creditos.

Entre nós a politica não dá outros resultados. Um homem honrado está na impossibilidade de se introduzir n'ella sem sair manchado. É que os systemas pelas suas idéas de regeneração ou dissolução estão acima das tendencias particulares dos individuos.

Consta-nos que o actual bispo d'esta diocese acaba de vender a um francez, especulador em objectos antigos e raros, os pannos de raz, que guarneciam as tres salas principaes do paço episcopal. Segundo nos informam, estes pannos são de pinturas primorosas, de subido valor artistico, muito raras e de grande antiguidade. Representam um bom capital; e o actual bispo com uma vergonhosa ignorancia do valor d'aquelles objectos vae vendel-os por 45 libras (202\$500 rs.) O comprador já os tem encaixotados e parece que exulta de contente. Poderá, se o negocio parece que deixa 500 por cento ou mais.

Eis os elementos que actualmente compoem a Assembléa Nacional franceza:

*Extrema direita*—Tem 53 deputados, á frente dos quaes está o duque de Rochefoucault Bisaccia.

*Reunião da direita*—Este grupo é formado por 144 membros, e está presidido por Lacy. É o grupo mais importante da direita. N'elle figura o ex-ministro da Justiça, Dufaure.

*Reunião do chamamento do povo*, Esta fracção compõe-se de 28 bonapartistas. É presidente o antigo ministro de Napoleão 3.º, Rouher.

*Centro direito*—Contém 124 deputados. Foi presidido por Saint-Marc-Girardin, fallando-se agora no ex-ministro Goulard para tomar aquella posição.

*Reunião dos republicanos conservadores*. É formado por membros dissidentes do

centro direito e contém 77 membros, sendo presidente Cazimiro Perier. É o grupo republicano que mais afinidade tem com o monarchico.

*Centro esquerdo*.—Tem 86 deputados sob a presidencia de Christophe. N'elle está o ex-ministro Remusat e talvez Thiers.

*Esquerda republicana*.—É esta fracção formada por 145 membros republicanos por convicção e tradições. É presidida por Fourcaud e n'ella se acha filiado o ex-ministro J. Simon.

*União republicana*.—Compõe-se de 73 deputados republicanos radicaes inimigos da politica conservadora, intransigentes com tudo o que retardar a constituição definitiva da Republica franceza. É presidida pelo deputado Payrat, e augmenta em cada eleição. N'ella figuram Gambetta, Royer, Barodet.

O nosso collega da redação, Magalhães Lima, retirou para Aveiro, terra da sua naturalidade, onde vae passar as ferias de verão.

D'ahi continua todavia a colaborar para a nossa folha.

Fez acto do 5.º anno juridico o nosso amigo José de Vasconcellos Mascarenhas Pedroso. Assistiu ao acto um grande concurso de pessoas e algumas senhoras: Fallou eloquentemente, e sem elogio immedecido, que não estamos costumados a fazer a ninguem, podemos dizer que foi um acto distincto. O sr. Pedroso parte agora para a Chamusca, terra da sua naturalidade.

## EXPEDIENTE

Os nossos illustres assignantes que sahirem de Coimbra, tenham a bondade de participar á redação o local para onde desejam que lhes seja remetida a nossa folha.

O importe das assignaturas das provincias deve ser remetido, em estampilhas ou vales do correio, á redação da **REPUBLICA PORTUGUEZA**,—Couraça de Lisboa, 87.

## ANNUNCIOS

MAGALHÃES LIMA E SILVA PINTO  
**O ESPECTRO DE JUVENAL**

Sabiu o n.º 5

A' venda na livraria Academica, Calçada.

**AS RAÇAS HISTORICAS**

DA

**PENINSULA IBERICA**

E A SUA

**INFLUENCIA NO DIREITO PORTUGUEZ**

Por

Julio de Vilhena

A venda na livraria do sr. Cabral—Calçada—500 reis.

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra—Trimestre... 300 reis, semestre de 30 numeros... 600 reis.—Para ás Provincias—Trimestre... 360 reis, semestre... 720 reis.—Avulso no proprio dia 20 reis.—Annuncios 30 reis cada linha.—ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA. Assigna-se:—Em Coimbra, na rua da Sophia, n.º 59 e 61.—Em Lisboa, na Livraria Internacional, rua do Arsenal

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redação da *Republica Portuguesa*, Coimbra—Couraça de Lisboa, 87.



# REPUBLICA PORTUGUEZA

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE COIMBRA



ANNO DE 1873

FOLHA SEMANAL

N.º 7

## POLITICA INTERNACIONAL

Agora sim que a monarchia morreu definitivamente na Hespanha. Arruinada já pela sciencia, desacreditada nas consciencias mais puras, batida pelo espirito moderno, desapareceu do campo da lei, onde miseravelmente se sustentava ainda.

Sobre esse cadaver illuminado pelos clarões sinistros de uma historia cheia de ignominias, ergue-se a nova Hespanha, a Hespanha republicana, a Hespanha que emigralhou o ultimo elo da cadeia real, a ultima gargalheira de um grande escravo.

O dia 8 de junho, em que a Constituinte affirmou conscienciosa e serenamente a forma mais elevada da Democracia—a Democracia federal, é o maior dia que tem visto este povo, este herdeiro desgraçado dos prejuizos religiosos e politicos, do espirito envenenado de Loyola e das praticas tyranicas de Filippe II.

Saudemos essa aurora esplendida que cedo illuminará tambem o horisonte da nossa patria.

Admiravel espectáculo nos está dando a nação vizinha! Quando a experiencia da historia parece attestar que o homem só dá um passo para diante apoz muitos e dolorosos sacrificios, alli as correntes que ligam o espirito moderno ás tradições do passado quebram-se repentinamente e sem grande agitação.

A pena de morte que ainda mancha os codigos de povos chamados cultos vai desaparecer para sempre.

A escravatura que é uma vergonha na especie, além de ser uma revoltante injustiça, vai ser abolida. O sol da Liberdade começa agora para muitos pequeninos que gemeram o peso das suas desgraças durante a longa noite da monarchia.

Os privilegios judiciaes, que são uma negação da idéa de justiça, idéa purissima que não admite excepções, serão inteiramente extinctos.

As gerarchias revoltantes, que foram

sempre o apanagio dos systemas reaes são abolidas. A Democracia só existe com a Igualdade: repelle toda a idéa de casta.

A separação da Igreja e do Estado, que é um dos pontos fundamentaes sobre que se agitam as sociedades modernas, é proclamada em toda a sua extensão. Aquella unidade fatal que levou os exercitos da ambição pontifical e imperial a virem ás mãos, já ás ordens de Filippe Augusto, de Henrique VIII, de Hildebrando, termina hoje na Hespanha, na terra do catholicismo por excellencia. Tanto é certo que as virtudes regeneradoras de um systema estão acima das circumstancias praticas de um povo.

O suffragio universal, que é o unico instrumento capaz de originar uma representação nacional com os caracteristicos de total e livre, é solemnemente declarado.

O ensino elementar, base de todo o desinvolvimento moral e economico de uma sociedade bem organizada é declarado obrigatorio e a cargo dos estados.

Os monopolios que tendem a fazer o estado omnipotente, auctoritario e burguez são supprimidos inteiramente, com excepção dos serviços publicos, que elle toma como encargo e sem espirito de especulação.

Os privilegios, as isempções, as loterias, as direcções das armas, as capitaniaes generaes, os impostos sobre a locomoção por caminho de ferro, os bilhetes domiciliarios, as licenças de caça e pesca, etc., todo este cortejo de calamitosas restricções á Liberdade individual, e afrontosos ataques á moralidade publica vai ser suprimido por essa Constituinte que nos promete dias admiraveis, dias semelhantes aos d'aquella grande Revolução Franceza, que abalou thronos e imperios e que ainda hoje prosegue ávante.

An avant. dizemos nós aos democratas hespanhoes, que não ha lugar para descançar neste itinerario do homem para a Liberdade e para a Justiça, que são as leis naturaes e positivas da sociedade.

Realisae pacificamente essas gigantescas

e sublimes reformas. Depois que se mal-diga a Democracia.

A Revolução já não tem razão de ser na Hespanha. As conquistas pacificas da critica e da sciencia acabaram com o seu dominio.

A reacção theologico-carlista amaldiçoada pela consciencia de um povo, é hoje inteiramente impossivel. Por isso os jornaes da visinha nação nos annunciam já a decadencia d'aquelles pobres escravos de um systema sem ideal para a intelligencia e para o coração.

Curcula ferido, Dorregaray ferido e subordinado, Elio cheio de inveja e odio contra Dorregaray, Santa-Cruz recalitrante,—Carlos VII escondido ou talvez morto; são symptomas visiveis do esphacelamento do partido carlista, que não póde viver muito tempo, porque lhe falta a vida moderna, a alma da civilização actual.

As grandes virtudes republicanas continuam animando a esquerda da Assembléa de Versailhes. Em quanto a direita victoriosa apenas por 14 votos se vae enfraquecendo pelas suas divisões e subdivisões, a esquerda concentra as forças e prepara uma resistencia tenaz e audaciosa, tanto na urna, como na Assembléa.

Parece definitivo que Thiers, Gambetta, e Grevy tomam a direcção das fracções republicanas, que hoje se acham unanimes no pensamento de rebater as pretensões monarchicas da direita.

A attitude das grandes cidades dá-lhe energia sufficiente. A patria de Danton não ha de dar ao mundo o espectáculo de um retrocesso: recuar é impossivel.

A. V.

Não podendo publicar na integra por falta de espaço o artigo que nos enviou o sr. Bruno sobre a MONAR-

CHIA E A REPUBLICA, ahí vão os principaes periodos.

«Republica:—abençoada sejas tu. És a mãe de Wasington, de Hoche e de Castelar. Ao som da Marselhesa, os teus guerreiros guiados por Hoche e por Westermann ensinaram a ser livre á Europa feudalizada. Inspiraste a Rouget de l'Isle as estrophes ardentes do canto da Marselhesa, sopraste a Victor Hugo os Miserables e deste a Castelar a eloquencia de Demonsthenes. Quando Castelar se ergue, tu sorris-lhe e elle sobe á tribuna e esmaga com a sua eloquencia arreatadora os sacerdotes do despotismo. A tua divisa, oh Republica, é grande e nobre e christã. Sellou-a o sangue do justo nas pedras do Golgotha, estampou-a o sangue dos martyres nas paredes do Santo Officio».

«Ao directorio governativo hespanhol»

Senhores—Proclamastes a Republica que é o ideal sublime da perfeição governativa, a applicação pratica do sentimento inexpugnável da alma humana, o sentimento da liberdade. Applaudimo-vos do fundo d'alma e consenti que este nosso applauso vá provar os sentimentos democraticos da mocidade estudiosa portugueza.

Estais cercados de perigos, senhores; de todos os lados conspira contra vós o velho mundo das prepotencias e vilesas. O despotismo feroz dos reis absolutos, representado em Carlos VII, ameaça-vos com as suas garras damnadas; por outro lado alguns hespanhoes degenerados tentam chamar do exilio o filho da expatriada. Lutai, senhores, reprimi os assassinos da liberdade e mostrai ao mundo que sois grandes e generosos. Os padres, esquecendo-se de que tiveram por mestre o homem grande do Golgotha, esforcem-se por provar que se recordam bem das licções dos Torquemadas, e de trabuco em punho incendeiam as estações do caminho de ferro.

Vós, senhores, mostrai ao mundo a grandesa das idéas republicanas, quebrai, como Lincoln, as gargalheiras dos escri-

e em seguida as disensões intestinas da parte dos magnates, foi occupada pelo lado opposto ao da invasão das hordas do norte pelas populações arabes, raça não menos incommunicavel e pura do que a raça germanica.

Os soldados da cruz, levados de vencida pelo alfange dos sarracenos, retemperado ao calor do sol do oriente, fugiam á maré montante que do Estreito e das alturas do Calpe ia subindo e alagando os campos até aos despenhadeiros das Asturias. Parou a onda porque não ha forças extremas na natureza e ahí se formou o refluxo que havia de fazer descer a corrente ao seu leito natural, não se affectuando todavia sem tempo. A invasão arabe cobriu de ruinas a maior parte do solo hispanico, partindo do oriente para o norte. Em Cova Donga formou-se a resistencia a impulso d'um esforcado guerrilheiro que na historia leva o nome de Pelagio. A terra de Hespanha, de que os sarracenos ficaram senhores em uma só batalha, foi depois disputada palmo a palmo por Affonso I, Affonso II, Fernando I, e mais,

até Affonso VI, até Fernando e Izabel, ultimos reis que acabaram com esta guerra de oito seculos, guerra que se por algum tempo cessava, como diz o sr. Herculano, era para recommençar com mais força e vigor. Todavia a extincção da raça arabe não se fez na peninsula sem que d'ella ficassem vestigios profundos, assim como quando uma cheia invade os campos não se retira para o seu leito sem que deposite na terra os elementos fertilisadores, o humus vivificante que lhe augmenta a riqueza e a força productora. D'aquella raça combinada com o fundo permanente da peninsula nos vem a tolerancia de que em parte gosamos hoje, o lado impresional, o profundo senso das nossas canções populares, esta tendencia para as artes e para a musica, caracterista de todos os povos meridionaes.

Mas senão desaparecerão todos os vestigios da sua acção, a raça arabe tocara todavia o zenith do seu desenvolvimento na peninsula e a sua grandesa começava a declinar. Seguiam-se as batalhas ganhas pelos christãos, os assedios, as cidades

capitulavam, a cruz erguia-se triumphante já em mais de metade das Hespanhas no tempo de Fernando Magno. Com a conquista de Toledo por seu filho e as victorias que se seguiram na Andaluzia e no reino de Valencia ganhas pela parte de Fernando, e tão funestas ao islamismo, o dominio dos mouros na Peninsula, limitou-se a uma parte da Andaluzia, ao reino de Granada e a uma parte das provincias de Murcia e Valencia.

Os estados christãos são pelo lado contrario em numero de quatro, o estado da Navarra, que não tardará a separar-se em parte da unidade Hespanhola para juntar-se a France; o estado de Castella e Aragão, que ficam unidos e formam o nucleo da monarchia hespanhola; o reino de Portugal em fim separado de Castella no tempo de D. Affonso VI.

Todos estes estados se fundiram com o correr dos tempos na monarchia hespanhola, excepto Portugal que soube até hoje conservar a sua autonomia.

O Aragão reuniu-se a Castella pela

## FOLHETIM

## HESPANHA

### ESBOÇO HISTORICO-POLITICO

Depois das successivas invasões da raça phenecia, carthagineza e romana, que casou o seu sangue e trocou os seus usos e costumes com a raça celta, stracto fundario das raças europeias; depois da invasão barbara, sobrevinda pelos fins do seculo V, a qual cingia e apertava cada vez mais o imperio romano pelo norte num circulo de ferro, até succumbir despedaçando-se contra as hostes de Ataulfo, Atila, Gesénrico, Theodorico e Alaricus, senhoras por fim do campo da victoria, que era todo o continente europeu, porque se pelejava ao mesmo tempo em todos os pontos, a Hespanha, denominação que os historiographos antigos davam a esta parte do globo, comprehendida entre os montes Pyreneos, o oceano atlantico e o mediterraneo, depois d'um dominio dedois saculos da raça goda,

vos, parti, como Victor Hugo, as tabuas do cadafalso, riscai do numero dos espectaculos o *espectaculo* vil das corridas de toiros; em fim praticai as grandes obras que só inspiram as grandes idéas.

Se o conseguirdes, sereis abençoados pelos seculos futuros, oh apostolos do progresso!

Roma papal e Madrid da realza, o Vaticano e o palacio dos coroados, o padre e o rei por vezes têm dado ao mundo o spectaculo d'acções ignobeis. Mostrai vós todos, oh republicanos, que a republica, como grande principio, só produz grandes acções.

Grande bandeira da republica:—és nobre e santa. Arvorada por Hoche e por Westermann, ensinaste á Europa o codigo da liberdade. O teu distico é sublime e singelo, como o distico que o ditou:—*liberdade, egualdade, fraternidade*:—Acolhei-vos todos á sua sombra, e que ella se desfralde sempre ovante ao sopro das grandes idéas.

E conclue pelos dois esplendidos trechos de E. Quinet e Victor Hugo que representam a execração universal da intolerancia religiosa e lavram a sentença de morte da Igreja.

—«Dante, duas vezes condemnado á morte e sua casa arrasada. Arnauld de Bresse, queimado vivo.—João de Padua, queimado vivo.—Savonarola, queimado vivo.—Platina e os academicos de Roma, torturados.—Machiavel, torturado.—Spinola, afogado.—Bonfadio, decapitado e queimado.—Collenuccio, estrangulado.—Tibertus, decapitado.—Carnesechi, Paleario, queimados vivos.—Montalsino, estrangulado.—Dominis, queimado vivo.—Jordano, queimado vivo.—a Vanini, foilhe arrancada a lingua e queimado vivo.—Campanella sete vezes torturado e encarcerado vinte e sete annos.—Sarpi, apunhalado.—Berni, envenenado.—Tasso, encarcerado sete annos numa cellula de loucos.—Galileu, torturado e encarcerado perpetuamente.—Pallavicini, decapitado.—Giannone, encarcerado vinte annos.—Tenevelli, fuzilado.—Mario Pagano, enforcado.—Conforto, enforcado.—O resto ou melhor a continuação pode-se ler nas *Prisões de Silvio Pellico*».

Isto de Edgar Quinet bastava. Mas ouviremos tambem Victor Hugo na assembléa legislativa em 15 de Janeiro de 1850. Diz o grande auctor dos *Miseraveis*:—Ah! conhecemo-vos! nós conhecemos bem o partido clerical. E' um velho partido que bem tem pugnado. E' elle quem faz a guarda á porta da orthodoxia. Foi elle que descobriu para a verdade esses dois estados admirandos, a ignorancia e o erro. E' elle quem prohibe á sciencia e ao genio ir além do missal; é elle quem quer fechar o pensamento no dogma.

Todos os passos que a intelligencia da

Europa tem dado, têm-os dado ella bem contra a vontade d'elle. A sua historia está escripta na historia do progresso humano mas está escripta no verso.

Têm-se opposto a tudo. Foi elle quem mandou achibatar Prinelli por ter dito que as estrellas não cahiriam. Foi elle quem poz Campanella sete vezes a tractos por ter affirmado que o numero dos mundos era infinito e entrevisto o segredo da criação. Foi elle quem perseguiu Harvey por ter provado que o sangue circulava. Por parte de Josué, prendeu Gallileu; por parte de S. Paulo, encarcerou Colombo. Descobrir a lei do ceo era uma impiedade; achar um mundo, uma heresia. Foi elle quem anethemathizou Pascal em nome da religião, Montaigne em nome da moral, Molière em nome da moral e da religião».

BRUNO.

## MANIFESTO

DA

### UNIÃO REPUBLICANA DE PORTUGAL

#### AO PAIZ

Em seguida começamos a publicar o manifesto da União Republicana de Portugal ao Paiz, o qual nos foi enviado de Lisboa.

Depois de acabado de enserir diremos qual é a nossa opinião sobre elle.

«Quando desassombradamente e estranhos a quaesquer preocupações ou paixões politicas, lançamos um ligeiro golpe de vista sobre toda a superficie do globo, não podemos deixar de admirar quão profunda é a agitação que existe em todas as sociedades que nelle habitam.

As causas essenciaes d'essa grande agitação é evidente que estão na sua grandeza em perfeita relação com a perturbação e transtorno que d'ellas derivam.

E com effeito! é grande, é mesmo espantosa a ponto de confundir a razão, a lucta tenaz e desesperada de todas as paixões pequenas e ignobeis e o desequilibrio e contradicção manifesta de todos os interesses que devem constituir a unica e verdadeira base da ordem social.

O velho mundo, ou antes a velha Europa parece querer renascer do poder ferreo dos governos arbitrarios e fanaticos, a que desde remotos tempos tem estado curvada, e despedaçando o elo que a prendia á cadeia com que ha sido ferida a sua honra e a sua liberdade, caminha naturalmente para a conquista de todos os direitos negados até hoje.

É certo que a existencia moral da desorganisação que affecta todas as nações, deriva a sua principal causa da má ori-

gem dos governos e das instituições politicas.

Depois das mais duras, e das mais tristes lições da experiencia, em que os thronos, ou o poder monarchico tem com as suas loucas vaidades e insanos caprichos pezado sobre os destinos das nações e rebellado contra si o espirito de todas as sociedades livres, eis que a palavra Republica, resôa em todos os angulos da terra!

E que singular não é o spectaculo que se apresenta ás nossas vistas! O Universo parece abalado nos seus eixos; os fundamentos das sociedades humanas estremecem; o mundo moral e politico agita-se! tudo presagia enfim a approximação de prodigiosos e extraordinarios acontecimentos, e como consequencia a resolução dos mais transcendentales e importantes problemas sociaes.

O mundo d'uma a outra extremidade exclama: Republica, ou os direitos do homem; e ao magestoso ecco d'este brado unisono dos povos que se estende ás extremidades mais remotas, ouve-se ao longe o ruido subterraneo dos thronos que ameaçam desabar; sepultando nas ruinas tantas vidas uteis e tantos cidadãos illustres!

É que nada pôde embaraçar a carreira maravilhosa da civilisação e da liberdade; ella com toda a magestade e revestida da sua prodigiosa força e auctoridade arroja para longe todas as resistencias; é, finalmente, a lei soberana que não encontrando limites senão nos confins da terra, arrasta apoz si o mundo inteiro.

E na verdade, só homens desvairados por violentas paixões, ou allucinados pelo mais encarniçado fanatismo politico, podem deixar de distinguir o mais evidente e assignalado triumpho da soberania dos povos contra o poder absurdo e caduco da realza.

Atravez da agitação, ou do movimento grandioso de todos os povos cultos, vemos despontar para o norte da Europa a approximação dos seus potentados, ou esse pacto ou alliança dos tres imperantes contra a liberdade universal.

Mas é nossa opinião que hoje pouco ou nada podem taes projectos ou machinações; força alguma material, por mais poderosa que á primeira vista pareça, pôde abafar ou adormecer o espirito das modernas sociedades.

Teria sido por certo de mais utilidade para todas as testas coroadas, se, em lugar de organisarem exercitos numerosos, roubando assim á agricultura e ás industrias tantos braços uteis e dispenderem avultadissimas sommas com os instrumentos da destruição e da morte, tivessem reflectido e estudado os males que desde longos tempos affligem os povos á frente de cujos destinos se acham: assim teriam com certeza evitado tantas ruinas e tantos males.

As aspirações legitimas dos povos, nunca se suffocam, e quando, por momento, ellas parecem adormecidas, depois apparecem, revelando-se em toda a plenitude da sua grandeza e magestade.

economico de cada villa ou cidade. Alli se viu como muito bem diz E. Raymond no seu livro *Espanha e Portugal*, a quem seguimos, o exercicio d'um direito publico inteiramente novo e sem exemplo em toda a idade media; um justo organismo de garantias nacionaes, verdadeiras e imponentes. A acção e poderio das suas côrtes era vastissimo: dava força executiva ás leis, declarava a guerra, lançava os impostos.

Aquelles que se julgavam offendidos pelas suas decisões, dirigiam as suas petições, não como humildes servos, mas sim como cidadãos e homens livres e convencidos do poder e efficacia do poder representativo. O presidente da assembléa era tirado da classe dos cavalheiros e via-se o rei ir ajoelhar perante elle e ouvir da sua bocca: *nós que valem tanto como vos y que valem mas do que vos, os hacemos nuestro rey y senhor, con tanto que guardéis nuestros fueros y libertades, si no, no*.

Castella ficou a perder de vista do Aragoão neste ponto e tornou-se impotente

A historia da humanidade, e até a boa razão, nos está claramente dizendo que os povos nunca se rebellam contra os governos quando se acham felizes e bem administrados; e neste caso, os especuladores politicos, ou empreiteiros de revoluções são sempre recebidos pelos povos com ironia e desprezo; porém, taes sacerdotes ou apostolos da desordem realisam sempre seus repugnantes e abominaveis projectos, desde que os governos desconhecendo, ou querendo desconhecer, toda a magestade da sua tão importante como gloriosa missão, vão de encontro aos interesses legitimos dos povos atacando as suas franquias e as suas liberdades.

As facções monarchicas que até hoje têm disputado o dominio sobre este desgraçado Portugal, intropecendo a sua marcha progressiva e civilisadora, sem principios claros e diffinidos de politica geral, mas unica e exclusivamente representantes de interesses individuaes, e inculcando-se ousadamente interpretes da vontade nacional, têm sido não ha duvida por meio das mais falsas manobras os verdadeiros agentes da propaganda republicana. A semente da republica tem sido, pôde dizer-se, por elles lançada á terra, com a continuação de tantos erros e de tantos desvarios.

E na verdade, parece, depois de tão aturados e repetidos trabalhos, realisar-se o ideal d'esses homens que calculada ou erradamente se aleunharam liberaes.

(Continúa).

Mensagem dirigida pelo partido republicano do Rio de Janeiro a Castelar e resposta d'este:

Senhor D. Emilio Castelar:

«O partido republicano do Brazil, por meio dos abaixo assignados, sauda a Republica hespanhola na pessoa de um de seus mais gloriosos e admiraveis apostolos da democracia moderna.

Vimos com jubilo e orgulho o triumpho incruento da Republica na altiva e nobre Iberia, patria de altissimas personalidades, que devem servir de exemplo á humanidade sobre tudo á grande familia latina.

Estava destinado á generosa e valente nação hespanhola abrir um novo e fecundo precedente, consagrando a liberdade em todo o mundo civilisado.

Cá de longe d'este hemispherio, em que veio guarnecer-se o direito dos povos contra a oppressão do privilegio, enviamos ao povo hespanhol nossas cordeas e entusiasticas felicitações.

O Brazil espera ancioso que o progresso das nações civilisadas e livres irradie sobre as massas populares a luz, e que aos seus vivificantes raios acabem de espargir-se entre nós os grandes sentimentos de vossos patrioticos corações.

para defender as suas instituições politicas. Os reis unificaram-se bem cedo neste reino com a auctoridade e constituiram por sua vontade o *conselho supremo* de Castella, tribunal sujeito ao rei e que foi o primeiro passo para a unidade monarchica e para o despotismo moderno, depois que pela morte de Isabel e Fernando as redeas do governo das duas nacionalidades, que por uma especie de previsão contra os excessos da realza os dois povos quizeram que vissem separados na administração, vieram a cair debaixo da acção oppressora da fera manopla de Carlos Quinto.

Assim acabou este mundo da idade media hispanica, tão dividido e equiponderado em todas as suas forças, tão previdente em todas as suas leis, usos e costumes locais, mas que nada lhe valeram, porque acima da vontade dos povos nesta epoca dominava a força dos salafrios e couraceiros d'el-rei e o fogo das chammas inquisitorias.

(Continúa)

ALV ES MORAES.

morte do seu rei Martim no anno 1410, o qual não deixando successão, este pertenceu de direito ao infante de Castella, D. Fernando, neto de D. Pedro IV, rei de Aragoão.

A Navarra, as duas Sicilias, o Roussilhão e as ilhas Baleares reuniram-se ao Aragoão, em virtude de crimes de familia e de successões mais ou menos mediatas. D. Alfonso V succedeu a D. Fernando neto de D. Pedro; substituiu-se nos direitos de sua thia D. Joanna, rainha das duas Sicilias, elevou ao throno da Sicilia, seu filho, duque de Penafiel, já rei de Navarra pelo casamento com D. Branca, filha herdeira de Carlos III; casou em segundas nupcias com Joanna Henriques, mulher avara e cupida que, na ancia de ver os filhos do seu leito preferidos aos do primeiro matrimonio de seu marido, se desfez d'elles pelo veneno e pela tortura; seu filho Fernando o catholico, pode tomar posse pacificamente d'este modo de toda esta grande parte das Hespanhas.

Assim, depois do consorcio de Fernan-

do com Isabel, os catholicos, a Hespanha christã ficou formando os dois estados de Aragoão e Castella com administrações e justiça separadas, posto que debaixo d'uma só corôa e d'um só ceptro.

Cada um d'estes reinos tinha costumes locais e particulares que eram as suas leis, e era constituido d'um caracter differente.

O aragonez era altivo e distinguia-se pelo excessivo amor pela liberdade e pela egualdade; possuia em grande escala os sentimentos cavalheirosos da idade media. Este instincto levou-o bem breve a transformar os antigos concilios nacionaes, verdadeiros parlamentos dos nobres e dos clerigos, em assembléas populares, onde se achavam representadas todas as ordens do estado *clero, nobreza e povo*. Surgiram em seu seio essas communidades de trabalhadores, chamadas *irmandades* que tentaram nessa epoca regular já o governo da sociedade, não pela politica da força, das armas e das intrigas palacianas, mas sim pelas condições do trabalho e pelo estado

O nosso amigo e correligionario o doutor Ferro Cardozo vae por nós e em nosso nome com a missão de apertar a vossa destra em signal de apreço e fraternidade por parte de todos os republicanos brasileiros.

Rio de Janeiro, 16 de março de 1873.

Directorio do partido republicano: Joaquim Saldanha Marinho, José Maria do Amaral, Augusto Toanin.—Pela redacção da *Republica*: Francisco Cunha, G. Boscayvo, Pompilio de Albuquerque.—Pela presidencia do club federal: Augusto Cesar de Miranda Azevedo, André Lobo.»

Castelar respondeu á mensagem com esta carta:

«Madrid, 1 de junho de 1873.—Joaquim Saldanha Marinho, presidente do partido republicano federal no Brazil.

Recebi com viva satisfação a vossa mensagem, na qual felicitaes a nação hespanhola pelo novo passo dado no caminho do progresso.

Muito temos trabalhado para trazer a Republica, e muitissimo necessitamos trabalhar ainda para consolida-la.

As virtudes do povo hespanhol unidas com a sua moderação asseguram-nos de que a obra fundada com grande esforço se manterá com grande gloria.

As difficuldades são muitas, porém, não nos abandone a crenga em nossas idéas e a confiança no futuro. Anima-nos tambem a amizade que todos os povos cultos, que todos os homens de alma elevada como vós, nos mostram amizade que serve de compensação aos nossos grandes trabalhos e de consolo ás nossas intensas dôres.

Queira a providencia que nossos votos relativos á Hespanha se cumpram, e que os povos latinos de um e outro continente mostrem ser tão perfeitos cidadãos como foram heroicos soldados e audazes navegantes. Communicae estes sentimentos ás commissões que felicitaram o governo hespanhol e ajuntae-lhe o testemunho da minha profundissima amizade.»

Emilio Castelar.

## BIBLIOGRAPHIA

Devemos hoje ao obsequio do sr. Domingos Manuel Fernandes uma *biographia politico-litteraria* do visconde de Almeida Garrett.

Espinhoso é o trabalho e dura a tarefa. Já por vezes tentada, nunca se conseguiu o almejado effeito. Veiu o sr. Domingos Manuel Fernandes emprender o que nem Rebello da Silva, nem Gomes d'Amorim, nem Alexandre Herculano, tiveram a coragem de fazer.

Defeitos graves tem o seu livro, diga-se com franqueza. A linguagem é por vezes desigual e o andamento da biographia cede frequentemente a logares escusados e inuteis.

Mas o que convém saber é que o sr. Fernandes esteve só em campo, com o auxilio da sua boa vontade e da sua tenacidade.—Levado isso em conta ficam, até certo ponto, desculpados os muitos erros do seu livro, acerca dos quaes volveremos a fallar mais de espaço.

MAGALHÃES LIMA.

## Noticias de Evora

Informam-nos de Evora que na estada de sua magestade o sr. D. Fernando e sua feliz esposa, naquella cidade, se passaram scenas dignas de narrarem-se.

Eil-as que seguem:

A condessa de Edla esteve hospedada e seu esposo em casa do sr. visconde de Guedes, com toda a magestade. O pobre bonacheirão de D. Fernando era um humilde servo da vontade de sua esposa.

A sr.<sup>a</sup> condessa viu-se elevada, na antiquissima Evora, á magestade da realza

e respirava bem naquelle meio, todo cercado de luxo e das ceremonias da corte. Ahí era ella rainha. Resuscitou as pragmaticas antigas; fez reunir os cortezãos, pol-os em fila, lançou-lhe falla; elles curvaram-se reverentes perante aquella voz metiflua, sagrada, doce, sonora e theatral, e por fim houve o leitor, não côres, não psmes, não titubies, não balbucies, não tremas, que ainda podes ter alguma filha que faça o mesmo, porque a heretriedade monarchica vai passando de moda, houve o classico, o nepotico, o absurdo, o impossivel, o servil, o versalheano e chinez *beija mão*. Sr.<sup>a</sup> condessa de Edla, v. ex.<sup>a</sup> já não anda em dia com os livros das pragmaticas modernas. Estamos na epoca da liberdade; sr.<sup>a</sup> condessa de Edla; agora já se não beja a mão, como nos tempos antigos em signal de respeito e humildade, agora beja-se a face. E devia ter dado a bejar a face, a face, a face sr.<sup>a</sup> condessa. Hoje os códigos do bom tom são substituidos pelo código dos amantes; é necessario amar os nossos subditos para que elles nos amem a nós, a nós, sr.<sup>a</sup> condessa, que estamos na epoca da liberdade e podemos dizer aos reis e ás rainhas: não queremos beijar-vos mais; podeis-vos retirar.

Para isto os reis devem ser humildes, ou pelo menos eguaes aos subditos, e quando se troquem entre elles beijos devem ser reciprocos.

O beijo é o symbolo do amor entre todos os animaes; beijam-se as aves, os cordeirinhos, os leões, os tygres e as pantheras; todos os viventes juntam os labios, defrontam os peitos, confundem as respirações, entrelaçam-se e apertam-se profundamente, arrastados pelo fluido magnetico da criação e desinvolvimento da especie.

Ora o beijo dado pelo subdito ao rei ou á rainha é tambem o symbolo d'este amor que existe entre o povo portuguez e a familia real, de que v. ex.<sup>a</sup> é digno membro. Porque razão este beijo se não ha de dar como os demais? porque razão os reis não hão de beijar-se como os demais seres da criação? qual o privilegio ou a philosophia d'esta distincção? ou nós nos enganamos muito ou este beijo não diz nada do que significa, porque nos parece uma praxe contra a natureza. Acha-mos justo que se beijem os principes e as princezas, principalmente as princezas, mas que se beijem como a outra gente. Não ha motivo para distincção, e onde o rei não distingue, não devemos nós distinguir.

Propomos por tanto á real camara do paço que substitua o obseculo beja mão pelo beijo mutibocal, isto é, o beijo classico nos labios; ficar-se-há assim sabendo melhor quem tem mais affeição por suas magestades, e bem assim as pessoas que ellas mais amam, porque os labios são o melhor thermometro do amor.

Que importa que o paço se torne numa corte de faunos? Jupiter, e mais era um deus, não presidia a scenas d'esta natureza? a cada um o que merece segundo a theoria são simoniana.

Queriamos já pôr ponto neste logar, mas a carta que temos á vista ainda mol-o não consente; vamos dar aos nossos leitores mais informações sobre a estada de suas magestades em Evora.

Diz a carta que conservamos aberta, que a sr.<sup>a</sup> Edla mandava alli como senhora absoluta e o sr. D. Fernando não passava d'um manequim e um docil instrumento da vontade de Edla. *Tout honneur a tout le seigneur*.

As ultimas informações que nos dão d'aquella terra a respeito dos reaes mandriões é que a sr.<sup>a</sup> condessa mostrou desejos de arranjar uma certa porção de manjar branco para sua magestade o sr. D. Luiz, e para este fim se dirigiu ao sr. Philippe Soure. Antes d'isto já tinha perguntado a este mesmo senhor se não seria facil comprar alli uma casa boa e barata, ao que este cavalheiro respondeu que

boa e barata era difficil de encontrar, e as mesmas duvidas oppoz em quanto ao manjar branco, porque lhe parecia que não era facil encontrar-o naquella terra. A sr.<sup>a</sup> condessa de Edla calou-se; e no momento de partir disse para o sr. Soure: adeus, sr. Philippe Soure, apezar das suas continuadas difficuldades cá vai o manjar branco.

Não sabemos o que respondeu este cavalheiro, mas estando no mesmo caso nós responderiamos:

E a casa barata e bonita por pouco dinheiro, encontrou-a minha senhora?

A. M.

## Noticias de Aveiro

No theatro dos Artistas Aveirenses teve logar no domingo, 8 do corrente, uma recita, dada por alguns academicos d'essa cidade. Entre elles vieram os nossos amigos José Trigueiros e Felgueiras (Raymundo). Leveram á scena o drama de Cesar de Lacerda: *Cynismo, Scepticismo e Crenga*, e as duas comedias: *Dois candidatos* e *Para as Eleições*. Distinguiu-se principalmente o sr. José Trigueiros que mostrou decidida vocação para o theatro. E de erer é que elle continue cultivando a arte para gloria de todos nós academicos. Tambem tomou parte no espectáculo, e muito bem, a nosso ver, o quintanista de direito Joaquim de Mello Freitas.

—Acha-se entre nós o nosso honrado amigo e correspondente de Lisboa, Silva Pinto.

—Brevemente deve ter logar um bazar no Jardim de Santo Antonio, a favor dos artistas d'esta cidade.

—José Trigueiros, o heroe da scena de domingo, retira hoje 9 para Coimbra. Abracem-no ahí que bem o merece.

—Falleceu esta madrugada a esposa do sr. João José dos Santos Machado.

Com o nosso communicado, que a benevola redacção da *Republica* inseriu no seu ultimo numero, o padre \*\*\* a quem elle se referia, tornou-se de uma ferocidade, que difficilmente se explica. Serviu-lhe a *carapuça*; e o homem não sabe o modo, mais airoso, de descalçar tão terrível bota. Depois de ler as nossas palavras ficou como possesso, e fazendo uma gritaria infernal, ora ameaçava os que tem em casa de os expulsar por andarem a referir o que se passava, ora com imprecações e aleivosias amaldiçoava a penna, que tinha posto a descoberto os seus mais reconditos arcanos. Andava de um para outro lado, sem saber o que fizesse. Nesta conjectura resolveu ir ao seminario, para ahí desabafar com seus amigos e collegas: mas, ó infelicidade, que parece que o persegue por toda a parte!! um seminarista pediu-lhe as *pesetas*, e elle que esperava encontrar alli todos os braços abertos para o receberem, bramava e annuciava centos de artigos que ia enviar aos jornaes catholicos, censurando fortemente as auctoridades d'aquella casa, que consentiam que assim fosse insultado um cidadão, um aristocrata e um padre!! Supponho, porém, que as iras de tão importante senhor estão felizmente applicadas, e só respira vingança contra quem escreve estas linhas.

Padre, porque querias por mais algum tempo encobrir-te com a tua capa de hypocrisia!

Mettes-me dó, meu jesuita, ao ver-te assim cair a mascara, que te escondia o verdadeiro e depravado character, ficando exposto ás vistas desfavoraveis, que agora o publico lança sobre a tua *moralissima* pessoa!...

Fallei nos teus amores; violentei o meu coração e fui obrigado talvez a ir de encontro á moral publica. Mas que queres? Receava que fosses enganar os outros, como me tinhas enganado a mim. Um facto, porém, é bastante; posto que te podesse apresentar milhares d'elles; não o quero fazer.

Bem sei que muito te têm desagradado as minhas palavras, e advinho que terás feito mil projectos de vingança, escripto duzias de artigos para a *Nação*, *Correio da Tarde* e varios outros jornaes d'essa laia, rasgando-os uns após outros, sem jámais achares expressões que castiguem dignamente o *insolente que te calunnia*. Tem paciencia, carissimo padre; não tardará Miguel II, e então a tua vara de inquisidor designará as victimas da tua vingança!! Não se acabou ainda a cal para enparedal-as e cevar o odio que hoje te incommoda!!

Deixemos, porém, estas divagações e passemos ao que importa

Consta-me haveres dito que teu primo, saindo de tua casa, levava consigo certa porção de dinheiro, que te pertencia e com o qual se podia sustentar sem que, os que caridosamente o receberam, fizessem a minima despeza!!!... E' possivel que a tua vileza te leve a ser calumniador d'esta ordem?!! Como te atreves a pôr semelhante stygma na fronte de um teu parente?!! Como provarás o que affirmas e como justificarás perante o publico as calumniosas palavras?!! Não te lembras já, meu infame jesuita, que teu primo saiu, para vergonha tua, indignamente vestido e sem sequer em todos os farrapos, que lhe deixaste levar, ter um bolso em que mettesse o dinheiro, de cujo furto o accusas?

Pensando, porém, o caso, não admira que faça isto quem abre a correspondencia dos estudantes que tem em casa!! Refiro-me áquella carta ou cartas que abriste a um estudante, que ainda conservas em tua companhia, e cujo nome julgo inutil publicar.

Não sabes, padre, que isso é um crime, que o teu subordinado te podia fazer pagar caro e que o proprio D. Miguel castigava com rigor?!!

Julgavas que estas coisas ficariam ignoradas, e que as tuas *fraquezas* escapariam ás minhas pesquisas? Como te vingarás, de quem tão bem como tu, conhece as infames acções que praticas? Acaso esperas ainda as tuas saudosas *pe..pe..se..se..tas..tas..* e fundando o teu jornal miguelista, lançarás nelle todos os dias tremenda ver-rina, contra quem te falla? ou acercarte-has do teu ferro, para te tornares um Santa Cruz? Pobre louco, que não sabes como te has de sair da alhada em que te metteste!!

Adeus, causas-me dó e não tenho já tempo que gaste com quem demonstrou claramente ser incorrigivel.

LISBOA, 11 DE JUNHO DE 1873

(Do nosso correspondente)

Na ausencia do seu correspondente d'esta cidade tomo sobre mim o encargo de dizer-lhes alguma cousa que pareça digna de menção especial. Afigura-se-me difficil o fazel-o por causa da escassez de novidades.

—Os homens *publicos* da Parvonia vivem em santa confraternidade, embora aos incautos se afigure por vezes o contrario. Elles conhecem praticamente as vantagens da santa harmonia caseira para que robustecem com discórdias intimas os esforços dos obreiros isolados.

Nos homens do campo contrario nem sempre succede o mesmo. O campo devêra ser vedado a quem não possui, sequer, atestado de senso-commum. Não succede assim, de modo que pullulam as varejas importunas e não ha enxotal-as com bom exito.

Deixar lá esses pobres que não são de arraial definido e que vão para onde encontram boa fé a illudir! São fructos bichosos que por si caem...

—O *Jornal da Noite* prosegue na sua propaganda monarchica. Confesso que se fosse propaganda republicana a do digno redactor do *Jornal da Noite* duvidaria do

mim mesmo, da causa porque lucto e de um futuro de melhores dias.

Faça-se justiça! A monarchia tem defensores dignos d'ella. Um homem como o publicista notivago, a quem alludo, derriba uma instituição... defendendo-a.

—O Inquerito ao Correio Geral ainda não surgiu. A' similhaça do seu correspondente effectivo, irei registrando este escandalo monumental. Tracta-se das nossas bolsas ameaçadas e da moralidade offendida. Venha o inquerito!

—A *Revolução de Setembro*, folha regeneradora (sic), que conta na sua redacção um *petit-crève* pateta, e um grizalho grammaticação palerma, isto afora varias aberrações curiosas, *tambem* agora aggride a republica! Chama aos republicanos—*partidarios do systema não dispendioso*.

E' um louvar a Deus! De dia para dia resolve-se affirmativamente o problema de fallarem os irracionais. Resurge a burra de Balaão.

—Continuam a existir em santa paz e perfeita camaradagem o *Diario de Noticias*, o *ILLUSTRADO* e o *Jornal da Noite*.

O segundo d'estes symbolos deu-se agora a forjar noticias falsas, transformando-as em romances quando desmascarado. Onde chegará esta gente?

—Espera-se brevemente a publicação da *Vida de Camões* de Theophilo Braga e dos trabalhos de Adolpho Coelho e Joaquim de Vasconcellos a proposito das pasquinadas de Gomes Monteiro, Camillos e quejandos. Valha-nos isto!

—Nada de novo, digno de menção.  
F.

## NOTICIARIO

Recebemos um energico protesto do sr. Polycarpo da Silva Lisboa a proposito da prohibição feita pelo commissario geral da policia á recitação da poesia do talentoso poeta Junqueiro «á Hespanha Livre» no theatro do Gymnasio. Termina por estas palavras de uma justa indignação:

«Mas, fartaes-vos, insaciaveis sugadores do suor do povo, que se aproxima a hora tremenda das contas finais, e então, este povo inspirado dos sagrados principios da liberdade, despertará, e levantando a fronte ha tanto tempo curvada pelo despotismo das velhas e corruptas monarchias, terrivel e resolutivo pulsará todos os vendilhões do templo!!!»

O sr. Laranjo publicou finalmente a carta, no *Tribuna Popular*, a que nos referimos no n.º 5 d'este semanario. Como o publico já a deve ter lido, nós nos referimos em tudo e por tudo a ella. O publico que julgue pois.

Nós bem queriamos pôr de parte nesta questão todo o incidente mais ou menos incompativel com a dignidade de uma these scientifica, nós bem desejaramos entrar desde já na essencia do debate, mas, como hoje o espaço nos fallece para tanto e nós queremos responder d'uma só vez ao sr. Laranjo, deixamos este trabalho para o numero seguinte, mas isto sem nos cohibirmos, já se vê, de, ainda assim, apresentarmos aos nossos leitores aquelles periodos da sua carta que mais nos impressionaram.

Somos extremamente sensiveis e não podemos deixar de admirar aquelle pedaço de poesia lyrica em que o sr. Laranjo parece primar. Eil-o: «*corriam-lhe os ventos tão favonios!*» expendia-se-lhe a alma em jubilos tão intimos que é um remorso o ter-lhe convertido os sorrisos do encomio nas rugas de quem dá uma lição!!! Cá registamos sr. Laranjo, aquelle *encomio* do noticiario; isto é que é fardo para conhecer onde está o elogio. Ah! *Farpas, Farpas!*

A par d'este periodo não nos sensibilizou menos aquelle tom de musica porque

começam quasi todos os periodos: Ouça, ouça, ouça. Isto é bello, isto é grandioso, digno de figurar num tratado do sublime e do bello.

Por fim conclue:

«Se a historia e a logica não dizem isto ao noticiario, é que fazem como a musa do conto de Garret, que, para não fallar a certa gente emprestava o seu fato á sua moça da cosinha.»

Agora comprehendemos nós porque o sr. Laranjo na carta que nos dirige não faz senão citar-nos nomes e trechos de auctores; é que pediu emprestada a roupa litteraria com que se nos apresentou.

Quadrou-lhe o exemplo e quiz applicar-nol-o; foi extrema modestia.

Bem nos queria parecer a nós que, quem nos fallava, não era o sr. Laranjo!...

Em fim, o sr. Laranjo parece que tem olhos especiaes, olhos muito grandes, e talvez que nós estejamos enganados.

Desculpem-nos trazer a questão para este campo que nos repugna, mas o sr. Laranjo assim o quiz.

Dito isto, reservamo-nos para responder no numero seguinte ácerca do debate. Creio que se apresentam tres pontos, posto que, mais ou menos ligados na carta do sr. Frederico Laranjo. 1.º a philosophia d'uma epoca converte-se em religião na epoca seguinte; 2.º as religiões não são reveladas por Deus, mas um resultado do espirito humano, a conversão das idéas d'alguns no sentimento de muitos; 3.º a historia umas vezes diz, que se tem feito progressos na ordem social lutando a favor das religiões, outras lutando contra, quando ellas são um elemento de progresso e andamento ou se tornam em retrocesso. Responderemos a cada um d'elles.

Conta o *Jornal de Vizeu* que succedera perto d'aquella cidade uma terrivel catastrophe. A sr.ª D. Ediolinda Esmenia de Alcantara Castello Branco e Froes desaparecera de sua casa; procurou-se por toda a parte e não se encontrava. Por fim uma mulhersinha diz que no dia em que desaparecera ouvira na casa de S. Caetano junto a Ranhados uns lamentos e por fim esta phrase «o futuro é um tumulto, o dia de amanhã um adeus ao mundo.»

Abriu-se aquella casa e encontrou-se um quarto fechado por dentro; arrombou-se, e dentro encontrou-se a sobredita menina asphixiada sobre um brazeiro e perto d'ella um moço esbelto, enforcado. Esta menina pertencia á alta sociedade de Vizeu, era formosa e gosava da sympathia de toda a gente que a conhecia.

O cavalheiro, disfigurado por causa do acido carbonico ainda se não sabe quem é! Estava de luva branca, gravata branca e casaca. Em cima d'uma das mezas encontrou-se um papel escripto que dizia «leito nupcial de dois infelizes» e por baixo estas palavras: «a vida é isto.»

Esta noticia vinha hontem desmentida: é similhante á do Pinhal d'Azambuja. Isto é um desaforo e uma indignidade, é uma especulação immunda. Quem não tem saber, nem talento, nem por outro meio pode chamar leitores, mente á consciencia publica. Não chamaremos d'aqui em diante á imprensa a grande luz da verdade, mas sim o instrumento de *peteiros* e indignos burguezes, especuladores.

Recebemos e agradecemos um romance que com o titulo de—*Os Republicanos* acaba de publicar-se no Porto. Por falta de tempo ainda não podemos fazer a leitura d'elle. Brevemente emittiremos a nossa opinião a respeito do livro.

Recebemos e agradecemos o n.º 6 do *Panorama Photographico de Portugal*, d'este anno.

Esta publicação assignala-se principalmente pela nitidez da impressão. Traz uma photographia primorosa, represen-

tando o *Chalet* modernamente construido no parque do palacio real da Penha em Cintra. A descripção d'esto esbelto monumento artistico é devida á penna elegante e apurada do sr. Vilhena Barbosa subejamente conhecido em assumptos de arte archeologia e corographia antiga e moderna. Temos lido bons trabalhos d'este escriptor que não temos a honra de conhecer, em folhetins no *Commercio do Porto*. Para os nossos leitores poderem julgar da veracidade da nossa asserção para aqui trasladamos alguns periodos d'esta descripção, que mostrarão bem a elegancia da phrase e o apurado estylo do sr. Vilhena Barbosa.

«O mesmo condão, que de um mosteiro pequeno e de fabrica singela fez um paço real esplendido e riquissimo d'arte, assim tambem transformou a antiga cerca monastica, pouco extensa e mais agreste que cultivada, em um parque muito vasto e formosissimo, onde a natureza e o artificio, auxiliando-se mutuamente, crearam muitos e variados quadros de belleza e de admiraveis contrastes.»

«Romperam-se através das rochas largos caminhos macadamizados, que descem dos mais altos pinaculos até aos valles, cruzando-se em todas as direcções por muitos kilometros de extensão, e correndo sempre orlados de arvores, arbustos e plantas rasteiras, de folhagem graciosa e variegada, que se cobre continuamente de lindas flores. Cavaram-se nos valles grandes lagos, o maior dos quaes tem de comprimento 540 palmos e 120 de largura, todos debruados de esbeltas plantas aquaticas, que se abraçam ás fragas musgosas, que se espelham nas aguas, fazendo-lhes parede. Povoaram-se as encostas de densas florestas de variadissimas arvores, oriundas de quasi todas as regiões do globo. Nos serros mais alcantilados, e por entre os penhascos mais inhospitos plantaram-se arbustos, e disposeram-se plantas trepadeiras, que ora fazem toucas de esplendido matiz áquellas penhas ponteadas, ora d'ellas se debruçam e se balançam em vistosas grinaldas e festões. A mão do homem e o poder da natureza estenderam por toda a superficie do parque, exceptuadas as ruas, tapetes de verdura perennemente viçosos, onde a primavera não tem mais que entresachar flores. Nos sitios mais apraziveis, ou de vistas mais encantadoras levantaram-se, para descanso e recreio, diversas construcções, typos de differente architectura, qual d'ellas mais engraçada e gentil.»

«O *chalet* está assentado no valle, em meio de jardins, e é construido inteiramente de madeira e cortiça, no gosto de architectura usada na Suissa.»

«Apesar de estar edificado em logar baixo, é muito aprazivel e desafrontada a sua situação, desfructando-se d'alli perspectivas risonhas e pittorescas, d'entre as quaes sobresae o majestoso panorama do paço real, erguido com tanto garbo e gentileza sobre elevadissimo throno de rochas e de verdura.»

Esta descripção que não podemos publicar na integra por nos faltar espaço não deixa nada a desejar. Muita gente acha estas coisas futeis, mas a nós quer-nos parecer que é util o trabalho em todos os ramos da actividade humana.

Os demais artigos do *Panorama* são firmados por escriptores já conhecidos, taes como o sr. Seabra d'Albuquerque e o sr. Silva Rocha.

Dizem-nos de Mirandella que no dia 3 do corrente se evadiram os presos da cadeia d'aquella villa, por causa do juiz e delegado se terem ausentado da comarca, o que fizeram sem as devidas licenças. Se isto é exacto, julgamos o acto digno de reparo.

Orense foi nomeado presidente definitivo das côrtes constituintes.

Visitou a nossa redacção o jornal hespanhol *La Villa de Gracia*. Agradecemos ao illustrado collega a troca que espontaneamente nos offereceu.

Diz o *Diario da Tarde* que o grande historiador Michelet, já completamente restabelecido, irá acabar na Suissa a *historia do seculo XIX*.

Vai publicar-se um novo jornal socialista em Barcelona; intitula-se a *Justiça do Povo*.

Os cabecilhas carlistas Vallés, Cucala, Quico y Boré estiveram em numero de 800 em Olena. Immediatamente saiu em sua perseguição de Igualada o batalhão de Navarra, porém os carlistas mal os avistaram lançaram-se em prompta fuga. Salteadores e covardes!...

Os socialistas allemães celebraram uma grande reunião em Francfort Sur Mein, e trataram grandes questões relativas ás associações que estão fundando por toda a parte, e protestaram contra a perseguição tyrannica do governo contra ellas e os mais livres pensadores.

As côrtes hespanholas definitivamente constituídas proclamaram a Republica Federal. Só teve dois votos contra.

Pi y Margall foi eleito presidente do conselho de ministros e auctorizado a constituir ministerio por 142 votos contra 58.

Diz-se que o ministerio hespanhol, composto de Pi y Margall, Dias Quintero, Palanca, Massissamana, J. Pedregal, Estavez, Sorni, Tutau e Oreira pedira a sua demissão, menos Pi y Margall, que ficou encarregado de o constituir de novo.

## ANNUNCIOS

### COMPANHIA REAL

DOS

### CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

### AVISO AO PUBLICO

Não é permittido aos conductores de omnibus, char-à-bancs, diligencias, etc., assim como aos agentes de hospedarias, ainda quando munidos de bilhetes de admisión nas *gares*, angariarem passageiros ou hospedes dentro das estações.

Outro sim é formalmente prohibido aos portadores de bilhetes de entrada nas estações, aproveitarem-se d'estes para venderem agua, fructas, doces ou qualquer outra cousa, no recinto das mesmas estações, a não ser que para isso tenham contractos especiaes com a Companhia.

Aos que transgredirem estas instrucções não só lhes será immediatamente cassado o bilhete, mas lavrado auto de noticia, em conformidade com o que dispõe o artigo 31.º e seus paragrafos, do decreto de 31 de dezembro de 1864 sendo os delinquentes entregues á auctoridade competente.

Lisboa, 9 de junho de 1873.

O Director da Companhia

M. Affonso d'Espergueira.

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra—Trimestre. . . . . 300 reis. semestre de 30 numeros. . . . . 600 reis.—Para ás Provincias—Trimestre. . . . . 360 reis, semestre. . . . . 720 reis.—Avalso no proprio dia 20 reis.—Annuncios 30 reis cada linha.—ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA. Assigna-se:—Em Coimbra, na rua da Sophia, n.º 59 e 61.—Em Lisboa, na Livraria Internacional, rua do Arsenal

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção da *Republica Portuguesa*, Coimbra—Couraça de Lisboa, 87.

# REPÚBLICA PORTUGUEZA

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE COIMBRA



ANNO DE 1873

FOLHA SEMANAL

N.º 8

## O MANIFESTO DA UNIÃO REPUBLICANA

Como os nossos leitores verão acabamos hoje de publicar na sua integra o manifesto da união republicana de Portugal ao paiz. Promettemos emittir sobre este documento a nossa opinião e é o que hoje vamos fazer.

Um manifesto é uma exposição de principios, o resumo d'uma doutrina elaborada no silencio dos gabinetes, sancionada pela consciencia e pela opinião de todos os que o firmam. Um manifesto é o credo d'um partido, a summa da sua doutrina, um evangelho se parte d'uma sociedade religiosa, um código politico se pertence e se dirige a uma sociedade civil, uma theoria esthetica se tem por fim implantar no paiz uma litteratura nova ou uma nova arte.

O manifesto que temos á vista e que os nossos leitores já leram pretende mudar a forma monarchica que nos rege pela nova forma republicana, posta em pratica ha pouco na Hespanha, ha trez annos em França, ha muitos seculos na Suissa e ha mais d'um nos Estados Unidos. Esta forma governativa é a unica que garante a liberdade do individuo em toda a sua extensão, porque só ella constitue uma verdadeira autonomia, um verdadeiro poder do estado pela simples razão que só ella supprime todos os homens eguaes e unicamente admite para os cargos e empregos da sociedade os que os ganham pela eleição ou pelo concurso.

Esta forma é a mais economica de todas as formas conhecidas, porque só ganha nella quem trabalha, o numero de empregados e o seu ordenado é muito menor, muitos dos seus funcionarios são gratuitos e remunerados sómente pela consideração civica.

Esta forma é a unica justa, porque só nella se encontram os cidadãos investidos com todos os poderes da soberania popular, ponto sobre que assentam hoje todos os publicistas modernos.

É a unica progressiva e por conseguinte em harmonia com a natureza hu-

mana, porque só ella se accomoda com todas as exigencias da epoca, passando-se successivamente nella conforme o estado de desinvolvimento e os usos e costumes, do unitarismo para o federalismo, ao passo que na monarchia se permanece num centralismo absoluto pela absorção de todos os poderes judicial, legislativo e executivo na pessoa do rei.

Ora o que affirma o manifesto que temos á vista? é republicano unitarista, ou é federal? que liberdades quer para a republica e que liberdades condemna na monarchia? Deseja que o presidente da republica seja eleito directamente pelo suffragio universal ou que seja uma simples delegação das camaras como succede em Hespanha? Quer a descentralisação completa, isto é, a autonomia da parochia no municipio, a autonomia do municipio na provincia, a autonomia da provincia na nação? ou deseja uma republica como a de Thiers onde o presidente é um pequeno rei sem tradições e unicamente com menos ordenado do que um monarcha?

Nada d'isto diz o manifesto e era necessario que o affirmasse, é um defeito que todos lhe notam. O governo republicano carece de principios claros e definidos e ao manifesto está todo o individuo no direito de lh'os exigir. É necessario ensinar o povo, e não é só com palavras que elle se póde pôr em estado de julgar da melhor forma de governo; principios e factos é o que se exige.

Fallamos com o coração nas mãos e tão francamente que não nos cohibimos a expôr a nossa opinião leal e desinteressada, mesmo sobre os nossos irmãos em principios; nisto nos distinguimos dos partidos monarchicos.

Havemos de ser sempre assim, e tudo o que dissermos ninguem nol-o tome como offensa, jactancia ou rivalidade.

Dizemol-o com custo: magoou-nos que, a par d'uma rigorosa exposição do estado da nossa sociedade, e da desmoralisação profunda que nella lavra, se não apontas-

se ao mesmo tempo o remedio eficaz como poderia ser melhor saneada, e unicamente se nos viesse a fallar dos empregos que no governo da republica não devem, segundo os manifestantes, ser dados aos monarchistas, mas sómente aos republicanos. Isto para nós é o menos. A republica e os verdadeiros republicanos importam-se pouco com os empregos, e para muitos dos quaes pedem até a suppressão.

Em geral o manifesto, devemos dizelo, mostra pouca clareza e determinação da idéa republicana, a qual elle affirma unicamente em these. Isto demonstra a necessidade que ha de entrar no estudo do organismo republicano e de o expormos aos nossos leitores: é o que faremos brevemente.

Possue todavia um grande merito: além de ser a voz d'um partido novo, pugna por uma causa justa, a causa da Democracia.

A. M.

## POLITICA INTERNACIONAL

Estamos em um tempo de injustiças sociaes, em um tempo de pouca critica e, sobre tudo, de muita má fé. Todos os dias a imprensa conservadora nos vem gritando que a Hespanha está perdida, que este formosissimo paiz abrilhantado pelos esplendores de um bello ceu, pelas tradições gloriosas de muitos heroes, de muitos poetas, e de muitos navegantes, se acha hoje inteiramente dominado pelo satanaz implacavel da desordem. A conclusão que tiram é a condemnação sem mais formalidades da idéa republicana.

Miseravel argumentação é esta. Como concebeis a reforma total de uma sociedade sem a alteração dos velhos elementos politicos, sociaes e religiosos? Como seria possivel a introdução da nova Republica na Hespanha, na terra da monarchia secular sem ao menos haver indicios de desordem?

Confessamos que nos enche de admira-

ção o espectáculo da Hespanha, o espectáculo de um povo operar uma reforma tão profunda e radical nos seus modos de ser sem acarretar maiores perturbações. Aos que nos contradizem pedimos-lhe que nos mostrem na historia, e especialmente na historia moderna da Europa, um exemplo de reforma tão pacifica e ao mesmo tempo tão radical.

Os abalos que tem produzido a joven Republica hespanhola, no momento solemne em que ella trata de organizar-se, são muito menores dos que em periodos normaes nos tem trazido a monarchia, graças ás questões dynasticas, questões de pessoas, que tantas attribuições causaram aos povos.

Ajuntando a isto que a fermentação e a agitação no vizinho reino são em grande parte devidas áquelles miseraveis carlistas mais nos convenceremos de que a Republica não é responsavel do que alli se está passando. As tempestades republicanas levantaram-se nas constituintes. Foram tempestades de principios.

E são os principios que salvam os povos, segundo o pensamento d'aquelle espirito sublime, chamado Mirabeau.

A reacção devia envergonhar-se de tocar em um ponto que é justamente a affirmação mais brilhante das excellencias da Democracia.

O espirito reformador continúa animando os homens que se acham á frente da Republica hespanhola. Foi notavel o discurso do presidente do poder executivo, o sr. Pi y Margall, homem de muita sciencia, especialmente economico-social, de muito talento e, sobre tudo, de muito senso politico. Neste discurso, que é além d'isso uma peça de eloquencia, condensou aquelle notavel estadista as necessidades reaes da sociedade hespanhola e indicou, ainda que succintamente, os remedios para aquelles males. Disse:

Que era necessario a unidade dos diferentes grupos republicanos. Os inimi-

## FOLHETIM

## HESPAÑA

### ESBOÇO HISTORICO-POLITICO

(Conclusão)

No numero antecedente vimos como a Hespanha, sendo occupada por successivas invasões de povos, desde os phenicios até aos sarracenos, durante um periodo de mais de mil annos e que se estende até ao seculo VIII da nossa era, esta raça depois de muitos annos de combate com os neogodos é expulsa para a Africa. Vimos constituirem-se as monarchias christãs de Castella, Navarra, Aragão e criarem em seu seio esses parlamentos da media idade que faziam e mandavam executar as leis; e por fim tudo isto desaparecer debaixo da acção oppressora da monarchia absoluta de Fernando e Isabel sob o nome de monarchia castelhana aragoneza.

Como se effectuou esta absorção quaes foram os attrictos que encontrou no seu

caminho o absolutismo para levar a cabo esta empreza do morticínio da liberdade, que obstaculos deparou da parte do povo das villas e cidades principaes, tal será o objecto do que se vae ler.

No seu caminhar incessante do norte para o sul a reacção neogothica, ao passo que ia subjeitando todas as populações e traçando a area da monarchia e a sua auctoridade, da mesma maneira o principio da individualidade e da liberdade, representado nas diferentes cidades do norte, por uma politica de concentração e de interesse, constituindo-se como centro permanente de reacção já contra a monarchia, já contra os sarracenos, e regendo-se unicamente pelas suas leis foraleiras, ia desligando-se do poder absoluto; de sorte que quando a tarefa da expulsão dos arabes para além do Estreito era concluida, com Fernando e Isabel, o municipalismo na peninsula attingiu nessa epoca o seu maior desenvolvimento.

Como já não havia sarracenos contra quem combater e d'onde se auferissem riquezas, porque a guerra foi sempre para

as monarchias uma industria, como as conquistas maritimas ainda não tinham sido inauguradas naquella nação, e como os reis precisassem de grandes sommas de dinheiro para alimentar o parasitismo e o luxo da corte, e as diferentes cidades hespanholas não quizessem concorrer com os seus haveres para taes despesas, e nem ao menos fizessem menção d'ellas nos seus orçamentos de receita e despeza, as monarchias dirigiram contra ellas as armas, quebraram-lhes os foros e privilegios, revisaram-lhes os seus codigos; e aquellas que não quizeram pagar um certo canon annual não poderiam usar d'elles. O que era até alli uma carta politica e um titulo possessorio tornou-se em seguida um contracto emphiteutico, contrahido sem consentimento das partes, isto é, um tributo forçado.

É bem de ver que as villas e cidades e mais terras que possuissem estas cartas se não subjeitariam de boa mente a esta nova ordem de coisas, a este despotismo infrene que suffocava toda a iniciativa individual e local e reduzia todo o orga-

nismo social a uma machina, onde cada uma das partes era arrastada fatalmente pela vontade do centro impulsor, que era o monarcha.

O espirito da conservação e da alliança é proprio da natureza humana e da sociedade em geral. A vida da humanidade é uma resistencia continua contra todos os obstaculos que a impedem de realizar o ideal para que aspira; luta e vence e nisto está a sua affirmação cada vez mais completa, o progresso e o seu desinvolvimento em todos os ramos da actividade. A associação é o meio porque consegue todos estes fins que constituem a sua felicidade, o seu bem estar, a sua gloria. A associação traduz-se nas relações consanguineas e immediatas da familia, nas das familias umas com outras, no colmado, na aldeia, no burgo murado, na villa e na cidade; nas relações de hegemonia ou de federação emfim d'estes povoados uns com outros.

Ora foi o espirito de conservação que na epoca de que nos occupamos fez levantar muitas cidades de Hespanha, taes

gos são muitos e de certo não deixarão perder qualquer occasião favoravel.

Que era necessario pôr termo á guerra civil, á guerra selvagem que uns poucos de fanaticos, ignorantes, e immoraes andam sustentando em nome de D. Carlos pelos montes da Hespanha.

Para isto propoz o restabelecimento da disciplina no exercito, castigando severamente qualquer insubordinação tanto dos soldados como dos officiaes, e introduzindo a Justiça nos accessos e recompensas. Lembrou tambem a necessidade de suspender as garantias individuaes, porque não se pode applicar á guerra as leis da paz.

Disse tambem que eram grandes os encargos financeiros da Republica, que não tinha recebido da monarchia outros legados além de uma divida enorme e de uma guerra civil.

Apresentou a separação da Igreja e do Estado como uma consequencia logica da Liberdade de cultos proclamada já na constituição de 1869.

Apontou o ensino gratuito e obrigatorio como um ponto fundamental que o partido republicano tinha defendido na opposição e hoje devia legalisar no poder.

Fallou nas possessões e mostrou a impossibilidade de se sustentarem sem gosar das reformas que o espirito moderno da Democracia trouxe á Hespanha.

Das reformas politicas passou a fallar das reformas sociaes e mostrou como as primeiras trazem sempre como consequencia as segundas. Combateu o systema das *grèves* que não servem senão para complicar mais o problema e substitui-o pelo systema de jurys mixtos, constituídos de operarios e fabricantes, para resolverem todas as questões relativas ás condições do trabalho.

Atacou o modo barbaro de atrofiar as creanças, levando-as para as fabricas antes da idade e impedindo assim o seu desinvolvimento intellectual. Disse que se dietariam condições para evitar isto.

Propoz em beneficio dos operarios uma nova forma de transmissão dos bens nacionaes, substituindo a forma onerosa de venda, pela forma de censo.

Este discurso foi muito applaudido, especialmente no ponto em que se referiu ás reformas sociaes.

A cordura, moderação e elevação de idéas que apresenta são uma garantia solida de que a nova Republica, a despeito das malevolencias de uma certa opinião publica, ha de triumphar necessariamente. O povo hespanhol quere-a; ninguem conseguirá arrebatá-la.

Tambem os jornaes chegados de Hespanha nos annunciam a reunião do dia 13 da maioria da camara sob a presidencia

como Toledo, Zamora, Avila e Saragoça contra os reis e o seu poder absoluto e centralizador.

Fez-se em Hespanha um movimento semelhante ao do levantamento das comunas no seculo XIII e XIV em França. João Padilha e João Bravo foram os Marcel, os Toussac, Guilherme Cale, que já em Toledo, já em Avila e Zamora pugnavam pela egualdade social e administrativa, pela extensão dos direitos politicos a igual dos direitos civis, e pelo principio da auctoridade publica, transferido da cabeça do rei, para o seio da nação. Tanto Padilha, como Marcel, o chefe da insurreição communa! da meia idade, ambos sonham com a idéa e auxilio mutuo da parte das villas e cidades principaes, e antevêm a forma de o realizar, á maneira d'aquellas republicas gregas que infinitamente devididas em quanto ao governo interno da cidade, formavam uma unidade compacta quando se tratava da defesa commum.

Etienne Marcel escreve e pede auxilio ás *communas* de Flandres, expõe os meios

do sr. Palanca e as reformas que ali se decidiram. São:

1.º Immediata organização da Republica-democratica-federal por meio de uma constituição que consagre e reconheça os direitos individuaes da personalidade humana, e a autonomia dos organismos politicos que vivem dentro do Estado nacional bem relacionados entre si como estados de direito.

2.º Restabelecimento do principio da auctoridade sem offender os direitos individuaes.

3.º Adopção de todas as medidas que sejam possiveis dentro da lei para acabar com a insurreição carlista ou com outra qualquer.

4.º Prompto restabelecimento da disciplina do exercito nacional.

5.º Abolição immediata da escravatura em Cuba.

6.º Integridade do territorio.

7.º Separação da Igreja e do Estado.

8.º Concessão ao governo dos recursos necessarios para a divida do thesouro.

9.º Regulamentação da divida publica.

10.º Nivelção dos orçamentos.

11.º Reformas legislativas que tendam ao melhoramento das classes trabalhadoras e deem condições ao obreiro para que se desinvolva na plenitude do seu ser.

Estas reformas da maioria são tambem as do governo. A' frente d'esta maioria está o sr. Castelar, correligionario politico e amigo particular de Pi.

O ministerio formado de Pi y Margall presidente de ministros e da governação; Estevanez, guerra; Muro, estado; Fernando Gonzalez, graça e justiça; Ladico, fazenda; Sorni, ultramar; Aurich, marinha; Benot, fomento é um ministerio de conciliação, onde estão representadas as duas grandes fracções da camara. Ficaram, portanto, illudidas as esperanças dos que esperavam a guerra civil entre os republicanos.

Esta unidade veio pôr em mais apuros os carlistas, muito especialmente depois do discurso de Pi, das resoluções da maioria e da allocação violenta do ministro da guerra ao exercito.

As ultimas noticias dão como certo que Dorregaray passara uma circular a todos os chefes de columna, ordenando-lhes que seja passado pelas armas o cura S. Cruz, onde quer que se encontre por haver proclamado a republica, mesmo com o adjectivo de catholica. O cura deu aos seus a mesma ordem a respeito de Dorregaray. E assim vae indo a causa carlista em decadencia apezar das continuadas escaramuças com as tropas republicanas de que nos fallam os jornaes da reacção.

Se o carlismo dispõe de muita força, se tem fortes elementos de acção, por que não tem progredido no momento de mais

e o fim da revolução, que era democratizar a França; João Padilha, o chefe da insurreição municipal hespanhola, esforça-se por levantar e fazer aderir a este movimento todas as cidades do centro da Hespanha. Das taboas do cadafalso dirige uma carta a Toledo: «A ti, corôa de Hespanha e luz do mundo; a ti, que foste livre desde o tempo dos godos e que derramaste o teu sangue para assegurar a tua liberdade e a das cidades tuas vizinhas, teu filho legitimo te manda dizer pelo sangue de seu corpo, que se vão renovar as tuas antigas victorias!»

Por que estas victorias de que falla João de Padilha não vieram tão breve como previa este martyr da liberdade?

Porque, pelo contrario apoz elle o seguiram os seus companheiros de armas ao cadafalso, ao potro da inquisição e ás suas horriveis fogueiras?

Ainda aqui a analogia da revolução municipal e cumunaleira entre os dois povos é identica e perfeita. Marcel, secundado a principio pela burguezia e por uma parte da nobreza e clero, descontente com o

agitacão e de mais perigo para a Republica, no momento da insubordinação das tropas de Velarde, da queda do ministerio Pi y Tutan, da retirada de Novillas? Pois se realmente não ha progresso mas sim decadencia; o que não acontecerá occultamente no espirito dos proprios partidarios de um homem que anda ocioso pelas romarias dando-se a espectáculo com a joven Blanca, que tão cedo abandonou o caminho da honra?

Continue a reacção embalando-se no fragil barco de suas illusões, que nós cedo teremos o prazer de lhe cantar uma nenia.

Na França, a circular do ministro dos negocios estrangeiros, o sr. de Broglie, é o facto mais importante dos ultimos dias. Este documento nem satisfiz o partido avançado, o partido republicano, nem tambem o partido reacionario, o partido da legitimidade, que esperava ver uma politica mais acentuadamente favoravel á restauração do poder temporal do papa.

Loucos! Quem se lembraria hoje de semelhante restauração, especialmente em França? A isto chama-se verdadeiramente desatino politico.

Os bonapartistas tambem não andam satisfeitos. A conclusão de tudo isto é facil. O governo cairá brevemente por que não tem politica definida, principios assentes.

## PADRES E REIS

E' certo que a politica tem as suas evoluções necessarias e constantes, como a sciencia o seu accesso gradual no campo vastissimo dos descobrimentos e da investigação.

O que hontem fôra considerado inconcebivel, é hoje uma realidade aos olhos da philosophia positiva.

Assim poderão parecer utopias muitas das idéas revolucionarias, que trazem agitas as sociedades modernas.

Serão verdades algum dia.

Pela leitura aturada da historia fortalecem-se as convicções dos que crêm no aperfeiçoamento do espirito humano, atravez da lucta gigante, de todos os tempos, entre o passado e o porvir.

Não é possivel disfarçar, que estamos assistindo actualmente a uma d'essas grandes lutas.

De um lado, a força instinctiva do progresso, pretendendo elevar o nivel moral do homem pela conquista dos direitos de Liberdade e Egualdade — anciando por transformar em bem commum tudo o que seja privilegio e bem de poucos — tentando, emfim, resolver uma serie de problemas politicos e sociaes, cujas relações es-

rei por causa dos desastres que occasionara a França, pela victoria de Poitiers, foi abandonado por todos, logo que se viu que desejava descarregar golpes profundos nos abusos e privilegios da igreja e da nobreza e sobre tudo alliviar os campos dos immensos vexames que soffriam da parte do fisco lançando uma parte do imposto sobre as industrias manufactureiras e o commercio. Em Hespanha o movimento e a sublevação foi tambem geral e espontanea contra o imperador, que governando d'um canto de Allemanha, opprimia a todos indistinctamente; mas a clerezia e a nobreza, estes dois judas que compromettem todas as causas, desde que viram que a revolução communista lhe cassava os direitos e privilegios que usufruam em quanto as isenções de imposto e que os obrigava a pagar como os demais, abandonaram as cidades e foram pôr-se do lado do imperador; o povo hespanhol que não era adestrado nas armas e nem as suas cidades eram sufficientemente muralhadas teve de succumbir. Mas das suas cinzas resurgirá a Hespanha moderna a Hespanha de hoje.

tão ligadas, não com uma certa sociedade, mas com a Humanidade.

O espirito revolucionario manifesta-se aqui em toda a sua força.

E' o espirito da actualidade: prepara o caminho do futuro.

Do outro lado, apresenta-se-nos o passado com a recordação das suas tradições e a imposição das suas velharias. Quer a realza do direito hereditario, quando não presume expressar a do direito divino. Os povos continuarão a ser vassallos; jámais pensarão nos direitos de homens livres. Será lei a vontade do monarcha, ou, quando muito, a vontade dos seus ministros. Subsistirá o privilegio para os grandes, e a oppressão para os pequenos. Em religião cada um terá a liberdade de obedecer ao Papa e receber o catholicismo como ideal das creanças intimas. Os problemas sociaes permanecerão completamente descurados. Activar-se-á a perseguição aos propugnadores de quaesquer doutrinas, que tenham por lábaro o progresso. Emfim, em politica e religião dominará o «crê ou morre» mais ou menos bem disfarçado, segundo as circunstancias da occasião. Em tudo, e por tudo reinará o espirito do passado!

Chegámos a um dos periodos em que empenham os seus esforços para attingir um fim decisivo estas duas oppostas escolas. Uma chama-se democracia, caracteristico bem notavel do progresso da humanidade. A outra é a reacção, e symbolisa o passado, o espirito conservador, o estacionamento das sociedades.

O movimento revolucionario da idéa democratica tem feito cahir já alguns thronos. Outros estão periclitantes. D'ahi, a necessidade dos monarchas confundirem a sua causa com a causa da Igreja Romana, eterna escravizadora das consciencias. D'ahi, o apoio dos padres, os quaes, por meio do confissionario e do pulpito, exacerbam as más paixões, quando não trocam o baculo pelo arcabuz e vão para as montanhas assassinar os seus irmãos!

Todavia parece, que não deve incomodar aos democratas a alliança entre os reis e os padres, formando o partido reacionario, que tanto tem dado que fazer á moderna republica hespanhola, que começou a embaraçar a politica republicana de França, e cuja ramificação em outros paises, incluindo o nosso, tenta impedir o triumpho logico da Democracia.

Medita-se um pouco. Contra o veneno do jesuitismo, sabemos que ha um antidoto vigoroso chamado «Liberdade» que cada vez se incute mais no animo de todos os povos, e cujas manifestações formam as paginas eloquentes da philosophia da historia.

Os padres servem-se do confissionario e do pulpito para fins meramente especu-

Á inquisição e á igreja que a perseguiram durante tantos seculos, obrigando dois milhões e 800 mil habitantes pacificos a abandonar os seus lares, sequestrando dois bilhões de valores aos seus possuidores, preferindo 347:452 sentenças em virtude de que foram queimadas vivas 34:658 pessoas, 18:149 em effigie; 249:739 enviadas ou condemnadas a prisão perpetua e a penas infamantes, a Hespanha oppõe hoje a liberdade de cultos, isto é, a desaparuição do catholicismo e a abolição da pena de morte; ao injusto, iniquo, dispendioso e corruptor governo monarchico, o sublime, virtuoso e equitativo governo da republica; á acção centralizadora das monarchias da renascença, d'um Carlos Quinto, d'um Philippe II, d'um Philippe III e d'um Philippe V, perante quem succumbiram todas as cidades e seus defensores, a Hespanha oppõe hoje o principio da liberdade municipal e proclama aos quatro ventos do espaço a *republica hespanhola federal*.

Não será este o castigo e a condemnação mais solemne da igreja e da monarchia?

ALVES DE MORAES.

ativos: vão allí guerrear e desvirtuar as aspirações dos philosophos, e as idéas dos livres pensadores? Pois bem. Exercem os amigos da Democracia a propaganda anticlerical; instruem o povo no conhecimento dos seus deveres moraes, perfeitamente independentes dos preceitos de qualquer religião imposta. Na falta do pulpito e do confessional, espalhem as suas doutrinas nas palestras, nos jornaes e nos livros ao alcance de todos.

Mas, tratando de applicar estes principios ao nosso paiz, por ventura no actual regimen monarchico, que nos dirige, pode fazer-se isto? Em Portugal, onde a reacção campea fortemente, ha por ventura liberdade para todos? Não ha, de certo.

Cancem-se os que tomaram a peito sophismar as liberdades que gosamos á sombra da monarchia, que não conseguem provar-nos senão que, mais ou menos encobertos, são tambem instrumentos de reacção. E, note-se, eu não temo que a reacção abase o espirito democratico. Combato-a porque estorva tão sómente que a Democracia tenha entre nós um desenvolvimento mais rapido.

Exponho as suas tendencias e os seus vicios para ter mais direito de afirmar o quanto é inimiga das liberdades individuais, o quanto embaraça o triumpho de um certo numero de concepções, que tem por base a Verdade e por fim a Justiça e a Igualdade, principios consubstanciaes do credo da Republica.

E' justo, inteiramente justo, que os padres disfructem os seus direitos de homens livres. Sejam uns os apóstolos do mal; sigam outros o caminho do bem. Evangelisem as virtudes da religião que reconhecem, e, se quizerem, ou lhes convier, sirvam-se do sacerdocio como arma politica. Se tiverem ouvintes missionem as doutrinas mais oppostas á mansidão e á paz universal. Façam tudo isso, com tanto que os outros homens tenham os direitos e possam usar dos meios de propaganda no sentido das idéas rasgadamente demostres que professam. Em quanto isto não for realisavel, poderão dizer-nos que temos muitas liberdades no nosso paiz, mas o certo é que vamos sentindo a falta de algumas das principaes—a liberdade de ensino, e a liberdade religiosa.

Ora, se a monarchia, como estamos presenciando, precisa do apoio da reacção, como pode ser a proclamadora da liberdade de cultos, como pode desligar-se das suas relações com a catholica Roma, como pode declarar guerra ás phalanges intransigentes do Papa?

Para uma epoca de movimentos é preciso um governo de movimento. Assim se explica porque a forma republicana é hoje o ideal dos povos livres.

E' preciso fazer ver aos impognadores da politica democratica, que a Democracia pensa em mais alguma coisa que na abolição dos titulos de nobreza. Não dá margem a que o espirito reaccionario contamine os povos. Vive pela liberdade, não é exclusivista. A's coisas do céu antepõe as revelações da sciencia positiva. Amaldiçoa a politica ignominiosa e sanguinaria do padre Santa Cruz, e considera o sacerdote respeitavel que mantenha com dignidade as suas crenças religiosas, quer invoque o Deus dos christãos, o Brahma dos povos indiatcos, o Allah dos musulmanos, ou o Jehovah dos israelitas.

Pensa, finalmente, em substituir por ousadas reformas os preconceitos das sociedades, onde a realza é uma magestosa inutilidade, ao abrigo da qual prepondera o absurdo, e são menos livres as instituições.

Só assim veremos desfeita a alliança entre os padres e os reis!

Albano Coutinho Junior.

## Dois palavras sobre a imprensa periodica em Portugal

I

O que é e o que deve ser a imprensa actualmente todos o sabem.

Escola é ella quando illumina, lição, quando aproveita, sacerdocio quando moralisa, evangelho quando derrama e santifica acções nobres e generosas.

Mas, entre nós, a imprensa desvirtua-se a cada passo, tornando-se protectora de velhos preconceitos e fomentadora de pessimos systemas.

O jornal é antes de tudo uma agiotagem ridicula. Ou se explora a opinião publica como acontece com o *Diario Illustrado*, ou se defendem tontos prejuizos como presentemente o está fazendo o *Jornal da Noite*.

Ora tal não é nem pode ser a missão da imprensa periodica.

Para apostolar a Verdade e a Justiça é mister primeiro que tudo converter o jornal em órgão imparcial e recto.

Com a mira no interesse simplesmente colhe-se, quando muito, uma companhia sujeita ás leis do interesse e do capital burguez, mas nunca, um batalhador destemido e honesto.

Nunca a imprensa foi mercadoria. As leis da oferta e da procura não podem regular a consciencia humana, aliás teriamos a venalidade em vez da independencia e o parasitismo em vez da auctoridade e do direito.

Outrosim, acreditamos que a imprensa pode e deve *photographar* os acontecimentos diarios e nunca invental-os.

Os dois factos, que, ha pouco se deram ácerca dos ladrões da *Azambuja* e dos dois suicidios de Vizeu, provam, até ao ultimo ponto, um terrivel relaxamento social, garantido pela falta de probidade litteraria e pelo abuso de pennas venaes e torpes.

Quando a prostituição reina em tamanho grau e em tão feroz intensidade é justo que sobre ella chamemos a attenção do publico illustrado.

E' mister destruir de uma vez para sempre esse bando de analfabetos, que hoje nos perseguem sem cessar. E' mister que á treva succeda a claridade. E' mister que nos convençamos energicamente da impotencia de uma sociedade pôdre e carcomida.

E isto em quanto é tempo. Depois será tarde e muito tarde.

MAGALHÃES LIMA.

## QUESTÕES THEOLOGICO-SOCIAES

Existe uma escola em philosophia que demonstra conforme pode, mas principalmente estribada na historia, que toda a philosophia de uma epoca se transforma em religião na epoca seguinte. Conta no seu gremio o socialista S. Simon, o philosopho Darimon e, segundo alguns, tambem os positivistas Comte e Littré. Combatem-na Vico, Proudhon, Condorcet e geralmente todos os naturalistas e livres pensadores.

Escusamos dizer que nos encostamos a estes ultimos, não pela auctoridade das suas pessoas e das suas razões, mas por um estudo reflectido da historia do desenvolvimento da humanidade.

Segundo o testemunho da historia vemos, não só em diferentes povos, mas ainda em cada um separadamente, apresentarem-se tres epocas bem distinctas, o periodo religioso, o periodo heroico-grandioso ou metaphico e o periodo propriamente humano. A India tem sido sempre religiosa, porque nunca se separou naquella paiz o dogma da sciencia. Os vedas são um código de leis, as leis de Manou, são um código de religião. O mesmo succedeu com os livros chamados santos, com a Biblia. Onde se encontra no antigo testamento um livro, um capitulo philosophico? Porque estes dois povos nunca saíram da theocracia e permaneceram sempre num estacionamento completo? A sciencia responde: porque nunca se livraram das religiões.

Agora passemos á Grecia. O povo que a habita assignala-se pela liberdade. A re-

ligião allí é uma mera criação do homem, o sacerdote não é um hierarcha de Deus, é um simples funcionario. Neste paiz em vez de a natureza humana ser modelada pelo Deus eterno, é pelo contrario modelado Deus segundo a estatura humana. A religião foi por tanto allí uma criação artistica. Os cultos do Oriente invadem a Europa, querem estabelecer-se nesta parte e o primeiro acto porque se assignala a Grecia é a guerra contra os deuses. O Prometheu de Eschilo é o symbolo d'essa luta de gigantes. O que succede? é que as religiões não se fundam nunca na Grecia; mas em compensação começa a sciencia a desabrochar, formam-se os systemas cosmogonicos, explica-se o mundo, não pela intervenção divina, mas sim pela combinação dos atmos e segundo o predominio d'alguns dos elementos da natureza sobre outros, isto é, chega-se ha perto de 3 mil annos ao que hoje a sciencia tem como mais averiguado no campo da philosophia e da chimica. Isto terá sido um mal e um grande damno para a gloria de Deus, mas o certo é que a sciencia, e o progresso social por tanto lucrrou com elle. A invasão dos barbaros perturba a ordem natural do desenvolvimento humano, interrompe o progresso da sociedade romana, confunde as luzes, modifica a administração e a propriedade; a religião aproveita-se d'este cataclismo e da ignorancia dos que a promoviam e assenta-se commodamente sobre a Europa como rainha absoluta. O que succedeu? a noite da idade média, a epoca da lepra e da vadiagem, como lhe chama Pelletan. Quando começa a desenmaranhar-se este cahos? quando desponha a liberdade e comecem as descobertas para a sciencia e para as artes?

Quando se põem de parte os livros sagrados e se começa a ler as obras dos sabios da Grecia e se attende ás lições dos sabios demonios de Cordova e Sivilha, quando começa a cisania na igreja pela revolta dos Albigenses, pela heresia de Wiclef, João Huss e Geronimo de Praga, quando Roger Bacon é condemnado por ter ido contra a Biblia, e Galileu contra o Genesis. O que é a reforma? é a meia morte da religião. O que foi a revolução franceza? a sua indiferença e a sua morte. Porque ressuscitou com o imperio e a restauração? por um anachronismo. A formula evolutiva de suppressão continua. O que se lê hoje nos livros dos sabios? atheismo social.

Eis aqui como a historia demonstra que o desenvolvimento da humanidade se tem feito lutando contra ella e ao mesmo tempo que a philosophia se não pode transformar em religião. Philosophia significa o conhecimento dos seres e este ha de existir sempre e para que a proposição fosse verdadeira era necessario que a religião fosse eterna.

O que se afirma e se conclue da generalisação da historia da humanidade deduz-se tambem da historia particular de cada povo. Em Roma em principio todos os actos civis são revestidos de formulas religiosas, o casamento, a emancipação, a compra e venda, a proclamação da guerra, as leis ditadas pela nymphia egeria, o arrebatamento de Romulo para os astros, a origem de Roma mesmo, tudo isto é figurado debaixo da religião e d'um symbolismo embruteador. O progresso da sociedade romana consistiu em se ir desligando de todas aquellas formas, elevando-se com Cicero e os philosophos do Portico á unidade de Deus, isto é, á idéa metaphisica e negando por tanto o culto, e rindo-se, como elle o fez, dos deuses; e d'ahi passando com Lucrecio ao naturalismo, com as constituições dos imperadores ao governo da sociedade sem religião alguma; ao concubinato sancionado por Augusto sem formula alguma religiosa e com effectos civis, segundo as leis d'este imperador; á modificação da escravatura pela idéa de equidade, ao passo que a religião a aconselhava por necessidade. O que

se vê na sociedade romana presencia-se em todas as epochas genesiacas; em todas ellas se observa a divisão que faz Vico de tres periodos *divino, heroico e humano*. Augusto Comte segue-lhe os passos e basta ler o primeiro livro da *philosophia positiva* para nos convencer dos males que a religião tem trazido a humanidade; agora nos recorda uma passagem onde elle diz que bastaram os pensamentos audaciosos de tres ou quatro homens taes como Galileu, Cupernico Keppeler, Descartes, etc., para alluir, para sempre a base das religiões.

O trecho d'este auctor que o sr. Laranjo cita contra nós, nada prova, antes confirma o que nós dizemos.

Se a sciencia, como allí se affirma, determina muitas vezes o espirito religioso isso é ainda uma vantagem da sciencia sobre a religião. Não é a sciencia que, segundo Comte, se faz religião, mas a religião que se torna sciencia; porém como o fundo da religião é ser auctoritaria e por consequencia ir estribar-se onde os seus titulos não possam ser disputados, isto é, ao obscuro passado, o reinado da sciencia na religião é sempre ephemero. Foi d'esta maneira que o christianismo que continha alguns elementos de progresso, bebidos na philosophia da Grecia, os abandonou bem breve e foi filiar-se no antigo testamento, cahos de contradicções e absurdos, livro de religião impossivel para um povo medianamente illustrado.

(Continúa).

A. M.

## MANIFESTO

DA

## UNIÃO REPUBLICANA DE PORTUGAL

### AO PAIZ

(Concluido do numero antecedente)

A Republica democratica moderada, esse facho luminoso e deslumbrante cujo clarão alumia já toda a terra, não significa a ruina e a destruição como em toda a parte e hoje especialmente na Hespanha os seus mais eucarnicados detractores têm pretendido por todos os meios fazer acreditar! a Republica é a origem fecunda da paz, da gloria e da prosperidade das nações; e so a Hespanha, essa nação tão grande pelos seus feitos illustres, se debate ainda no meio de grandes embaraços, depois de ter proclamado á face do mundo os direitos da humanidade até então ultrajados, essas difficuldades penosas provem de ter herdado muitos males e muitos abusos da invilicida e corrupta monarchia.

Os erros de meia duzia de desvairados, que existem sempre em todos os partidos e em todas as sociedades, não pôde confundir-se com o principio politico destinado a constituir a felicidade dos povos.

Portugal, em presença da crise grave e séria que atravessa a Europa e o mundo, acha-se em uma situação difficil e complicada, e que constitue um dos mais importantes periodos de que ressam os fastos da sua historia.

Portugal, no extremo occidente da Europa, constituindo uma parte integrante da peninsula iberica, e não podendo recusar-se a tomar parte no movimento geral das modernas sociedades, deve hoje mostrar ao mundo que, se tempos houveram em que mostrou que alguma coisa tinha degenerado das virtudes e dos nobres feitos dos illustres progenitores, hoje recuperando toda a sua antiga gloria, colloca-se ao lado dos povos esclarecidos, para a reivindicacão dos seus justos titulos e dos seus incontestaveis direitos.

E' necessaria a maior vigilancia para que a republica não seja no seu começo mal encaminhada, admittindo nos seus logares supremos aquelles condemnados pela opinião publica, e que têm sido os sustentáculos da monarchia com todos os seus erros e abusos; um passo d'estes seria a annullação ou a abdicacão completa dos foros e dignidade do partido republicano.

E' conveniente pois, esclarecer bem esta questao para que o povo não continue a ser explorado.

O povo deve, que assim o exigem os seus altos interesses, distinguir os verdadeiros republicanos d'aquelles que indistinctamente abraçam qualquer ordem politica, porque estes são por sua natureza nocivos, por isso que, não duvidam atrair qualquer systema politico com tanto que possam occupar os logares eminentes e passar uma vida regalada.

Julgamos indispensavel alludir a este ponto importante por isso que, depois de tão crueis desenganos, parece-nos ouvir ao longe algumas vozes sinistras e agoureiras que não podem deixar de atribular o espirito d'aquelles que desejam e confiam no triumpho e na estabilidade do systema republicano.

Desenganem-se os homens que até hoje têm servido a monarchia, que não podem, não devem, não hão de occupar os logares eminentes da Republica; estes são para aquelles que, afastados de todas as combinações politicas, apresentam um passado immaculado e de verdadeira fé politica republicana.

A republica não pode ser constituída solidamente sem á sua frente se acharem os seus verdadeiros interpretes e legitimos apostolos, e com elles unicamente a distincção necessaria, o indispensavel dos homens bons dos maus, dos que trabalham e dos que nada fazem, do justo e do injusto, em uma palavra, a nobreza que se se funda no esplendor das virtudes cívicas e no trabalho honrado, e nunca a que se pretende impôr pela immuniidade e pelo privilegio, que deve ser proscripta e abominada.

A missao da União Republicana de Portugal é eminentemente digna e civilisadora; o seu fim é grande, justo, nobre e generoso.

Os homens que constituem o seu poder central, ou o conselho geral, têm por fim preparar o espirito publico profundamente abatido pela grande serie de erros e desatinos da monarchia, não para as lutas á mão armada, nem para as guerras fratricidas, o que seria uma nodoa indelevel no systema politico, que tem por base o respeito á vida humana e á moralidade, mas sim para usar dos direitos que o principio republicano concede a todos os cidadãos.

Seria até bastante lisonjeiro e honroso para a Republica que a sua appareção pozesse termo ás lutas armadas.

E' necessario revolucionar as idéas da nação, para que o povo possa abraçar com firmeza e dignidade o principio republicano, porque só assim se poderão conjurar todos os elementos que constante e abertamente conspiram contra a justiça e contra a verdade.

Entraremos pois convictos da grandeza da nossa causa e dos direitos que ainda nos restam, nas lides pacificas da imprensa e da urna. Para esse fim, e no momento proprio, chamaremos o povo aos comicios por meio das nossas secções parochiaes.

E' preciso que Portugal diga á Europa que se o systema constitucional foi imposto pela força, a Republica ha de vir pelo progresso das idéas e pela vontade exponentanea dos bons e leaes portuguezes.

Lisboa 1 de junho de 1873.

O CONSELHO GERAL.

LISBOA, 18 DE JUNHO DE 1873

(Do nosso correspondente)

Cá estou de novo. Não fiz falta, creio. E, a proposito, cumpre-me tributar aqui os meus agradecimentos ao nosso bom amigo F. que tão vantajosamente me substituiu durante a minha ausencia.

—Entre os factos mais dignos de men-

ção, pelo grotesco de que se acham revestidos, convem notar a interpellação (sic) feita pelo DIARIO ILLUSTRADO (sic) á redacção da Republica, sobre a forma do governo federal. Os velhos meninos, que d'alli offendem diariamente o senso commum do publico que os tolera, querem, pelos modos, lição. Entrarão na via do arrependimento? Que edificante quadro!

Têm lá queijadas, dizem. Já os conheciamos na especialidade das pastelladas, na qual deixam a perder de vista os seus collegas incolores. Continuam zangadinhos com o correspondente da Republica em Lisboa, ein? Verdadeiros monstros de ingratição!

—Ha dias, um curioso de bom gosto enfeitou com uma porção de ILLUSTRADOS o cachaco de um touro na praça do Campo de Sant'Anna. Houve gargalhada, já se vê. Disse-se que era hespanhol o gracejador. Parece que não é. Querer dar áquelle facto, logico e fatal, a apparencia d'uma reprezalia dictada pelo amor patrio é de um comico desforgiano. Os hespanhoes devem rir muito da guerra (sic) do embo-necado jornalsinho.

—A desdentada e manhosa Nação ataca, em duas columnas, a Republica Portuguesa. Aquella pobre tonta já nem vê para onde atira. O resultado é chegarmos ao cabo das duas columnas em questao e não descobrirmos um argumento, uma idéa, uma phrase que deixe entrever a sombra d'essa idéa. Arredar, pois, d'alli!

—Vai entrar no prélo um trabalho importante sobre o banco Hypothecario. E' dedicado aos pequenos industriaes, derama bastante luz sobre os mysterios d'aquella instituição burgueza e será vendido por preço que o colloque ao alcance de todas as bolsas. Em boa hora venha!

—Continúa a fazer-se esperar a conferencia do sr. dr. Valle na Federação Academica, contra as grèves. E' pena.

—Projecta-se com visos de proxima realisacão, a publicação dos Contemporaneos. E' no gosto da galeria biographica de Mirecourt. Encetará a sua carreira com a biographia do sr. Fontes Pereira de Mello, mas não é politica. Seguindo a expressao de Michelet, busca estudar na biographia a sociedade, a humanidade no individuo. Para este fim passará em revista as sumidades politicas, scientificas, artisticas, argentarias que influem na vida publica, etc. Como Mirecourt tem os seus Gerard de Nerval, a revista portugueza buscará collocar ao lado dos vultos que repugnam, aquelles cuja vida pode ser exemplo.

—Terminou os seus dias A Monarchia. Antes de expirar deu-nos uma farçada curiosissima na seguinte noticia:—«Breve-mente encontrar-se-hão na Covilhã os srs. Chagas e Vaz Preto.»—Que eclipse! Pasmam os infinitesimos. Vidal empunha a lyra...

—O sr. Luciano Cordeiro publicou em folheto a sua formosa preleção feita na Federação Academica Lisbonense. Intitula-se: Da Revolução.

O mesmo escriptor vae brevemente a Coimbra. Previno os meus amigos d'ahi que tambem o são d'elle.

—Uma penosa enfermidade de que tem sido victima o sr. Adolpho Coelho, impediu que até hoje fosse publicado o seu trabalho sobre o Fausto dos srs. Castilho e Gomes Monteiro. Sahirá brevemente.

—Nada mais, por hoje.

S. P.

## NOTICIARIO

Consta-nos que no Seminario d'esta diocese existe o evangelico costume de obrigar os educandos a comprar os livros na propria casa. Ora estes livros são obtidos pelos gerentes d'este estabelecimento, com grandes abatimentos, sem que, todavia,

isso obste a que a venda se faça pelo preço que teriam sem tal redução.

E chama-se a isto casa de moralidade! casa de religião!

Nós chamamos-lhe casa de commercio, que ali está fazendo concorrência a professores particulares, livreiros, padeiros, etc., etc. Assim já nos não admira que haja dinheiro para fazer expropriações no bairro de S. José; e adornar salas com luxo exquisito e pouco proprio de taes estabelecimentos

Um jornal de Lisboa, que por antithese se chama *Illustrado*, pedia-nos ha pouco uma definição de republica federal. Já muito nos tinha parecido que o collega necessitava d'ella. Havemos de dar-lh'a, tenha a certeza d'isso. Antes, porém, é conveniente que vá colhendo algumas luzes sobre estas coisas de politica, e especialmente de politica republicana, de politica federal. Para isso aconselhamos-lhe a leitura das obras de Proudhon, Tocqueville, Roque Barcia, Vacherot, Stuart Mill, a constituição dos Estados Unidos e da Suissa, o programma democratico do sr. Castelar e muitos outros documentos que andam na mão de todos, e onde singelamente se expõem os principios fundamentaes do federalismo. E' o que por hoje temos a dizer-lhe, podendo mimosear com as taes queijadas os meninos do *illustrado*, que tão incipientes entraram nas lides da imprensa.

Recebemos *La Fraternidad*, jornal republicano-democratico-federal, de Manreza, que achamos escripto com uma grande convicção de principios e com muito luxo de estylo. Agradecemos a troca.

Começou a publicar-se nesta cidade um livro, importante pelo assumpto e pela fama do seu auctor. Intitula-se—*Philosophia da Historia do Christianismo*. E' escripto pelo lente de direito Joaquim Maria Rodrigues de Brito, nome já notavelmente ennobrecido pelos seus trabalhos de philosophia juridica.

Esperamos a appareção da obra para emitir a nossa opinião.

Ratazzi, que tão popular foi durante muitos annos na Italia, acaba de fallecer. Nasceu em 1808 na Alexandria cidade de Italia. Militou sempre na avançada liberal, e foi collega d'aquelle homem notavel, d'aquelle espirito elevado e activo—de Cavour, que teve a infelicidade de por o seu talento á disposição de um systema politico desgraçado.

E' tal o enthusiasmo pela republica e pelos seus homens nas cidades de Hespanha, que a municipalidade de Alicante se propõe variar os nomes de algumas praças e ruas, pondo rotulos tão expressivos como *Castelar*, *Figueras*, *Republica federal* e outros não menos celebrados.

A votação para a presidencia do congresso hespanhol deu o seguinte resultado: D. Nicolau Salmeron, 167 votos; D. Estanislau Figueras, 74; Suncer (Senior), 1; Blanc, 2.

O general Pierrad foi nomeado capitão general de Madrid, e Hidalgo governador civil.

O novo ministro da guerra, Estavanez, apenas foi nomeado, dirigiu ao exercito a seguinte proclamação:

Soldados:—Eu não sei se terei forças para desempenhar cabalmente o encargo que a assembléa constituinte me confiou hontem; porém muitos de meus antigos companheiros já sabem que me não ha de faltar nem decisão, nem boa vontade.

O exercito acha-se desde ha muito se-

dento de justiça. A justiça se cumprirá, e o exercito entrará de novo pela senda esquecida da honra.

Se o governo federal, imitando outros governos de funesta memoria, esquecer os seus programmas e promessas, razão haverá para perder a esperanza de que o exercito se dignifique.

Porém eu vos prometto, debaixo da fé da minha palavra, que se eu continuar á frente d'este ministerio organizar-se-ha a força publica, modificar-se-hão as ordenanças, restabelecer-se-ha a disciplina e far-se-ha a revisao das folhas de serviço.

Temos valentes soldados, dignos officiaes e brilhantes chefes; podemos fazer do exercito hespanhol um dos primeiros do mundo.

Assim vol-o promette, ao enviar-vos sua cordeal saudação, o vosso antigo camarada.—N. Estevanez.

## A REACÇÃO

(A GUILHERME CRAÇA)

Olhae! como negraja e rastejando, passa, Envolta nuns andrajos e ebria e esfarrapada, E a eterna maldição na face descarnada, A furia do passado, o espectro da desgraça!

Das torpes bacchanas lá traz consigo a taça Que no prostib'lo foi mil vezes esgotada Ao som de muito pranto e muita gargalhada... A serpe inquisidora ao peito se lhe abraça.

Caminha, só, de noite, essa visão tremenda, A soletrar no escuro a sua historia horrenda, E lança em torno a si o olhar torvo, sinistro...

Buscando o lupanar, masmorras, pergaminhos, A forcea ensanguentada, a argola dos plourinhos. —E traz a tua cruz, no seio impuro, oh Christol!

SIMÃO VELLOSO.

## EXPEDIENTE

Os nossos illustres assignantes que sahirem de Coimbra, tenham a bondade de partilhar a redacção o local para onde desejam que lhes seja remetida a nossa folha.

## ANNUNCIOS

### COMPANHIA REAL

DOS

### CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

## AVISO AO PUBLICO

Não é permittido aos conductores de omnibus, char-à-bancs, diligencias, etc., assim como aos agentes de hospedarias, ainda quando munidos de bilhetes de admissoão nas gares, angariarem passageiros ou hospedes dentro das estações.

Outro sim é formalmente prohibido aos portadores de bilhetes de entrada nas estações, aproveitarem-se d'estes para venderem agua, fructas, doces ou qualquer outra cousa, no recinto das mesmas estações, a não ser que para isso tenham contractos especiaes com a Companhia.

Aos que transgredirem estas instrucções não só lhes será immediatamente cassado o bilhete, mas lavrado auto de noticia, em conformidade com o que dispõe o artigo 31.º e seus paragraphos, do decreto de 31 de dezembro de 1864 sendo os delinquentes entregues á auctoridade competente.

Lisboa, 9 de junho de 1873.

O Director da Companhia  
M. Affonso d'Espergueira.

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra—Trimestre... 300 reis, semestre de 30 numeros... 600 reis.—Para ás Provincias—Trimestre... 360 reis, semestre... 720 reis.—Avulso no proprio dia 20 reis.—Annuncios 30 reis cada linha.—ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA. Assigna-se:—Em Coimbra, na rua da Sophia, n.º 59 e 61.—Em Lisboa, na Livraria Internacional, rua do Arsenal

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção da Republica Portuguesa, Coimbra—Couraça de Lisboa, 87.